

Conversas com animais

A MÉDICA VETERINÁRIA QUE SE COMUNICA
COM OS ANIMAIS E CURA OS SEUS DONOS

VOCE ESTÁ
PREPARADO PARA
OUVIR O QUE
O SEU ANIMAL TEM
PARA DIZER?



MARTA SOFIA GUERREIRO



Ficha Técnica

Copyright © 2013 Marta Sofia Guerreiro e Edições Asa,
chancela Lua de Papel.
Todos os direitos reservados.
Tradução para a Língua Portuguesa © 2014 by Texto Editores Ltda.

Preparação de texto: Mônica Santos
Revisão: Cíntia Mayumi Miyahara Yabiku
Fotografia da capa: Paulo Castanheira
Capa: Neusa Dias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/
7057

Guerreiro, Marta Sofia
Conversas com animais / Marta Sofia Guerreiro. - São
Paulo : Lua de Papel, 2014.
ISBN 9788581780795

1. Comunicação homem-animal 2. Relação homem-animal
3. Espiritualidade I. Título
14-0562
CDD-636.0887

Índices para catálogo sistemático:
1. Comunicação homem-animal

2014
Texto Editores Ltda.
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo - SP
www.leva.com.br



Conversas com animais

A MÉDICA VETERINÁRIA QUE SE COMUNICA
COM OS ANIMAIS E CURA OS SEUS DONOS

Aos animais
Ao meu cão Puffy

*“O amor não desiste perante o impossível,
não desarma perante a dificuldade.”*

SANTO ANDRÉ

CONVERSAS COM ANIMAIS

PREFÁCIO

Num dos últimos dias de janeiro de 2012, quando, a propósito de um outro trabalho que estava fazendo, liguei para Marta Sofia Guerreiro, percebi imediatamente que não estava falando com uma pessoa “comum”.

Inicialmente, ligar para uma médium que também se comunica com os animais (como a descreveram) já não é, por si só, uma experiência comum, mas encontrar do outro lado alguém que parece reconhecer-me e que, de certa forma, me dá a entender que aguardava o meu telefonema, é arrasador de qualquer ceticismo, por mais convicto que ele queira se mostrar.

Percebi a razão de ela esperar o meu contato no telefonema seguinte, quando Marta me contou que, três dias antes de eu lhe ligar pela primeira vez, se sentara na cama e pedira que lhe enviassem alguém que a pudesse ajudar a levar a cabo uma das tarefas que a vida lhe confiara: divulgar a importante mensagem da missão dos animais por meio de um livro que chegasse a um leque maior de pessoas, a quem essa mensagem pudesse tocar e, se possível, transformar a visão.

Perguntei-me se seria mesmo eu, de fato, a pessoa de que ela precisava para tornar real tudo aquilo que ela já havia escrito, encaminhando-a na direção certa e tornando a sua missão possível. Mas quem era eu para duvidar, se tudo se tornou também, rápida e inexplicavelmente, uma certeza para mim? E não são essas certezas que o nosso coração nos impõe mais poderosas do que todas as outras que avaliamos racionalmente? Por que questionar se, de repente, sentia uma alegria imensa por fazer parte de algo maior do que a minha compreensão?

Pedi à racionalidade que me deixasse viver esta oportunidade sem me encher a cabeça de questões e embarquei na profunda experiência de conhecer Marta e os seus projetos AMA.

Comecei por conhecer a sua história, que me deixou sem palavras (poderão lê-la mais à frente), depois fui perceber quais eram os seus dons e de que forma ela os usava em benefício das pessoas e dos animais e, quando dei por mim, concluía que este “mundo novo” não estava num campo oposto do mundo que eu conhecia. O fato de não conseguirmos explicar certos fenômenos não significa necessariamente que eles não tenham explicação. Quanto daquilo que era negado pelos nossos antepassados não se tornou já uma corriqueira realidade no nosso mundo? Acredito que no dia em que atingirmos um outro patamar de evolução que nos permita entender outro tipo de fenômenos, os dons de Marta serão aproveitados sem reservas, mas por enquanto ainda percorrem um caminho com algumas críticas e rejeições dos que em nada acreditam. Felizmente, ela também tem o carinho de todos aqueles que entenderam a diferença que a sua mensagem pode trazer para a vida de cada um deles.

Depois de ler o seu livro e ficar ainda com mais certeza de que a sua mensagem teria de ser divulgada, Marta me convidou para escrever este prefácio, o que me encheu de uma redobrada responsabilidade. Mas como explicar num prefácio que Marta tem, efetivamente, acesso a um outro tipo de comunicação que é vedada à maioria de nós? Como explicar racionalmente que aquilo que Marta diz às pessoas com quem se cruza e consulta é verdadeiramente importante para as suas vidas e faz toda a diferença nos desafios por que todos passamos? Como provar às pessoas que Marta é uma pessoa “especial”, se essa não é uma experiência só comprovável em palavras? Tal experiência será apenas provada quando vivida por cada um daqueles que a tomarem para si. Não cabe, portanto, a mim, comprová-lo. Apenas dizer a vocês, com um sorriso, que em mim fez toda a diferença.

Talvez a abertura do leitor a estes temas até já seja uma certeza, e a mensagem deste livro seja para ele, de imediato, irrefutável. Mas também é possível que a encare com desconfiança, entendendo, inicialmente, que este livro nada lhe dirá. Naquele que idealizo como mundo perfeito, todos teremos liberdade para viver a fé naquilo em que acreditamos, seja isso o que for, sem julgamentos. Teremos liberdade para ser como somos e em aceitar o que sentimos. E, nesse mundo, pessoas como Marta serão sempre luzes no nosso caminho. Em momentos de escuridão, se quisermos descobrir a luz, dentro e fora de nós, haverá sempre quem se disponibilize a nos guiar e ajudar neste caminho que é a vida. E esses seres só podem ser merecedores da nossa gratidão.

Por último, falo dos animais. Deveria começar por eles, porque eles estão no centro deste livro, mas acredito que não será difícil, para a maior parte das pessoas que lerem este livro, aceitar que os animais são especiais e fazem tudo por nós. Tendemos até a desconfiar mais das pessoas do que dos animais. Quem tem possibilidade de os ter – sobretudo gatos e cães – sabe do que falo. Conhece o seu olhar penetrante. A sua afeição incondicional por nós. A forma como nos defendem, mesmo colocando em risco sua vida. Conhece o companheirismo. A obediência. A ternura. Quantos de nós, que gostamos de animais, não pensamos já como o mundo seria melhor, se fôssemos mais semelhantes aos animais, em tantos aspectos...

Quando criança, tinha por hábito deixar escrita em papel a história de cada animal que passava pela minha casa. Alguns, apanhavam na rua; outros me eram oferecidos; outros apareciam por acaso. Naquela época, escrevia por curiosidade, para que a memória não me traisse. Mas hoje, à distância, essas folhas de histórias permitem-me entender o que aprendi com cada um desses animais. Até, indo um pouco mais longe, olhando o destino de forma mais arrojada, por que razão cada um deles apareceu na minha vida. Ganhei esse olhar diferente sobre aquelas histórias depois de conhecer a Marta. E, hoje, pra mim é impossível olhar para cada um dos meus animais da mesma forma. Se eu tivesse conhecido Marta mais cedo, ela teria sido também médica deles, porque os entenderia mais completamente e encararia cada um dos seus problemas em diferentes dimensões da sua vivência e também da vivência dos seus donos.

A medicina vem caminhando nesse sentido, e são muitos os médicos que procuram entender a doença como manifestação de algo que pode não ser apenas físico, e que por isso mesmo pode reincidir, se não se trabalhar sobre a sua origem emocional. Assim também um veterinário poderá olhar a doença do animal como uma manifestação que extravasa o seu corpo. Manifestação essa que pode ser reflexo do seu estado emocional, ou pode estar, como Marta nos vem dizer, também ligada à saúde física, emocional e espiritual dos seus donos. Como ela própria explica, ao longo do livro, todos somos energia, todos estamos ligados, todos somos um. E é quando o integrarmos completamente na nossa vida que nos tornamos seres melhores, mais completos e sobretudo mais felizes.

Obrigada, Marta, por você ter “chamado” por mim.

Obrigada por você ser quem é e pelo trabalho que desenvolve com todos.

Obrigada por dar voz a quem não a tem, e por tornar mais felizes aqueles com quem você cruza!

SARA RODRIGUES, escritora.
Março de 2014.

A MINHA GRANDE CAUSA

“Como voz pioneira que é, leve sempre consigo a luz, a coragem, a perseverança e a inspiração! O seu compromisso é total. Lembre-se de que as pessoas não são perfeitas, mas o amor é, e que o mais importante na vida requer paciência e dedicação de tempo e energia. A verdade vencerá tudo.”

Recebi estas palavras no dia 12 de dezembro de 2012. Foi um dia especial para mim, mas também para milhões de pessoas, pois assinalou a mudança para uma nova era astrológica, a era de Aquário – uma era de fraternidade universal com grandes oportunidades para o desenvolvimento intelectual e espiritual da humanidade.

Aquelas palavras me fizeram perceber que tinha chegado o momento de partilhar a minha história e o meu trabalho. Senti que tinha de partilhar as invulgares aptidões com as quais nasci, e que durante anos teimei em negar, mas que acabaram por complementar a minha profissão: a minha capacidade para me comunicar com os animais. Aquelas palavras foram também o impulso mágico para iniciar a escrita deste livro cujos primeiros rabiscos foram feitos na véspera do Natal de 2011. Mas como tudo na vida tem o seu tempo e o seu momento certos, foi necessário percorrer todo um caminho de autoconsciência e responsabilidade para dar voz a quem jamais se manifestará por palavras: os animais, a razão de ser deste livro.

“Ser grande é abraçar uma grande causa”, como disse William Shakespeare. O grande objetivo deste livro é revelar a verdadeira missão e o valor dos animais na Terra e o que eles realmente fazem por nós. Uma missão profundamente espiritual e altruísta que levou à criação do meu primeiro projeto pessoal, o AMMAPET¹.

Ao longo dos últimos anos me dei conta de que, quando se toma consciência desta ligação que existe entre nós e os animais, é possível melhorarmos enquanto seres humanos e mudar as nossas vidas para melhor. Para isso, basta simplesmente permitir que se “ouçam” os animais.

A grandiosidade das partilhas persiste nas comunicações telepáticas que faço com estes verdadeiros mestres de quatro patas, assim como nas minhas lágrimas e nas dos donos dos animais. Mesmo quando, com o passar do tempo, penso que já poucas delas possam me surpreender.

Este livro demonstra o que desde pequena sei e sinto. Que todos somos um e que a verdadeira compaixão implica o respeito por qualquer ser vivo.

Sei que cada um de nós tem o seu momento para despertar e entender as mensagens do universo, mas ainda me entristece o desrespeito por seres que não possuem a mesma forma de expressão que nós, e por isso são catalogados como inferiores. Há seres na Terra, os animais são um exemplo, que têm missões extremamente altruístas, mas que são muitas vezes incompreendidos e até rotulados por aqueles que preferem viver à superfície dos ensinamentos dados por esses seres sem voz humana.

Viver com consciência implica mergulhar na raiz de um ensinamento, perceber que não há um único acaso ou coincidência nesta jornada que é a Vida.

Pois quando abrimos realmente os olhos, a luz entra!

E a verdadeira missão dos animais prova isso, pois eles morrem por nós se for essa a única forma de nos ajudar no nosso processo evolutivo aqui na Terra.

Convém, no entanto, frisar que este é o “serviço” dos animais, logo não devemos alimentar quaisquer sentimentos de culpa perante a entrega dos nossos amigos de quatro patas. Não somos um fardo para eles, antes pelo contrário: ajudar-nos é o seu dom instintivo, é a sua missão, é a prenda que nos dão diariamente.

Uma entrega tão grande pode parecer ingênua, mas não é: se eles se dão assim, é justamente porque são puros. E somos nós, seres humanos, que muitas vezes perturbamos essa sua maravilhosa pureza só porque não entendemos como ela pode nos ajudar.

Os ensinamentos dos animais são de tal forma luminosos que os comparo ao Sol: o Sol não procura recompensa, não espera elogios, simplesmente brilha. Não obstante, permanece receptivo a qualquer manifestação de afeto ou apreço, se os olhos de quem o vê se deslumbrarem. Tal como o Sol, também os animais se remetem ao seu eterno silêncio numa missão de amor, cumprindo a sua dádiva incondicional, sem cobranças.

Como terapeuta e estudiosa da psique humana, reconheço que qualquer fanatismo é sinónimo de uma disfunção ou dor emocional não resolvida e por isso nunca priorizei os animais em detrimento dos humanos. Para mim, todos somos prioritários, pois todos somos um e cada um tem o seu papel e a sua missão.

A nível racional ou cognitivo, o ser humano é mais evoluído, mas a nível emocional, os animais nos ultrapassam, pois são dotados da capacidade de amar incondicionalmente.

Descobri que a minha missão é dar voz a estes seres que não conseguem se exprimir verbalmente. Mas não foi fácil chegar até aqui. Eu também demorei a encontrar o Sol. Mas hoje me sinto grata e abençoada, pois esta é a minha grande paixão.

Acredito que um dia as pessoas deixarão de abandonar os seus animais e passarão a tratá-los com o respeito que merecem, pois é apenas uma questão de tempo até se dar a “abertura” da consciência individual e este conhecimento universal.

Por isso é tão importante para mim divulgar essa mensagem, fazer chegar a um número cada vez maior de pessoas que os animais têm uma “voz” e uma missão intrinsecamente ligada a nós e ao nosso caminho nesta vida. Eles podem realmente nos ajudar e o fazem sem esperar nada em troca.

É isso que mostro ao longo deste livro, com uma série de histórias reais que testemunhei ao longo dos anos como médica veterinária, mas também como comunicadora telepática de animais. É possível perceber como eles “falam” conosco, como nos ajudam, como pressentem as nossas necessidades quando, por vezes, nem mesmo nós próprios sabemos que as temos. Vou mostrar-lhe as diferenças entre os vários animais e o propósito especial que cada um tem para nós. Mas, mais importante, neste livro partilho com vocês o que anos de experiência profissional e pessoal me ajudaram a concluir: que os animais podem nos curar em todos os níveis.

Como nos disse Gandhi: “Verás que há lugar para todos!” Existe sim, um lugar onde os animais estão bem ao nosso lado rumo ao amor incondicional e à unidade.

1. O site da associação é o <http://www.martasofiaguerreiro.com/AMMAPET/index.html>

A MINHA HISTÓRIA

“Conte-me a sua história!” É um pedido que ouço com muita frequência, dentro e fora das minhas consultas.

A maioria das pessoas que se encontra comigo tem curiosidade e quer perceber como é que uma pessoa que sempre foi agnóstica enveredou num mundo totalmente desconhecido.

Sempre considerei que o meu Deus era a medicina, e a racionalidade, o meu lema. Este novo mundo do “oculto” não se enquadrava de forma alguma nos moldes nos quais cresci. Demorei algum tempo para perceber e aceitar que as minhas aptidões são apenas a consequência da minha totalidade, pois ali sempre estiveram. Muitos chamam de dons o que para mim são aptidões, pois todos nós temos capacidades específicas de acordo com o nosso propósito de vida, mas nem sempre acreditamos ou fazemos uso delas. O meu percurso me ensinou que devíamos honrá-las, quer por nós, quer pelos outros. Afinal, não somos todos um?

Vou então contar para vocês a minha história.

Nasci na cidade de Viseu no primeiro dia de janeiro de 1982, com uma sensibilidade que nem sempre foi aceita nem compreendida por mim nem pela minha família.

O nome Marta Sofia foi escolhido pela minha mãe e desde pequena um tio-avô, padre e professor, chamava-me a atenção para a responsabilidade de o meu nome significar “Senhora da Sabedoria” em latim.

Minha mãe conta que, quando eu era bebê e até os três anos, passava a noite inteira chorando, e ela quase chorava também por não saber o que era dormir há tanto tempo.

Ainda pequenina, mas já com mais de três anos, sentava-me na cama à noite a olhar para o infinito e novamente não queria adormecer. Ela suplicava que eu fosse dormir, mas eu dizia-lhe: “Vai embora... Você não entende, mamãe...”.

As memórias desse tempo são vagas devido à minha tenra idade, mas recordo-me do que sentia. Não via nem ouvia nada que me causasse medo. Sentia apenas que não me deixavam dormir, mas quem causava isso eu não sabia.

Fui crescendo e me tornei uma menina calma, meiga e muito sensível. Na escola primária, a professora comentava com os meus pais que eu era a única criança que lhe dava um beijinho no início e fim da aula, assim como aos meus colegas de turma.

Eu fui me tornando também analítica, autoexigente e perfeccionista nos estudos.

As minhas raízes familiares foram conservadoras e visionárias. Vivi muito próxima dos meus avós paternos, que eram extremamente religiosos. Tive uma educação com padrões morais rígidos, alguns preconceitos, em que a busca pelo reconhecimento, pela realização e pelo sucesso profissional foram bases marcantes.

Nunca acreditei em Deus, por vezes até ridicularizava a crença. Assim que conheci a teoria do *big bang*, assumi-a como a mais plausível para a criação inicial do universo. A minha mãe sentia um grande desgosto por eu ser tão, radicalmente, cética.

Talvez por isso o meu pediatra-avô me fascinasse. Apesar de não ser meu avô biológico, ele existiu na minha vida como se o fosse e me tratava como tal. Licenciado com nota máxima na Faculdade de Medicina de Paris, era um médico excepcional: bastava-lhe olhar simplesmente para um bebê para fazer um diagnóstico certo. Tantas vezes escutei os pais dos bebês que ele salvava o chamarem de “sumidade”. Ficava a ouvi-lo falar sobre medicina e ele sempre me dizia:

“Um dia você vai curar muitos bebês assim como eu. Tudo o que tenho no meu consultório ficará para você, princesa.”

Durante o ensino médio, o padrão repetia-se: tinha classificação quase máxima na maioria das disciplinas, mas quando surgia uma nota um pouco mais baixa, sentia uma profunda frustração que terminava em lágrimas. Ainda hoje ouço os meus pais dizerem que nunca me pediram para ir estudar, ao contrário, pediam-me para parar de estudar tanto.

O meu *hobby* era a dança, uma grande paixão até hoje. Todos os dias dançava pelo menos duas horas, e muitas pessoas me diziam que esse era o meu “dom”. Nunca lhes dei muita atenção, pois o que eu buscava era essencialmente conhecimento.

O voluntariado tornou-se também um *hobby*, pois fazia-o com imenso prazer e alegria. Comecei por angariar fundos para as missões da África, para os padres Combonianos, passei pelo Banco Alimentar e pela Liga Portuguesa contra o Cancro.

Adorava ler e lia de tudo. Com 14 anos, os livros que se destacavam na cabeceira da minha cama eram obras de Jean-Paul Sartre, Freud e Jung. Fascinavam-me a Filosofia e a Psicanálise. Um professor de Filosofia do liceu, ao despedir-se ao fim dos dois anos em que esteve conosco, escreveu uma dedicatória a cada aluno, dado que todos criamos uma forte ligação com ele. Guardei religiosamente esse papel no qual ele me descreveu como “uma aluna excepcional, cheia de empenho e exigência, muito curiosa, dotada de uma memória incrível e uma ânsia de querer saber sempre mais. Uma combinação harmoniosa com um lado sonhador e sensível que irá resultar num futuro brilhante para a Marta!”.

De fato eu sonhava acordada, e o mundo que eu via através dos meus olhos sempre foi cor-de-rosa. Mas foi nessa mesma altura que comecei a ter sonhos noturnos perturbadores. Sonhava com acontecimentos que se revelavam no dia seguinte, inclusive com a morte de pessoas mais ou menos próximas, mas meu medo e minha vergonha não me permitiam partilhá-los com praticamente ninguém.

Quando tinha cerca de 14 anos, começaram a acontecer experiências ainda mais marcantes. Três amigas da escola e eu começamos a brincar de “jogo do copo” nas tardes em que não tínhamos aula. Este jogo baseia-se num copo que, virado com abertura para baixo e com os dedos dos jogadores em cima da sua base, se move em direção às letras de um abecedário que foi previamente colocado em cima da mesa. De acordo com a direção do copo formam-se palavras em resposta às perguntas colocadas por quem joga. A dada altura, o copo já se movia praticamente sozinho, sem sequer colocarmos os dedos, e num misto imenso de fascínio e medo, começamos todas a ficar viciadas naquele jogo e na sua adivinhação certa. Uma dessas amigas chegou a perguntar o resultado de um jogo de futebol que ia realizar-se no dia seguinte, apostou dinheiro com outros amigos no resultado dado pelo copo e... ganhou!

Eu não parava de me questionar como conseguíamos fazer aquilo. Fui tentar perceber mais sobre anatomia e fisiologia cerebral para justificar o que estava sendo ativado em cada uma das participantes para aquilo acontecer. Ao mesmo tempo, sentia-me dividida, pois começava a achar que talvez não fosse só o nosso cérebro, com as suas infinitas capacidades latentes e ainda desconhecidas, a causa de tudo aquilo...

Quando estávamos juntas, as portas fechavam-se misteriosamente, alguns quadros pendurados na parede caíam...

Certa vez, numa manhã ensolarada, eu estava na frente do espelho penteando o cabelo e uma caneta que estava em cima da cômoda à minha frente se movimentou. Gritei tanto que corri em direção à minha mãe para contar tudo o que de estranho andava acontecendo.

A escuridão de cada noite começou a tornar-se insuportável e a minha mãe, ao ver tantos medos tomarem conta de mim, foi falar com uma senhora que se dizia entendida nos assuntos do oculto. Essa senhora idosa olhou-me fundo nos olhos e pediu para me afastar daquelas experiências que andava fazendo e começou um ritual no qual pregava uma oração em tom quase imperceptível e pouco audível.

Aproximadamente dois anos mais tarde, aos 17 anos, ingressei no curso de Medicina Veterinária e comecei a ter diversos problemas de saúde, alguns graves e muitos deles sem explicação segundo a comunidade médica convencional. Tive uma saúde bastante frágil até os 25 anos, com muito sofrimento físico e emocional.

O que eu estava fazendo de errado para passar por tantas vivências de dor? Por que eu?

As minhas amigas da faculdade, num misto de pena e despreocupação juvenil, questionavam-me porque eu tinha tantas doenças esquisitas e diferentes.

Durante esses anos, transformei-me num autêntico tratado de medicina, como me chamava um grande amigo médico. Cada mês, eu tinha uma doença diferente.

Apareciam-me subitamente manchas vermelhas na pele; o diagnóstico dermatológico era inconclusivo e confuso. Surgiam dores de estômago muito fortes, mas só encontravam uma leve gastrite; ficava subitamente paralisada do braço direito devido a uma hérnia discal no pescoço que mais tarde diagnosticaram, tinha problemas urinários e ginecológicos graves... Nas próprias intervenções, até nas mais simples, surgiam complicações raríssimas.

Cada órgão parecia já ter uma história para contar, mas cada um desses problemas acabava por se resolver tão depressa como aparecia.

Eu estava me tratando de uma dessas doenças quando decidi ir fazer voluntariado com as pessoas portadoras de deficiência profunda na Santa Casa da Misericórdia. Conheci de perto a realidade daqueles que nascem bem e que, por uma fatalidade, um acidente de aviação, uma embolia ou trombose, ficam limitados numa cadeira ou numa cama até ao fim dos seus dias, dependentes dos outros. Troquei fraldas, alimentei, vesti e embalei crianças no meu colo. Nisso também conheci crianças e adultos autistas, com síndrome de Asperger, com Trissomia 21, com paralisia cerebral... Tive experiências únicas de que me lembrarei para sempre e sei que eles também me embalavam com o seu olhar, que tudo dizia sem palavras, quando eu também precisava de carinho.

E foi numa tarde sentada no jardim da Santa Casa, com uma menina de cinco anos ao colo, que me lembrei de associar os meus problemas de saúde à rejeição daquelas experiências estranhas que tinha vivido anteriormente. Recordava-me muito vagamente do que a senhora me dissera e nessa noite fui investigar e encontrei algumas explicações.

Foi assim que descobri que o que se passava comigo estava relacionado com a mediunidade e a incapacidade de me defender verdadeiramente de todas as espécies de energias, por isso acabava por desenvolver doenças físicas pela instabilidade e violência energética constante que sofria.

O que era mediunidade? Até então desconhecia essa capacidade extrassensorial do ser humano. Afinal, eu estava sempre doente por ter aptidões mediúnicas ou por ignorá-las? Sentia-me bastante confusa.

Vários artigos, em especial os do professor Sérgio Filipe de Oliveira, psiquiatra e neurocientista na Universidade de São Paulo e diretor clínico do Instituto Pineal Mind, expunham praticamente todas as doenças que eu já tinha tido como as mais frequentes nas pessoas cuja mediunidade ainda não estava sendo corretamente gerida. O Dr. Sérgio Felipe de Oliveira tem dedicado a sua vida ao estudo da glândula pineal como sendo o órgão responsável pelos fenômenos paranormais como a clarividência, a telepatia e a mediunidade. A glândula pineal é uma pequena glândula endócrina localizada perto do centro do cérebro, entre os dois hemisférios, que consegue captar certas informações devido às propriedades dos cristais de hidroxiapatite que lá existem. A sua localização corresponde ao conhecido chacra da intuição e tem sido estudada desde Descartes (século XVII), que afirmou que essa glândula era o ponto da união substancial entre o corpo e a alma.

Acabei por desprezar novamente essa questão, pois era algo que não compreendia, mesmo lendo algumas pesquisas e análises científicas dos fenômenos mediúnicos.

Foquei minha atenção nos estudos e empenhei-me arduamente numa altura que sei que ninguém teria vontade de estudar, durante alguns tratamentos tão difíceis. Ganhei um prêmio de mérito na universidade, e com os olhos úmidos e voz trêmula, disse no meu discurso de agradecimento:

“Ser Guerreiro é acreditar que, por detrás das nuvens, brilha sempre o sol... Nunca devemos desistir, pois os nossos sonhos são sempre muito maiores do que qualquer dor por que passamos...”.

Com o dinheiro desse prêmio, e já bem de saúde, fui conhecer a cidade a quem tinha dedicado um caderno cheio de recortes desde criança – Paris, a cidade luz.

Hoje compreendo que, para encontrar a nossa Luz, temos primeiro de vivenciar a escuridão e a dor, pois só assim despertamos e nos autoconhecemos de verdade. Quem se questiona quando tudo está bem?

Concluí o curso em 2004 e assim que me licenciéi comecei a trabalhar numa clínica veterinária, e a área de cirurgia despertou-me grande entusiasmo. Seis meses depois, me tornei diretora clínica daquela que era uma das clínicas mais conceituadas da minha cidade natal.

Tudo parecia correr bem, mas pouco tempo depois, quando eu estava com 24 anos, fiquei subitamente com febres altíssimas, dificuldades respiratórias, entre outras complicações, e fiquei internada algum tempo no hospital com diagnóstico inconclusivo e prognóstico reservado.

“Se você não passar agora por tantas dores, nunca poderá compreender e ajudar verdadeiramente os outros quando estiver no caminho da tua missão...” Foi esta frase, na forma de pensamento, que me surgiu deitada na cama do hospital. Perplexa perante tal acontecimento, pedi mais medicação, pois pensei que delirava apesar de já não ter febre.

Só mais tarde compreendi o seu significado; o verdadeiro terapeuta, aquele que nos guia de verdade, é quem já vivenciou igual dor ou conflito da pessoa que está ajudando.

Venci mais aquele desafio, de forma igualmente miraculosa, e a minha máxima de vida tornou-se o ditado popular: “O que não nos mata, nos fortalece”.

Depois dessa recuperação, o interesse pela área da espiritualidade começou a manifestar-se de uma forma intensa e sem explicação

plausível. Comecei indo a uma consulta de astrologia e entrei num mundo que me fascinava a cada dia pela quantidade de respostas concretas e reais que oferecia, mas que ainda contrastava com aquela parte de mim que acreditava que o destino final era somente o pó... Comecei a ter sonhos muito simbólicos. Sonhei com um pintor, cuja face não conseguia visualizar, que pintava um coração na sua tela e me dizia:

“Que o teu trabalho seja puro e perfeito para que, mesmo depois da tua morte, ele permaneça...”.

O sonho era tão constante que eu decidi procurar essa frase na internet. Qual não foi o meu espanto quando li que aquela frase tinha sido dita por Leonardo da Vinci. Mas não encontrei esse quadro nas suas obras. Eu não era propriamente conhecedora da totalidade do trabalho do pintor italiano e por isso comecei a investigar mais sobre ele.

Sigmund Freud afirmou que Da Vinci “foi um homem que acordou cedo demais na escuridão, enquanto os outros continuavam a dormir”. Giorgio Vasari escreveu que “no curso natural dos acontecimentos, muitos homens e mulheres nascem com talentos notáveis (...) de uma maneira que transcende a natureza, uma pessoa é maravilhosamente dotada pelo céu (...) e, na verdade, tudo o que faz claramente vem de Deus e não da habilidade humana”. Escreveu também que “de tempos em tempos, o Céu envia-nos alguém que não é apenas humano, mas também divino, de modo que através do seu espírito e da superioridade da sua inteligência, possamos atingir o Céu”.

Não percebia que ligação tinha tudo aquilo comigo e, já com o meu sentido de humor e descontração natural restaurados, comecei a imaginar que poderia vir a me transformar numa das personagens da Marvel, como o *X-Men* que tinha desenvolvido o super poder de não morrer com doença nenhuma.

À medida que ia aprofundando as minhas leituras, vários aspectos da personalidade de Leonardo Da Vinci começavam a me fascinar, em especial ter adotado éticas e práticas pessoais que vinham da sua grande admiração e seu respeito pela natureza, como o vegetarianismo e o hábito de comprar pássaros engaiolados e libertá-los. Aquele também era o meu desejo secreto sempre que via uma gaiola...

O sonho persistia e cada vez observava com mais detalhe e proximidade o quadro que ele pintava. Percebi que o coração que pintava era composto de dois cisnes com os seus bicos encostados. Acordei e desenhei num papel o que mais tarde viria a se tornar o logotipo dos meus projetos.

Logo depois, comecei a visualizar o número 22 por todos os lados, de dia e de noite. Pensei e concluí que esse número poderia ser o desenho do pintor do sonho, em que um dos 2 ficava virado para o outro 2, formando um coração. No entanto, continuava a ser difícil para mim acreditar que se tratava realmente de Leonardo Da Vinci.

Voltei a investigar e descobri como o 22 estava relacionado com Leonardo Da Vinci, pois era o seu número de vida. Conheci, assim, a numerologia, e depressa comecei a estudá-la para descobrir o meu número de vida, que daria a indicação da minha natureza profunda e indicaria a missão para a qual a minha vida presente deveria ser dirigida. Qual não foi o meu espanto quando descobri que o meu número de vida também era o 22. Será que isso significava que eu devia me tornar pintora e abandonar a medicina?

Li mais sobre o assunto. Descobri que São Francisco de Assis também tinha esse número de vida. O significado do meu número de vida mostrou-me pela primeira vez um pouco sobre o meu propósito: “Por ser um número mestre e uma pessoa idealista, filosófica e generosa, deve começar efetivamente a realizar a sua missão, essa missão que tantas vezes pressentiu – tornar-se um grande construtor, cujo dever é ajudar a criar um mundo melhor para a sua grande família que é toda a humanidade”, escreveu Sonia Weil sobre o número de vida 22.

Fiquei fascinada, mas também assustada, confesso. Não dormi pensando em tais palavras, mas percebi que era esse o percurso que tinha de seguir, e na verdade levou-me a mergulhar, nos anos seguintes, em áreas psicoterapêuticas e de autoconhecimento humano.

Novos cursos e centenas de livros que devorei foram verdadeiros mestres para ampliar os meus conhecimentos em tantas áreas ainda desconhecidas e assim foi-se criando solo firme para que as minhas aptidões voltassem ou se manifestassem na sua totalidade. As mesmas aptidões que se manifestaram na minha infância e adolescência, mas das quais sempre fugi e neguei.

Quando me recordo de tudo o que passei, da dor, da confusão, mas também da descoberta, surge em mim uma profunda sensação de ter tido muitas vidas numa só. Tal como a borboleta, o símbolo da metamorfose que me acompanha desde sempre.

Sinto-me uma verdadeira fênix, em que os meus renascimentos passaram acima de tudo pela libertação do que considerava confortável, ou melhor, pseudoconfortável. Sentia que muitas das minhas crenças eram inúteis e pesadas, e mudaram para dar lugar a outras novas.

“Para sermos heróis, temos de nos tornar um zero”, disse Amma, uma mulher indiana cuja obra altruísta inspirou o nome dos projetos que criei. Tive de morrer para renascer, para recomeçar.

E bastou ter olhado simplesmente para a fotografia desta mulher cujo nome significa Mãe, e que veicula o amor incondicional pelo mundo através de grandiosas obras humanitárias, para viajar sozinha para a Índia em 2010. Queria estar perto da “minha deusa do abraço”, como lhe chamava.

Já na Índia, envolta na magia e rotina do seu ashram², o meu coração abriu-se à existência de algo superior, uma fonte cósmica ou universal que mais tarde nomeei de Deus ou Deusa, honrando também o feminino da Criação. A introspecção, a meditação e o voluntariado que lá pratiquei conduziram-me ao contato com o poder milagroso de seguir o coração e me render a uma vontade superior. Nessa viagem, senti que estava completando um ciclo da minha vida, comemorei o meu aniversário e senti pela primeira vez a sensação de paz plena. Ao voltar para Portugal, já não era a mesma Marta.

Quando voltei à minha rotina na clínica, aconteceu algo completamente inesquecível. Uma cliente, cujo cão eu tinha vacinado há algum tempo, apareceu no consultório com um ar muito inconformado, queixando-se que o animal andava muito apático e sem comer. “Ando farta de gastar dinheiro com análises, as suas colegas não sabem o que tem e ele continua na mesma, sem entusiasmo algum...”

“Mas como quer que o seu cão tenha entusiasmo se o seu marido está na cama com uma depressão por sua sogra ter morrido?”, perguntei-lhe sem pensar.

A senhora olhou para mim com os olhos arregalados e perguntou quem me tinha contado aquilo.

“O seu cão... Agora mesmo”, respondi-lhe eu.

Ela sentou-se e começou a chorar por lembrar a tristeza que se instalou desde a morte da sogra e nem questionou mais sobre o que tinha acabado de ouvir. Eu estava branca como cal e também comecei a chorar, pois senti que tinha acabado de acontecer uma grande desgraça na minha vida...

O mais interessante desta experiência foi que a senhora pouco ou nada me disse nesse dia acerca do que lhe havia revelado,

reagindo como se fosse a situação mais natural do mundo. Só dois dias depois apareceu no consultório para me dar uma palavrinha:

“Dra. Marta, você é muito boa médica e uma pessoa muito querida... Mas já percebeu que é especial? Que tem um dom?”

Fiquei com a garganta tão seca que nem consegui articular palavra. Ela falou, falou e incentivou-me a olhar para aquela Marta que se comunicava com os animais. Eu estava apavorada e o meu único pedido foi no sentido de ela não contar nada a ninguém, pois eu ainda não sabia o que pensar do sucedido.

Durante os meses seguintes, continuei ignorando aquele acontecimento, mas eu sabia que a minha indecisão corroía a minha aprendizagem e crescimento. A minha saúde começou a fragilizar-se de novo, resultado da minha resistência à mudança.

Uma frase na forma de pensamento aparecia sempre na cabeça:

“Uma vez tomada uma decisão, as portas começam a se abrir de forma mágica...”

Muni-me de coragem e desvinculei-me da prática médica convencional pois, apesar de me proporcionar uma vida confortável, mostrava-se urgente abraçar a minha verdadeira missão e confiar... Esse salto de fé me fez avançar e agir segundo o meu coração, não procrastinando mais o que sentia e já me fazia adoecer de novo. Aprendi que a fé não é simplesmente a crença de que algo superior existe. Ter fé implica aceitar o fluxo da vida sem medos e sem necessidade de controlar, implica ter coragem para seguir aquilo que a nossa intuição nos diz. Fé é confiar totalmente que a fonte de criação tudo nos irá assegurar, mesmo quando parece que a nossa casa está desmoronando. Naquela altura, ainda nada era claro e compreensível para mim, pois não sabia minimamente o que dali iria resultar...

Uma decisão espiritual só se faz quando se confia e se segue o que o coração quer.

É nossa cabeça que tantas vezes complica tudo aquilo que pode ser tão simples, porque se apegamos facilmente às coisas materiais. Mas é quando o coração se sobrepõe ao ego que a vida nos abre as suas portas e vai nos mostrando o verdadeiro caminho que temos de seguir.

Nessa altura, o meu avô paterno, com quem eu tinha uma grande ligação, morreu. Foi um homem único, que dedicou o último terço da sua vida a visitar doentes acamados, na competência de ministro da comunhão.

No funeral do meu avô, o nome de uma pessoa aparecia-me insistentemente na cabeça e dava-me a seguinte mensagem: “Vai, pois quero falar contigo...”

Como procurava respostas, descobri que esse nome pertencia a uma senhora que podia me ajudar a esclarecer as minhas imensas dúvidas. Numa consulta, ela me disse muito calmamente:

“A Marta é um canal para seres de Luz que são os seus guias espirituais”.

“Só me faltava esta agora... Mas eu não estou ficando louca?”, perguntei-lhe, ainda descrente com o que ouvia.

“Marta, não me faça chorar... Não vire mais as costas ao serviço que traz ao mundo. O seu avô está te pedindo isso”, disse-me essa senhora que era médium de canalização espiritual.

Quando saí, comecei a estudar de forma intensiva todos aqueles nomes e fenómenos que ouvi na ânsia de os compreender melhor e tentar assumi-los da forma mais natural possível.

De forma simplista, descobri que um médium é alguém que serve de instrumento de comunicação ou ligação entre o mundo terreno e o mundo espiritual; que a clarividência é uma forma de percepção visual além dos olhos físicos, por isso eu visualizava certas imagens a nível mental; e a clariaudiência é uma forma de percepção para além do ouvido físico e manifestava-se naqueles pensamentos que tinha, mas que parecia que não eram meus.

“Todo o progresso, todo o sucesso brota do pensamento”, disse Thomas Edison desmistificando o que afinal é comum a todos os humanos.

Todos somos clariaudientes e por isso se diz que todos somos médiuns, concluí já rendida a uma nova realidade cada vez mais compreensível.

Debrucei-me sobre a história de Joana D’Arc, a jovem clariaudiente que em 1922 foi considerada a padroeira da França. Durante a sua vida, foi uma mártir que terminou condenada à morte na fogueira, queimada viva, por a considerarem bruxa. O período da Inquisição foi um verdadeiro holocausto para milhões de mulheres dotadas de tamanha sensibilidade, pois a compreensão da época era pouca, e a limitação, muita. Eis que, quase cinco séculos depois de ter sido morta, foi canonizada Santa Joana D’Arc, salvadora da França.

Todas essas histórias me pareciam estranhamente familiares e comecei a indagar posteriormente sobre a telepatia. O termo telepatia tem sido desmistificado ao longo do tempo, pois quantos de nós já não experienciaram algo deste género: “Estava mesmo pensando em você e você me liga!” ou “Pensei em você agora há pouco e acabo te encontrando”.

Telepatia significa sentir à distância e é definida na parapsicologia como a habilidade de adquirir informação acerca dos pensamentos, sentimentos ou atividades de outro ser sem o uso de ferramentas como a linguagem verbal ou escrita, corporal ou mesmo outros sinais. A telepatia é considerada uma forma de percepção extrassensorial e a sua menção é bastante comum em textos históricos, inclusive na Bíblia. Em 1882, Fredric W. H. Myers, fundador da Sociedade para Pesquisa Psíquica, introduziu o termo “telepatia”, substituindo o termo anterior “transferência de pensamento”. Um livro influente sobre a telepatia foi *Rádio Mental*, publicado em 1930 por Upton Sinclair, com prefácio de Albert Einstein, e que ganhou o prémio Pulitzer. Nele, Sinclair descreve a capacidade da sua esposa de reproduzir esboços feitos por ele mesmo quando separados por vários quilómetros, em experiências aparentemente informais.

Ficou bastante claro para mim que se tinha estas habilidades psíquicas é porque elas eram necessárias para a minha missão. Tantos de nós sentem a sua vida como uma missão... E aos poucos fui acolhendo a minha.

Certa vez uma jovem me pediu para eu me comunicar com um cão-guia de um cego, que estava sempre à porta do seu local de trabalho. Este cão, sempre que a via a cada manhã, começava a rosnar e tentar atacá-la. A jovem questionava o que estaria de errado com ela para suscitar um comportamento tão agressivo num cão naturalmente dócil e pacato. Esse cão transmitiu-me que aquela jovem se encontrava afastada do seu caminho de missão, que não estava ouvindo as suas intuições e estava completamente perdida quanto à sua direção. Um cão-guia tenta sempre guiar quem atravessa no seu caminho.

“É nas mais pequeninas coisas que irá encontrar o caminho para que um dia você seja um ser que ilumina o caminho dos outros”. Li esta frase certa vez e ela define, com simplicidade, a missão de todos nós.

Para que não haja mal-entendidos sobre o que é a nossa missão na Terra, já que tantas pessoas me perguntam em consulta quais são as suas missões, partilho o que aprendi com a minha experiência: a missão individual não precisa ser nada de grandiosa, como um feito heroico ou uma revolução mundial. É, sobretudo, uma atitude que nos faz evoluir. Uma atitude que depois pode nos levar a

ações que até podem vir a se revelar grandes feitos. Mas elas não existirão sem essa mudança interior. A verdadeira missão não vem da cabeça, vem do coração – é servir, amando.

Uma outra frase que li num dos livros de Doreen Virtue, uma famosa autora, psicóloga e médium americana, tornou-se a cereja do bolo para entender por que eu tinha essas aptidões se nunca havia me interessado por elas:

“Foi dotado de algo que a grande maioria das pessoas não consegue ainda perceber, ou melhor, está relutante em explorar. Leva tempo para conhecer as suas forças e não para tentar deslumbrar os outros com as tuas habilidades, use o dom para expandir ainda mais a tua bondade. Cada ferramenta que você usar neste serviço vem somente da Luz.”

Depois de integrar toda essa informação, tornou-se imperativo aceitar a totalidade de mim, pois só quando o fizesse me tornaria um ser verdadeiramente livre.

Livre para viver! “A liberdade não está na ausência de compromissos, mas sim na capacidade de escolher e de me comprometer com o que sinto que é melhor para mim”, como escreveu o autor Paulo Coelho no seu livro *O Zahir*.

Se pensamos apenas em obter determinados resultados, não seremos livres, pois tornamo-nos prisioneiros desses mesmos resultados. Ser livre é não ter apego ao resultado, é renunciar as vezes que forem necessárias ao que não nos serve, porque, na verdade, nada perdemos com isso.

Percebi que o medo do julgamento lá fora era, acima de tudo, o medo do meu próprio julgamento...

O que vou responder quando me perguntarem o que faço? Digo que sou médica? Ou médium? Ou médica-médium?

E com tantas outras formações que fui adquirindo, ainda poderia acrescentar muito mais ao meu *currículo* de apresentação.

No início, comecei por explicar que conseguia “ver” as doenças presentes em humanos e animais e depois os direcionava para a sua comprovação clínica. Ao menos isso era menos chocante e não me afastava muito da minha convencionalidade médica, pensava eu.

Como podia explicar racionalmente a alguém que, se fechasse os olhos e me ligasse ao coração de outro ser, humano ou animal, conseguia dar uma grande quantidade de informações sobre ele e sobre o seu processo?

Nós julgamos os outros sempre que eles não se encaixam nas nossas ideias preconcebidas, naquilo que definimos como certo e errado. Não entendemos que é assim que limitamos a nossa própria liberdade.

Dado que também já fui profundamente cética em relação a estes temas, até me tornar a prova viva e real da sua existência, compreendo com benevolência que jamais se deve forçar uma pessoa a acreditar enquanto ela não estiver pronta. Cada pessoa tem o seu momento de despertar para a consciência espiritual. Se nos recordarmos, Galileu, ao defender a teoria da posição central do Sol no sistema solar (heliocentrismo), viu-se severamente julgado e condenado por parte das autoridades religiosas da sua época.

Qualquer conceito pioneiro atravessa fases iniciais de grande contestação. Faz parte. É uma prova também à perseverança e à fé dessa pessoa.

Mesmo “acertando” nas consultas, como me dizem os mais céticos, somos nós que temos de perceber e sentir que a vida não é apenas uma dinâmica material sem linha diretriz. Não é dia sim, dia não, não estamos aqui sem qualquer finalidade.

Don Miguel Ruiz ensina no seu livro “Os quatro acordos da comunicação” que tudo o que os outros fazem e dizem é uma projeção da sua própria realidade. Cada um diz o que tem dentro de si. Se vivermos em mentira, só vemos e apontamos a mentira nos outros. Se estivermos em paz, lá fora todos nos parecem pacíficos e gentis.

O fato de eu nunca ver “maldade” em ninguém mostrava que o meu filtro era esse mesmo, ausência de “maldade”. As pessoas que me conheciam de verdade e me amavam consideravam a minha ingenuidade como um dos meus maiores defeitos pois, por ser assim, eu não me defendia de quem era mal-intencionado. Hoje já pus de lado os meus “óculos cor-de-rosa” que me faziam viver no mundo encantado. Mas não deixei de acreditar em ninguém! Comecei a ver claramente que todos nós ainda vivemos em dualidade e era urgente discernir as polaridades em cada humano sem nunca perder a fé no caminho conjunto para a unidade.

Quando assumi a mediunidade, foi exatamente o ceticismo que me fez desenvolver a tolerância, a aceitação e ausência de julgamento, mesmo sabendo que tudo se prova no trabalho mediúnico.

O ceticismo é, na sua raiz, um padrão de vitimização e ignorância, com todo o respeito por quem o reivindica. O cético não aceita que tudo parte dele próprio, prefere não se responsabilizar nem questionar ou estudar a raiz mais profunda do que desconhece. É muito mais fácil dizer que não existe e ponto-final. Atentar aos detalhes da vida, estudar e investigar dá trabalho, especialmente o que ainda hoje está em grande evolução e investigação. Quem nada quer ver, dificilmente verá...

Só quando há alguma abertura é que o terapeuta pode contribuir com um “empurrãozinho”, não em direção à crença “certa”, mas em direção à atitude adequada. O nosso empreendimento espiritual resume-se à ação dirigida pelo amor e não ao pensamento “correto” e, por isso, se diz na gíria que “o inferno está cheio de boas intenções”.

Sermos o verdadeiro exemplo do que pregamos é o mais inspirador e catalisador.

A frase de Madre Teresa de Calcutá “sê fiel nas pequenas coisas porque é nelas que reside a tua força” sempre me acompanha.

Hoje sou fiel a mim própria e à minha verdade. Depois de ver a escuridão, percebi que a minha luz era a minha verdade e só ela podia me salvar. Se anseio ser feliz, tenho de confiar e assumir a verdade e acreditar que esta vai me aproximar muito mais de uma vida plena. Não há felicidade sem verdade e só com a verdade se descobre o verdadeiro amor.

As minhas criações emanam a minha energia maternal e são a fusão da sabedoria que fui adquirindo ao longo da minha jornada. Espelham as vulnerabilidades que se converteram em autênticas forças dentro de mim.

A cada consulta que dou, tanto para animais, como para pessoas, ainda permaneço humildemente fascinada com a ajuda concreta e real que se disponibiliza, desde respostas a perguntas que nunca tiveram resposta, ao renascimento que ocorre em cada ser ou aos tratamentos efetivos para a cura de desequilíbrios orgânicos ou emocionais.

O serviço que presto é um caminho de intensa disciplina e crescimento pessoal que me faz percorrer os trilhos da lei do amor como um ser muito feliz e agora... cheio de saúde!

A DESCOBERTA DA MISSÃO DOS ANIMAIS

Estava em casa na internet, procurando imagens de cães Beagle para oferecer a uma grande amiga que fazia aniversário naquele dia, pois ela adorava a raça e eu queria fazer uma surpresa criativa com essa imagem de fundo. Depois de ver imensas fotografias, uma delas despertou-me especial atenção, pois vinha acompanhada da seguinte mensagem:

“Um dia ainda conseguiremos provar quanto valor nós temos. Só não sabemos se ainda existirá a raça humana para podermos compartilhar.”

Parei naquele texto vários minutos, fiquei pensativa, mas prossegui com a minha busca da imagem perfeita.

No dia seguinte, ao organizar um dossiê que tinha dos tempos da faculdade, caiu aos meus pés uma folha solta que contava a história de vida de um cão adotado por uma família que, ao vê-lo crescer e tornar-se um cão demasiadamente grande, o tinha abandonado, terminando a sua vida de forma dramática. Ali estava a história de milhões de cães. Aquela ferida de abandono e maus tratos ecoa com as nossas próprias feridas – nos faz querer proteger aqueles seres que sentimos que não conseguem se defender verdadeiramente e que refletem as nossas próprias vivências passadas de violência física, psíquica ou emocional.

Os aborígenes têm um ditado que diz que os animais nos tornam humanos. Mas nem sempre a humanidade tem sido humana para com os animais...

No dia seguinte, recebi aquela que considero ser a mensagem mais profunda para a grande descoberta.

Todos sabemos que há livros e pessoas que mudam a nossa vida. O livro *Anatomia do Espírito*, de Carolyn Myss, foi um deles, funcionando como um verdadeiro mestre no caminho que surgia diante de mim. Nessa noite, deitada na minha cama, sentia-me especialmente confusa perante tanta mudança que acontecia na minha vida.

“Você é capaz de acreditar em mim mesmo na noite mais escura?” Aquela questão, escrita no livro, me fez parar de ler e me apertou o coração. Fechei os olhos, inspirei profundamente e uma frase-pensamento apareceu na minha mente:

“Os animais adoececem e morrem pelos humanos.”

Abri os olhos de imediato. Que mensagem era aquela que tinha recebido?

Nos minutos que se seguiram, lembrei as crescentes evidências do valor dos animais na Terra. A importância dos animais é tão grande que até a própria cientificidade da medicina humana continua a ser dada através dos inúmeros testes farmacológicos realizados nesse âmbito. A maioria dos medicamentos que estão nas prateleiras das farmácias foi testada previamente em animais. A pesquisa em animais permitiu que a medicina avançasse mais rapidamente com impacto na crescente longevidade humana. Apesar de já estarem em vigor certas proibições na comercialização de produtos desenvolvidos a partir de testes em animais, o término global desses tipos de experiências ainda não foi conseguido e por isso o tema constantemente suscita polêmica.

No que diz respeito aos animais de estimação, há provas inigualáveis e certezas mundiais de que estes ajudam os seus donos a manter uma boa saúde.

Pesquisas feitas nos Estados Unidos mostram que os proprietários de animais de estimação têm a pressão arterial e os níveis de colesterol mais baixos do que pessoas que não têm um animalzinho em casa.

Um animal de estimação pode propiciar uma melhor recuperação após ataques cardíacos, reduzindo a probabilidade de morte em 3%. Uma das razões já estudadas e aceitas para isso é que acariciar um animal de estimação faz com que se produzam endorfinas (os chamados hormônios da felicidade), e desta forma o ritmo cardíaco de uma pessoa diminui. Por isso, possuir um animal de estimação reduz a tendência para a depressão e para o estresse.

Outra pesquisa americana aponta que os donos de cães consultam o médico 21% menos do que aqueles que não os têm.

As crianças que têm contato com animais de estimação nos seus primeiros anos de vida são menos propensas a serem asmáticas, e uma pesquisa feita na Universidade de Warwick descobriu que o sistema imunológico de crianças com animais de estimação em casa é mais forte e que elas faltam menos à escola.

Os animais de estimação têm também grande influência na autoestima e no bem-estar geral das pessoas. Estudos feitos também nos Estados Unidos mostraram que 70% das famílias relataram um aumento na sua diversão, felicidade e até autoconfiança após a aquisição de um animal de estimação.

Recentemente, li também a notícia de que o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, foi o 35o hospital a implementar o “protocolo de humanização”, em que se admite que os doentes recebam visitas dos seus animais de estimação. A responsável pelo hospital argumenta que essa medida levou três anos de análises e testes para concluir que os animais “fazem bem e interferem visivelmente na cura das pessoas”.

Durante os meus sete anos de prática clínica médica fui também a psicóloga dos donos dos animais que atendi. Sendo tão observadora, fui documentando de forma sutil essa estreita correlação entre eles, uma correlação bem maior e mais profunda do que aquela já comprovada e divulgada pelo mundo.

Qualquer médico veterinário que exerça prática clínica já conheceu inúmeros casos de animais e donos que apresentam a mesma doença.

Não me parecia viável a explicação de que se o animal desenvolve posteriormente a mesma doença que o seu dono, ou vice-versa, o faz por uma questão de solidariedade – se o dono sofre com problemas de intestino, o animal vai ter problemas de intestino para que o dono não sofra sozinho ou se o animal tem problemas de estômago, o dono por solidariedade virá a ter problemas de estômago algum tempo depois. Não creio.

Está provado que os animais pressentem catástrofes naturais com antecedência e muitos investigadores em todo o mundo já monitoram animais com o intuito de prever terremotos.

Mas de onde vem esta extraordinária sensibilidade animal? Por estarem mais ligados aos ciclos da natureza e por se basearem mais nos seus sentidos, até mesmo por puro instinto, a percepção e sensibilidade dos animais em relação à energia do meio ambiente é

máxima.

Se uma pessoa mora com um animal, torna-se claro que esse animal de estimação é extremamente sensível à energia do lar onde se encontra.

Diante dos estímulos da vida, o nosso corpo reage conforme a circunstância e intensidade, desencadeando variadas emoções que exprimem o que sentimos. Essas emoções emanam energia positiva ou negativa, dependendo se é uma emoção de alegria ou raiva.

Os animais, com a sua hipersensibilidade energética inata, tornam-se assim sensíveis às disfunções emocionais dos seus donos, consequência do seu amor incondicional.

Se os animais têm contato com excesso de energia negativa, podem somatizá-la e assim surgem sintomas e doenças físicas.

A explicação científica do fenômeno da somatização, que ocorre em qualquer espécie, é que o estresse e a dor (que originam energia negativa) provocam alterações no nosso organismo, diminuição da imunidade e são responsáveis pelos sintomas que aparecem em diversas áreas do corpo. Mais à frente explicarei com detalhe todo esse processo.

Dessa forma, cada doença, cada disfunção comportamental num animal apresenta um significado específico relacionado com a vida e o processo emocional do(s) seu(s) dono(s).

Quando comecei a divulgar essa mensagem, fiquei surpresa ao ver tantas pessoas afirmando que já sabiam disso e sentiam. Muitas delas me disseram que já tinham ouvido pessoas mais velhas da sua família dizerem que ter um animal era bom porque era um “para-raios”, pois com animais por perto a “ruindade” não iria para os humanos (ruindade significava doença).

Surpreendeu-me especialmente quando um jovem agricultor e jardineiro me interceptou felicitando o meu trabalho: “Sempre soube que os animais e as plantas fazem esse serviço por nós. As plantas absorvem a energia do Sol para realizar a fotossíntese e juntamente com a energia solar, elas absorvem as energias que as pessoas emanam e descarregam-nas na terra. É por isso que não há planta que dure em certas casas...”.

A minha certeza interior foi crescendo com a verificação realista, a cada dia, nas comunicações telepáticas que fazia com os animais. Ainda permaneço fascinada com o preciosismo de algumas datas e dos eventos específicos que marcaram a vida dos seus donos, com as sugestões que dão e nos direcionam para a resolução da dor, quer no dono quer no animal.

Não se trata aqui apenas de cura física, mas de uma cura completa, que nos faz reconhecer quem somos e que novas atitudes precisamos ter perante a vida e os desafios que ela nos coloca – para integrar a nossa unidade com o todo.

O PROPÓSITO DESTE LIVRO

Escrevi este livro para demonstrar a você a verdadeira missão dos animais de uma forma mais clara e específica, baseando-me na minha profunda e contínua investigação, bem como nas comunicações que fiz com animais por todo o mundo.

Apesar de residir em Portugal, também me comuniquei com animais que estão fisicamente na Austrália ou na América porque, como já expliquei antes, a telepatia não tem limites físicos.

Ao longo deste livro, vou ajudá-lo a entender o porquê de ter esse animal de estimação e não outro, e como o comportamento ou a doença dele pode refletir o que se passa ou passou com você. Você vai compreender também por que se diz que são os animais que escolhem os seus donos.

Enquanto veterinária, posso salientar o plano médico de diagnóstico e tratamento, apesar de utilizar também uma abordagem energética baseada no sistema de chakras. Enquanto psicoterapeuta humana e médium, abordo toda a vertente emocional, psíquica e espiritual que está associada e necessita da sua atenção para que se desenrole a cura mais facilmente.

O propósito dos animais é ajudar a humanidade, pois são trabalhadores a serviço da paz e evolução do planeta.

Estão aqui para o equilíbrio da Terra, tanto da vida biológica como da vida espiritual.

Estão aqui para amar, para nos ensinar a ter compaixão e assim aprendemos também a amar incondicionalmente. E eles sabem disso, tornando este mundo muito melhor!

UMA PAIXÃO À PRIMEIRA VISTA

Proponho-lhe agora que volte um pouco no tempo e se recorde do momento em que decidiu adotar ou adquirir um amigo de quatro patas. Do momento em que pensou que ter um animal ao seu lado, na sua casa ou no jardim, poderia tornar a sua vida melhor.

Ou então de como surgiu um animal “por acaso” na sua vida: se o encontrou, se apareceu misteriosamente e foi ficando... até o momento em que você não resistiu mais e o adotou, pois convenceu-se que ele ficaria com você para a vida.

Alguma vez lhe aconteceu ir conhecer uma ninhada e apaixonar-se imediatamente por um cãozinho ou um gatinho? Ter a certeza de que aquele era o seu companheiro? Por que escolheu aquele e não outro?

Ou alguma vez lhe aconteceu de encontrar um animal no lugar certo, na hora certa porque o salvou ou porque o viu esfomeado? E naquele momento parecia que ambos tinham de estar ali, naquele lugar, àquela hora...

O meu primeiro cão surgiu assim. Desde pequena pedia com frequência um cãozinho aos meus pais, mas como os meus avós viviam perto e tinham vários cães com os quais eu brincava, o “meu” cão foi sendo adiado. Finalmente, na minha adolescência, perguntaram ao meu pai se queria um cão e ele, num jantar em setembro, perguntou-nos se queríamos ir ver esse cão que já tinha três meses. Quando chegamos, o dono do cãozinho disse-nos que já tinha selecionado um deles para nós, mas que se quiséssemos poderíamos escolher outro da ninhada, caso não gostássemos do primeiro. Qual não foi o meu espanto quando nos apresentou um cão que cabia quase numa mão e cujo pelo era dourado e levemente ondulado, fazendo lembrar o meu cabelo.

A minha mãe gostou logo dele, e eu fiquei completamente encantada e batizei-o de *Puffy*. Na primeira noite que esteve conosco, como qualquer recém-chegado, fartou-se de chorar e eu me levantei da cama e fui fazer-lhe carinho. Recordo-me de falar com ele, olhos nos olhos, dizendo:

“A minha avó sempre me disse que o cabelo significa proteção, e quando perdemos cabelo é porque ficámos desprotegidos... Já percebi que você vem me proteger, pois o teu cabelo é igual ao meu. Por isso, eu prometo que também vou te proteger. Não chore porque agora nós somos uma família, Puffyzinho”.

Talvez ainda lhe seja difícil acreditar que nada nesta vida é por acaso e que isso inclui obviamente o animal que está na sua vida. Talvez esteja convencido de que foi um simples ato consciente e até puramente “funcional” – porque precisava de uma companhia, de um animal que lhe guardasse a casa ou que brincasse com você e sua família.

Fomos habituados, desde cedo, a racionalizar todas as decisões que tomamos, mesmo que elas tenham sido tomadas com o coração. Mas a verdade é que decidir ter um animal e inseri-lo na nossa vida é sempre um ato de amor. Comprometemo-nos a cuidar dele enquanto conseguirmos, longe de sabermos que ele cuidará também de nós, de uma forma tão poderosa e com tanto amor.

Por isso, para começarmos, gostaria que você, leitor, tomasse esta história como sua.

Gostaria que, por meio destes exemplos, você pensasse sobre a sua própria história com o seu animal. Comece por lembrar-se o que uniu vocês, desde o início: o primeiro olhar, a primeira festa, o que sentiu. Relembre a sua história de vida com o seu companheiro de quatro patas.

Depois, questione o que o levou a ter um cão como companhia, o porquê de ter escolhido um gato ou a razão de ter um animal de estimação mais excêntrico.

Como já lhe expliquei, vou ajudá-lo a perceber a razão de ser de tudo isso, mas o que quero agora é que sinta, que sinta com o seu coração.

Gostaria também que você se recordasse dessa paixão à primeira vista, pois é nesse momento tão especial que começa uma nova jornada, uma paixão que se torna um compromisso eterno, pois passa a ter como companhia um verdadeiro anjo na Terra.

POR QUE EU TENHO UM CÃO?

O homem e o cão estão ligados há mais de dez mil anos.

Há diversas teorias sobre a origem deste animal, mas um fóssil de um cão encontrado com cerca de 15 mil anos leva-nos a afirmar, com alguma certeza, que este animal é companheiro do homem desde tempos imemoriais. Ainda antes de se estabelecer numa vida sedentária, criando as primeiras comunidades agrícolas, o homem já se fazia acompanhar deste animal, que ninguém sabe ao certo como e por que razão foi domesticado. É possível que essa domesticação tenha ocorrido por ação do homem, e que tenha levado a alterações genéticas da espécie pela seleção daquelas que a ele interessavam. Mas há também quem defenda que a domesticação dos canídeos selvagens ocorreu por imitação espontânea dos hábitos humanos.

Concluiu-se posteriormente que a espécie selvagem a partir da qual derivaram todas as raças de cães foi o lobo e, assim, deu-se a adaptação do lobo ao homem: a alimentação tornou-se semelhante, houve progressivamente uma mudança morfológica e uma riqueza fônica gradualmente superior.

Mas o que é relevante em termos históricos e evolutivos é verificar que a adaptação foi do cão em relação ao homem. Diz-se que os cães são os nossos melhores amigos e isso não é mera casualidade. As necessidades humanas e caninas complementam-se, o que prova este serviço incondicional.

Se você tem como animal de estimação um cão, conhece de perto essa incondicionalidade.

Se pensarmos no termo cão, pensamos em lealdade. O cão representa a fidelidade, a habilidade para amar incondicionalmente e estar ao serviço do todo.

Certa vez fui contactada por uma senhora belga que vivia numa fazenda com 54 cães, todos resgatados da rua, pois eram vítimas de abandono. Ela estava eufórica porque queria se comunicar com todos, mas na prática aquilo parecia inexequível. No meio daquele discurso entusiástico, eu disse-lhe: “Acho que a senhora já não vai precisar se comunicar com todos”.

Nesse momento, um cão preto muito grande de pelo comprido, com uma energia dominadora, como se fosse o alfa da matilha, aproximou-se e me comunicou que toda aquela gigante matilha animal existia para ajudar a dona a trabalhar a sua própria lealdade, a lealdade aos seus ideais, valores e verdade. De imediato, a senhora contou-me que trabalhava numa equipe, numa “matilha humana” e que, na maioria das vezes, ignorava a lealdade aos seus propósitos para evitar os conflitos e manter a paz do grupo. Essa “matilha humana” era formada por nove pessoas que eram o somatório de cinco mais quatro da totalidade dos seus 54 cães. “Tantos animais para me ajudar, só eu sei o quanto preciso dessa ajuda...”, desabafou.

Só eu sei que “só os meus cães nunca me trairão”, já dizia a cantora Maria Callas.

Mas nós ainda os traímos e, com tantos cães abandonados, adotar é francamente salvar uma vida. Ou melhor, duas: a deles e a nossa.

Eu me comuniquei com cães que foram abandonados mais de duas vezes por famílias distintas e o que me surpreendeu nesses animais é que, apesar de exprimirem com tristeza “ninguém me quer, ninguém gosta de mim...”, permaneciam completamente expectantes e desejosos por uma nova adoção, e que assim que isso acontecesse tudo ficaria bem e seriam todos muito felizes. Tal como nos contos de fadas, os cães têm me mostrado que, apesar de tantas dificuldades, continuam sempre acreditando. Como li em *O Aleph* de Paulo Coelho, “continuar acreditando, mesmo quando desacreditados, é uma força de amor única.”

Os cães e gatos que estão na rua também têm um propósito grandioso – ajudam a melhorar a densidade energética do meio envolvente. Este é o motivo por que estes animais têm tantos problemas de saúde. Não ter depois quem trate deles e depender somente da caridade de alguns é que se torna uma angústia...

Mas atenção: não vamos abandonar animais ou manter os animais abandonados para que a energia do nosso planeta melhore. Há vários seres que já o fazem de forma natural; apenas quero deixar claro que eles se adaptam e cumprem a sua missão, independentemente da situação em que se encontrem.

Sou uma defensora da adoção independente da raça, pois o serviço incondicional que fazem por nós é igualitário, quer sejam Labradores Retrievers, quer sejam cães de raça indeterminada a quem chamamos de vira-latas.

Com o trabalho que desenvolvo percebi que a preferência por uma determinação de raça é de fato uma questão estética pessoal, mas em nível inconsciente, todos escolhemos o animal que mais nos espelha. Por isso se diz “tal cão, tal dono”.

Há situações em que morfológicamente esse espelho é evidente, por isso não é de todo surpreendente que o comportamento deles seja um espelho do nosso. Como já referi, o meu primeiro companheiro canino tinha a cor do pelo igual à cor do meu cabelo e uma particularidade muito *suis generis*: sorria sempre que chegava alguém, num cumprimento invulgar.

“Lá vai a dupla sorrisinhos”, era uma constante entre os meus amigos quando eu passeava com o *Puffy*. Quem me conhece sabe que sorrir e abraçar são os meus cartões-de-visita.

Agora lembre-se de como surgiu a escolha do sexo do seu cão.

Você preferia um macho ou uma fêmea? No momento da adoção ou da compra apenas o macho estava disponível? Ou desde sempre sentia que devia ter uma fêmea e isso se concretizou? Fui verificando que esta é uma escolha, intuitiva e não consciente, de acordo com o que cada pessoa tem para trabalhar interiormente. Vou explicar-lhe melhor com um exemplo.

Há um tempo, eu me comuniquei com um cão macho da raça Pitbull chamado *Krugger*, com sete semanas, que exibia um comportamento muito isolado e apático. O casal que o acolheu já tinha ido ao veterinário e nada tinha sido detectado para justificar aquele comportamento.

“Custa-me a acreditar que o nosso cão seja infeliz conosco, fazemos-lhe tudo. Nem consigo aceitar que tenha escolhido um cão deprimido...”, lamuriava-se a sua dona.

Eu própria estava admirada, pois em apenas uma semana de convívio com a sua família humana, como era possível que ele já refletisse a tristeza de algum deles?

Segundo *Krugger*, ele permanecia com um semblante triste porque a decisão da escolha entre ele ou a irmã tinha sido traumatizante. Mesmo após o terem elegido, a sua dona persistia em dizer ao marido que a cachorrinha teria sido a melhor opção. A dona de *Krugger* não tinha consciência de que este desabafo era sentido como uma rejeição para o animal.

As palavras são energia, e *Krugger* sentia essa energia, pois nisso os animais são os maiores especialistas na Terra. Essa “rejeição”, associada a uma vinda precoce para a nova família humana, resultou naquele ar deprimido. *Krugger* proveio também de uma ninhada não planejada, e ele e os seus irmãos eram vistos como animais a “despachar”. Foi para a casa dos novos donos pouco depois de fazer cinco semanas, não tendo tido grande contato com outros humanos. Isso condicionou no princípio a sua socialização inicial, pois antes de ser integrado numa família, qualquer cachorro deverá ter ultrapassado algumas etapas em sua própria evolução e ter vivido o tempo suficiente com a sua mãe, bem como ter entrado com frequência em contato com outros humanos. É por isso que a idade ideal para adquirir um cachorro se situa por volta das dez semanas, apesar de ser possível e exequível a partir das oito semanas. Ao questionar o porquê de a dona querer uma fêmea e ter adotado um macho, *Krugger* me informou o seguinte: “a minha nova dona quer se tornar mais feminina, mas o que tem de fazer é equilibrar a energia masculina, daí eu ter vindo...”.

Posteriormente, irei explicar melhor este aspecto, mas depois de lhe ter contado essas histórias, de tê-lo feito recuar no tempo, revendo os primeiros tempos com o seu companheiro canino, espero que agora tudo isso esteja fazendo muito mais sentido.

POR QUE EU TENHO UM GATO?

Os registos encontrados no Egito, como pinturas e estátuas de gatos, indicam que a relação desse animal com o homem começou há mais de 9500 anos. Nessa época, os gatos eram venerados e considerados animais sagrados.

A deusa egípcia do sol e da fertilidade (considerada como a protetora das mulheres grávidas), Bast ou Bastet, é representada como uma mulher com cabeça de gato e frequentemente figurava acompanhada de vários outros gatos à sua volta.

Na Pérsia antiga, os gatos também eram venerados, havendo a crença de que, quando se maltratava um deles, corria-se o risco de estar maltratando um espírito amigo que foi criado especialmente para fazer companhia ao homem durante a sua vida na Terra e, por isso, estaríamos nos prejudicando.

Quando o homem estabeleceu as primeiras comunidades agrárias, os gatos passaram a ser companheiros dos homens, defendendo as colheitas de predadores como os ratos. Exímios caçadores, eles foram animais muito importantes até a Idade Média, altura em que passaram a ser ligados à bruxaria. Muitos foram queimados vivos com as pessoas associadas a essas práticas, surgindo nessa altura a ligação entre as bruxas e os seus gatos pretos.

Com o fim da Inquisição, o gato voltou a ser um animal doméstico com a função de caçar predadores, ganhando novamente respeito junto dos homens. Passear com o gatinho – sobretudo se ele for de uma raça nobre, como a Persa – passou até a ser um *hobby* de elite, e o gato tornou-se uma espécie de acessório de moda.

O instinto felino dos gatos faz com que sejam desconfiados e avessos a mudanças. Às vezes, diz-se que os gatos são falsos, mas na verdade eles agem de acordo com a sua natureza, nunca temendo manifestar o que lhes desagrade. São autênticos, sinceros e afeitos aos seus donos, mas sem perder a sua independência. Os gatos são seres autossuficientes, pois eles próprios se mantêm limpos e asseados.

Por tantas comunicações que já realizei com eles, vejo os gatos como excelentes professores na disciplina dos limites. Por dificilmente tolerarem abusos, conseguem definir os seus limites e transmiti-los aos outros, permitindo que os outros também definam os seus próprios limites.

Se você é dono de um gato, pense na sua própria vida e repare se os limites não têm sido grandes aprendizagens ao longo do seu caminho.

O gato, hoje em dia, está muito ligado ao oculto, à sensualidade, às visões místicas e à limpeza espiritual, por isso o gato preto ainda é associado à superstição de azar.

Depois de questionar e investigar profundamente a raiz dessa crença, por meio do meu trabalho alcancei uma resposta que me satisfaz plenamente: o aparecimento casual de um gato preto no nosso caminho antecede sempre um acontecimento de transmutação da nossa sombra. A nossa sombra é aqui materializada pela cor preta e corresponde a uma característica obscura da nossa personalidade. Um determinado acontecimento, tendencialmente desafiante, irá acontecer para que essa sombra se torne luz. Como é um desafio, nós consideramos que foi um azar.

Consultei uma adolescente que me falou que temia ver gatos pretos pois sofreu um grave acidente pouco depois de um enorme gato preto passar à frente dos seus pés e de olhar para ela fixamente.

É importante perceber que esses acontecimentos não têm de ser autênticas tragédias, eles podem manifestar-se de uma forma bem mais sutil. Inúmeras pessoas constataram isso na prática, e a resposta foi unânime nessa verificação.

O cérebro do gato é o cérebro mais próximo do cérebro humano, mais do que o do cão. O gato é o mais intuitivo dos animais, pois já foi estudado que na glândula pineal (já mencionada num capítulo anterior) existem cristais, e o gato tem muito mais cristais que qualquer outro ser. Por isso ele sente tudo, vê para além da aparência e lê a nossa verdadeira intenção. Por isso a crença de que o gato é um ser falso não podia estar mais errada – o gato nos devolve sempre a verdade.

Ao longo deste tempo me comunicando com gatos, eles foram revelando que a sua missão mais específica é ajudar nos processos familiares dos humanos com quem vivem. É frequente, perante um momento de mudança no conceito e na dinâmica familiar, um gato surgir à nossa porta ou sentirmos vontade de adotar um gatinho.

Quando adotei a minha gata Luz, ela vagueava por um monte alentejano recebendo a caridade de pessoas que ali viviam. Mal me comuniquei com ela, percebi que, apesar de eu ainda não vislumbrar propriamente a mudança na minha estrutura familiar, em breve isso iria acontecer. Pouco depois fui pedida em casamento pelo meu marido. Hoje costumo dizer que tenho uma gata ainda mais premonitória do que eu.

Por isso se diz que o gato possui um “sexto sentido” que lhe permite pressentir perigos ou ainda intuir os sentimentos de uma pessoa. Também os seus cinco sentidos são apuradíssimos, destacando-se a sua visão de caçador, a sua audição que detecta sons de alta frequência (podem ouvir até duas oitavas acima dos humanos e meia oitava além dos cães), têm um paladar muito seletivo – não “ingerindo” qualquer coisa – e tanto seus bigodes quanto as suas almofadas plantares detectam a menor vibração, o que lhes dá uma enorme sensibilidade.

O seu gato propõe-lhe assim que desenvolva todas essas características, de forma sábia e consciente.

Por último, proponho uma autoanálise baseada no velho ditado popular que diz que “a curiosidade matou o gato”, descobrindo a sua própria natureza curiosa ou exploradora do desconhecido que o tenha colocado em situações ou aventuras demasiadamente... arriscadas.

CÃO OU GATO: COM QUAL VOCÊ SE IDENTIFICA MAIS?

O que faz você ser dono de um cão ou de um gato?

Diversos estudos apontam que os donos de cães e os donos de gatos têm perfis e características diferentes. Nos casos em que cães e gatos coexistem, os seus donos apresentam uma mistura dessas características.

De um modo geral, pode-se dizer que quem adquire um gato aprecia a independência, enquanto quem adquire um cão admira a lealdade e o companheirismo. São geralmente pessoas que gostam de interagir com os outros e de construir relações duradouras.

O caminho da vida não é linear e todos temos fases diferentes que levam à existência de uma mudança de registo na espécie animal escolhida. No meu caso, por exemplo, toda a vida fui dona de cães e agora me tornei dona de gatos. Num futuro próximo, poderei acolher de novo cães na minha vida.

Vou agora lançar-lhe uma questão sobre o fato de o cão ser um animal preferencialmente diurno e o gato ter uma atividade preferencialmente noturna.

Sabe a que se deve isso? Não se fie meramente pela visão científica e anatômica.

A natureza felina é noturna dado o seu instinto caçador e visão apurada. A visão, para um gato, é provavelmente o mais importante dos sentidos.

Então, se você é dono de um gato, leve em consideração a sua visão – interior e exterior – no que diz respeito ao que vê dentro (o que intui) e fora de si. Graças à sua visão, o gato consegue ver em condições de baixa luminosidade e de forma mais ampla. Se você é dono de gato, a lição é que deve aprender a ver até em condições de grande escuridão e de forma mais abrangente. Torne-se um visionário!

O olfato e a audição são para um cão os sentidos mais importantes. Se você é dono de um cão, a lição é aprender a discernir melhor o que ouviu e não experimentar aquilo que não lhe “cheirar” bem.

Ainda nos sentidos, em relação ao paladar, o gato é muito pouco sensível ao sabor doce, ao contrário do cão. Então se é dono de gato, é momento de trabalhar e constatar toda a doçura da sua vida.

Com o meu trabalho, percebi que as pessoas que apenas se identificam com o cão como animal de estimação estão aprendendo sobre o que é a verdadeira autoridade e sobre a mente racional. Quem se liga ao gato está trabalhando mais o seu lado intuitivo, tendo lições profundas sobre o significado de desapego. O gato nos ensina que a única segurança que podemos ter numa relação é que o outro esteja conosco porque simplesmente quer estar, porque nos ama e nós o amamos.

No meu trabalho, fui também documentando que a lua exerce efeitos especiais sobre os gatos e dessa forma percebi, sendo a lua a representação do feminino, que os donos de gatos estão trabalhando mais profundamente o seu lado feminino, enquanto o cão ajuda a trabalhar de maneira mais intensa a energia masculina do seu dono.

O feminino e o masculino coexistem em cada ser, independentemente do sexo. Todos nós temos tendencialmente mais energia feminina ou masculina, independentemente do nosso sexo. Esta tendência reflete-se majoritariamente nas nossas ações, nas nossas atitudes e na postura que temos nas relações e no nosso caminho. Mesmo sendo uma mulher, se eu estiver sempre na linha de frente com atitudes proativas e controladoras, na prática estou usando primordialmente a minha energia masculina.

Ao escrever que os animais trabalham mais uma energia, não quero com isso dizer que os donos de gatos apresentam sobretudo uma energia feminina, e os donos de cães, uma energia masculina. Muitas vezes é o contrário. Trabalhar aqui significa melhorar, iluminar, curar. Um dono de gato pode estar aperfeiçoando a sua energia feminina, e um dono de cão pode estar aperfeiçoando a sua energia masculina.

Passo então a explicar melhor o que é isso de energia feminina e masculina.

Os órgãos sexuais femininos são interiores para sinalizar o seu carácter receptor. O princípio feminino baseia-se num estado receptivo perante a vida, a procura da sabedoria, a expansão de todas as ligações. Representa uma vibração de aceitação do que simplesmente é, em que há disposição para experimentar a mudança, sem resistir, deixando fluir para compreender o significado do acontecimento profundo de cada vivência. Compreende que o único meio de contornar a escuridão é inundar tudo com a luz da sua sensibilidade, intuição, emoção, criatividade e serenidade intrínsecas.

Já o órgão sexual masculino é externo e simboliza a energia da ação. O princípio masculino assenta na extroversão, numa dimensão mais física, na força, na necessidade de controle e mobilização de energias com objetividade. Um princípio para a formação da individualidade, uma vibração de independência.

Para exemplificar estes conceitos, vou partilhar o meu encontro com um pastor-alemão que tinha fama de ser muito agressivo, o *Skazy*.

O seu treinador sentia-se muito frustrado com o fato de os treinos não evoluírem e não conseguir trabalhar minimamente a agressividade daquele animal. Na comunicação, *Skazy* revelou que não estava refletindo a agressividade de ninguém e que o seu papel era, por meio desse comportamento, permitir que tanto a dona como o próprio treinador aprendessem a fazer aquilo que ainda não sabiam fazer: serem assertivos, imporem-se, mas de forma harmoniosa, afirmando a sua individualidade. *Skazy* estava sim criando uma oportunidade para que ambos construíssem um verdadeiro poder pessoal. Pouco tempo depois, o treinador e a dona de *Skazy* foram a uma consulta e em ambos reconheci um padrão emocional de submissão e dependência aos outros, duas pessoas que mantinham até relacionamentos insatisfatórios por medo de não conseguirem estar ou sobreviver sozinhas. Ambos tinham sérias dificuldades em tomar decisões e eram muito influenciáveis. Expliquei-lhes que o excesso de diplomacia por aversão aos conflitos fazia com que deixassem os seus desejos em segundo plano constantemente. O caminho de evolução para ambos consistia no desenvolvimento de uma escala de valores firmes, desenvolvendo interesses só seus, sendo sempre responsáveis e não vítimas dentro das suas relações. Neste caso, é relativamente fácil perceber que a energia agressiva de *Skazy* era a forma de a sua dona e o seu treinador reivindicarem a sua energia masculina, dado que ambos tinham excesso de energia feminina. Qualquer desequilíbrio

energético causa conflitos e sofrimento.

Esse caso me fez começar a reconsiderar as vezes em que se conota um animal de “mau” por ele ser mais agressivo, pois por detrás desse comportamento há normalmente uma grande mensagem e intenção ainda desconhecida para muitos.

A grande maioria das pessoas com medo de cães e/ou gatos têm na verdade um grande medo de se autoconhecer. Vai muito além de ter sido mordido ou magoado em infância por qualquer um desses animais.

Dizer que é alérgico ao pelo de gato é dizer a si próprio que não pretende saber quem é, pois não aceita enfrentar a sua própria sombra e por isso rejeita-a de início. Lembre-se de que as crenças limitativas não têm espaço, pois não nos deixam dançar e expandir no mundo do amor.

UM UNIVERSO DE ANIMAIS

Hoje em dia, a escolha de um animal de estimação não fica restrita a cão e gato.

Há gostos para tudo, e na lista de animais de estimação mais populares, encontramos outras espécies como coelhos, hamsters, porquinhos da Índia, esquilos, furões, aves como periquitos, canários, caturras, agapornis, papagaios e araras, e répteis como tartarugas, cágados, iguanas e cobras.

Ao longo destes anos, surgiram-me pedidos para me comunicar com os mais diversos animais. Escolhi por isso escrever sobre animais que se encontram frequentemente no lar de muitas famílias e outros que me despertam especial curiosidade.

Incluo aqui comunicações que fui realizando por vontade própria com animais que não se pode domesticar e partilho-as com o objetivo de fazê-lo refletir sobre eles, sobre a sua missão.

Relembre-se de que qualquer espécie animal deve sempre ser respeitada, do inseto ao elefante, pois existe para o equilíbrio dos ecossistemas e para a integração da cadeia evolutiva espiritual. Independentemente das diferenças, todos provimos da mesma fonte e é por isso que digo que todos somos um.

OS COELHOS

Os coelhos como animais de estimação são calmos, inteligentes, dóceis, convivem tranquilamente com crianças e os cuidados que exigem não são muito complicados. Um coelho vive, em média, sete a dez anos e tem uma sociabilidade ligeiramente tímida e independente, ou seja, são sociáveis e gostam de carinho, mas tal como os gatos, gostam de andar à sua vontade.

O nosso cumprimento, se demasiadamente efusivo, pode assustá-los. Foi isso que testemunhei várias vezes.

“O meu dono menor quase me esmaga a cada manhã. Ele tem de entender que sou frágil e não aguento esses abraços de amor com tanta força”, disse-me *Zafira*.

Ela foi a primeira coelha anã com quem me comuniquei e a qual partilhou o que vim a saber ser uma queixa frequente da maioria desses animais de estimação. Dessa forma, eles permitem que aprendamos a controlar a amplitude da manifestação do nosso afeto, pois o excesso pode assustar e até afugentar, percebendo que cada ser é diferente e especial e isso não implica que não gostem de nós. Devemos transportar este ensinamento para a nossa vida humana, pois sabemos que nem todas as pessoas manifestam o afeto da mesma forma nem gostam de recebê-lo da mesma maneira.

Se você tem um coelho ou pensa em ter um como animal de estimação, vou deixar-lhe uma reflexão sobre o que eles podem espelhar de você e lhe pedem para trabalhar no seu interior.

O coelho é o símbolo da Páscoa, pois representa a renovação da vida e a expansão do cristianismo; os seus ovos simbolizam o dom da abundância e da prosperidade. É considerado pelos povos indígenas o símbolo do sustento para o reino animal, e em nível xamânico, o coelho é o símbolo da fertilidade, da criatividade, da abundância e da agilidade. Ele veicula uma mensagem de esperança para uma nova vida.

Mas o coelho é também o símbolo do medo e da inocência. Os coelhos são autênticos guias para dentro do mundo das sombras onde se encontram os nossos medos pessoais. Os coelhos sentem muito medo dos predadores e, através das suas vibrações energéticas, acabam por atrair esses predadores que tanto temem.

Esta é uma importante lição: criamos no mundo exterior situações que refletem o nosso mundo interior de medo. Segundo a lei da atração, quanto mais se focar nos seus medos mais os atrai. O coelho relembra-lhe de que é o criador da sua própria vida com os seus pensamentos e emoções, pois os pensamentos têm uma certa frequência energética e criam uma vibração que os ajuda a tornarem-se realidade. Por isso é extremamente necessário trazer os seus medos à consciência, à luz, e tratá-los com gentileza para transmutá-los.

Para dominar o medo, temos de compreender esse medo. Temos de aceitar o nosso maior medo, que costuma ser o medo da morte. As pessoas e os animais atacam por medo. Mas o que realmente se teme está bem dentro de nós – é o medo do nosso próprio poder.

Uma outra mensagem para os donos de coelhos é no sentido de prestarem atenção ao seu movimento pessoal. É uma pessoa de impulsos acelerados e por vezes desordenados, reagindo ao medo após período de total inércia, ou tem um movimento ritmado e constante no seu caminho? Consegue ter agilidade suficiente para evitar prejuízos e dissabores na sua vida? Os coelhos movimentam-se de forma acelerada e imprevisível, saltitam e pulam no seu caminho. Verifique se os seus esforços também acontecem em saltos e pulos, pois talvez isso possa ser um sinal de que você deva planejar mais ou clarificar qualquer plano que já esteja em movimento na sua vida.

AS TARTARUGAS

Em Portugal, as tartarugas de água doce são vulgarmente conhecidas por cágados e estão presentes como animais de estimação em diversos lares. Trata-se de um réptil tanto de vida aquática quanto terrestre, que ainda suscita dúvidas quanto à hibernação. O que realmente acontece é que em climas frios, o cágado diminui a ingestão de alimentos, alguns param mesmo de comer, e dormem por longos períodos. A iluminação artificial deve ficar acesa algumas horas por dia, pois faz com que o animal aumente o seu metabolismo e não pare totalmente de comer.

Nos anos 1990, por causa da série *Tartarugas Ninja*, tornou-se muito comum ter como animal de estimação uma tartaruga-da-Flórida – também chamada de tartaruga de estimação. Mais tarde apelou-se à sua libertação, e vemos muitas junto a rios e lagos, em espaços selvagens ou públicos. Em 1999, a sua comercialização foi proibida, mas sabemos que ela continua.

Se você tem ou já teve uma dessas companhias em casa é hora de entender o que esse animal representa e que mensagem tem para a sua vida.

Segundo o xamanismo, a tartaruga é considerada o símbolo primordial da Mãe Terra, por isso tem um poder curador do feminino.

Como ela, devemos aprender a nos conectar firmemente a este planeta, percebendo o que é estabilidade, longevidade, resistência e proteção. A sua carapaça, arredondada na parte superior, parecendo uma cúpula celestial, e plana como a terra na parte inferior, representa o universo e sustenta o mundo.

AS AVES

Quanto de nós já não olhamos para um pássaro numa gaiola e não nos perguntamos se ele não seria mais feliz em liberdade?

Nas minhas comunicações, percebi que um pássaro que sempre viveu em cativeiro não sente propriamente falta de liberdade. Sabem que, neste momento, os humanos ainda têm necessidade de sentir que possuem objetos ou outros seres para admirar.

Certa vez me comuniquei com um papagaio que se encontrava no Brasil e se chamava *Nico*. A dona perguntou-me de imediato por que razão ele era um comunicador nato e eu expliquei-lhe que os papagaios falam, uns mais do que outros certamente, pois desenvolveram um aparelho fonético superior e diferente das outras aves graças ao bico, a uma língua muito maior e à presença de uma estrutura semelhante às cordas vocais humanas. Se vivem na natureza, os papagaios usam esse aparelho para trocar informações com as outras aves da sua espécie, mas quando vivem em cativeiro, eles compensam essa falta de comunicação reproduzindo sons e palavras repetidas dos humanos. É uma característica adaptativa perante outras aves, pois o fato de serem maiores, e não necessariamente mais rápidos, facilita o ataque de eventuais predadores. Graças à beleza e às particularidades que possuem, os domesticamos e o seu serviço passa também a ser como o do cão ou gato.

Foi precisamente Nico que me ensinou sobre a missão da maioria dos papagaios.

A capacidade de imitação de determinados sons humanos torna os papagaios potenciais espelhos na comunicação. Ao imitar, refletem com o máximo de veracidade. Se conseguir perceber como é que as pessoas da sua vida, familiares, amigos ou colegas, espelham a sua própria comunicação, muitos conflitos podem se resolver.

Durante outra das minhas comunicações, desta vez com *Tim*, um solitário agaporni que senti ser mais bem tratado do que muitos cães e gatos, ele estava constantemente chamando a minha atenção para a cor das suas penas, que eram na maioria de um verde brilhante e intenso. Recebia constantemente a imagem dele abrindo e fechando as asas e olhando para as grades da gaiola. O verde é a cor da esperança, da cura, a cor da natureza viva, e também da harmonização de estados mais depressivos. E apesar de nem todos os passarinhos serem verdes, ficou claro que há uma missão muito especial em cada pássaro presente numa casa – a cura do conceito de liberdade.

A maioria das pessoas que conheci que possuem pássaros em gaiolas nas suas casas têm de fato de aprender sobre dar liberdade aos outros, pois elas próprias também não são livres. Liberdade não é somente andar à vontade, é deixar o outro ser quem é, não abafando a sua essência e respeitando as suas necessidades e vontades. O respeito da individualidade, nossa e dos outros, é a base da liberdade.

Quando nos sentimos presos nas gaiolas da vida ou nas gaiolas dos outros, será que de fato foram os outros que nos colocaram lá ou somos nós que nos aprisionamos devido a conceitos, ideias preconcebidas ou aos nossos medos?

O que a vida ensina é que não são os outros que nos tiram a liberdade, somos nós que limitamos a nossa própria liberdade porque precisamos da aprovação dos outros.

A dona de *Tim* contou-me no final da comunicação que o seu filho mais novo se encontrava preso, o que era naturalmente um grande desgosto para ela. Instalou-se um profundo silêncio de compaixão perante a revelação daquela mãe que sofre, também, no silêncio da sua própria gaiola...

Tim me fez estudar sobre o significado da palavra agapornis, que vem do grego – *agape* significa amor e *ornis* significa ave ou pássaro. Esta ave do amor adora companhia e escolhe um parceiro para a vida toda, mas consegue viver sozinha e dessa forma até pode criar uma relação mais estreita com o seu dono humano.

Se você for enamorado por agapornis, reconheça a sua necessidade de companhia e a sua idealização de um amor eterno.

OS CAVALOS

Louise é uma professora de equitação. Monta a cavalo desde jovem e a sua paixão pelos cavalos é visceral. Ela descreve a sua fazenda como “um harém hípico”.

Numa das nossas consultas, ela estava indignada, pois tinha lido um livro de um cavaleiro de competição que explicava que os arreios são extremamente agressivos para os cavalos. Essa informação deixou-a em estado de choque, pois não imaginava que pudesse estar prejudicando e magoando os amigos que tanto ama.

Questionei um dos seus cavalos, *William*, se ele alguma vez se sentiu magoado pelos arreios. *William*, um puro-sangue lusitano de cor branca com dez anos, no alto do seu porte quase aristocrático, me informou calmamente:

“Sim. Mas sei que a minha dona nunca o fez por mal... Sei ler o coração e a intenção de um humano. Quando um humano nos faz algo de forma inocente ou até ignorante, nós aceitamos e até ficamos felizes, se aquilo o faz feliz também. Por isso não me sinto ofendido nem revoltado mesmo quando a embocadura me magoa.”

Questionei em seguida qual seria a melhor opção e ele partilhou que gostaria de ter o focinho livre e preferia que a contenção fosse colocada no pescoço. Nessa mesma comunicação, *William* estava constantemente me mostrando quatro dentes incisivos e pela insistência percebi que sentia dor e que deviam ser vistos. A dona contactou imediatamente o veterinário especialista e pediu-lhe para ir o mais rápido possível ver os dentes do *William*. No dia seguinte, esse veterinário ligou-me para dizer que radiografou os dentes e encontrou alguns problemas, mas que estes eram completamente imperceptíveis dado que *William* ainda não revelava qualquer sintoma associado, como relutância em mastigar, falta de apetite, hipersalivação ou outros.

Esse “harém hípico” de Louise tem sido uma fonte de aprendizagem para todos, inclusive para mim, pois tive contato com situações completamente novas.

Louise tem também gatos espalhados pelo seu “harém”, e um deles a estava preocupando. Perguntei ao gato *Murphy* como estava e ele revelou que se sentia muito pesado, as suas patas pareciam pesar toneladas e às vezes apetecia-lhe arrastar-se no chão. Questionei a dona se já tinha reparado nessa dificuldade de locomoção, e ela disse que já tinha percebido, mas que quem revelava também uma locomoção pesada era um outro cavalo, *James Joyce*.

Sabíamos, através de uma outra comunicação, que *James Joyce* ajudava no processo do filho da Louise. Lois era um jovem de 15 anos que, segundo a sua mãe, era bastante preguiçoso e apresentava “inércia compulsiva”, utilizando as suas palavras. De repente fez-se luz para mim: o gato *Murphy* estava ajudando o cavalo, e o cavalo ajudava o seu dono humano. Como se fosse uma cadeia de interajuda.

Louise revelou que *Murphy* dormia ao lado do cavalo *James Joyce* há anos e quando perguntei ao gato *Murphy* por que o fazia, ele me disse com uma energia de dever que “alguém tem de ajudá-lo, pois ele não aguenta tudo sozinho”, referindo-se ao cavalo.

Ficamos maravilhadas. O mais surpreendente é que Louise, uma mulher muito observadora e sensível, uns meses depois me contou que posteriormente outro gato foi se juntar a *Murphy*.

“Suponho que seja para ajudar *James*, precisam de outro reforço. O meu filho tem mesmo um grande carisma, louvados sejam os animais”, dizia ela com uma preocupação risonha.

Quando conheci *Peter Pan*, o cavalo de Diogo e Bernardo, dois irmãos com 12 e 20 anos, respectivamente, constatei ainda um maior potencial de cura.

A atenção, o equilíbrio corporal, o controle emocional com uma consequente melhoria da autoestima e concentração de Diogo foram alguns dos benefícios que o hipismo teve e isso refletiu-se na sua aprendizagem escolar. Diogo precisou se concentrar, equilibrar e acalmar para poder alcançar o seu objetivo, que era domar *Peter Pan*. Ele era um menino muito hiperativo e desatento que mudou completamente, segundo os pais, desde que começou a montar a cavalo.

Bernardo, seu irmão, é um jovem com paralisia cerebral que não conseguiu ficar indiferente ao primeiro cavalo que viu, e os pais perceberam que a hipoterapia podia realmente ajudá-lo. A hipoterapia é um método terapêutico e educacional com cavalos para crianças ou indivíduos com necessidades educativas especiais e apresenta resultados de sucesso. Depois de Bernardo fazer hipoterapia durante seis anos, esta família adquiriu *Peter Pan* para celebrar e presentear a entrada de Bernardo num curso profissional.

No caso dessa família em particular, pude ajudar quer com *Peter Pan*, quer com Bernardo, que também tinha algum bloqueio na fluência oratória.

Ao longo das comunicações com *Peter Pan*, ficou muito claro que a missão dos cavalos domesticados é semelhante à do cão e gato, mas está especificamente ligada à conduta e à força de cada pessoa. O papel dos cavalos está mais relacionado com a ajuda de pessoas que possam apresentar um desvio no seu processo de evolução. Há crianças que nascem com deficiências porque sua alma escolheu vir assim para lhes lembrar o desvio que têm perpetuado, com o objetivo de aprenderem a caminhar e a fazer a sua missão de amor corretamente.

O simbolismo do cavalo, desde as culturas antigas, é o do poder pessoal.

Por isso, numa meditação, podemos evocá-lo para aumentar o nosso poder pessoal e tornar-nos mais independentes. O verdadeiro poder é a sabedoria que é adquirida na jornada, uma sabedoria responsável e consciente que assume o seu caminho. E falar em poder pessoal é falar em força interior. A consciência do verdadeiro poder interior permite expandir as nossas habilidades potenciais. O cavalo simboliza a liberdade de espírito, a liberdade para correr livre, por isso devemos prestar atenção se há demasiada dependência dos outros para viver. Se estamos começando com novos estudos, novos projetos ou iniciando alguma coisa, podemos por exemplo sonhar com cavalos e este sinal também nos sugere a aprender a partilhar o nosso conhecimento com os outros.

A paciência, a fidelidade, a capacidade da clarividência são também mensagens relevantes para quem tem este animal na sua vida ou o tem como arquétipo, em que a simples imagem reaviva toda a nossa chama interior.

OS ELEFANTES

Lawrence Anthony, uma lenda viva na África do Sul, autor de três livros, entre eles o *best-seller O Encantador de Elefantes*, resgatou e reabilitou inúmeros animais selvagens por todo o planeta após serem vítimas das atrocidades humanas.

Em março de 2012, Lawrence Anthony faleceu. Dois dias após a sua morte, vários elefantes selvagens apareceram na sua casa guiados por duas grandes matriarcas – duas fêmeas responsáveis pela manada. Outras manadas selvagens apareceram em bandos para dizer adeus ao seu amado amigo. Um total de trinta e um elefantes havia caminhado numa fila solene, por dezenas de quilômetros, desde o seu *habitat* até a casa de Anthony.

Como é que aqueles elefantes, que viviam a quilômetros de distância e em partes diferentes, poderiam saber da morte de Anthony?

Honrando o que ele havia feito por eles em vida, os elefantes ficaram dois dias e duas noites sem comer absolutamente nada. Depois partiram para a sua longa viagem de volta.

Esta história real comprova a existência de comunicação interespecífica de forma inequívoca. Comprova também a fascinante inteligência, sensibilidade, doçura e memória destes animais. É impossível ficar indiferente.

Mas quem é que não gosta de elefantes, questiono-me.

Quem os mata para ganhar milhões na venda do seu marfim. Quem compactua com o mercado ilícito mesmo quando já está instituído que é proibido o comércio de marfim. Quem persiste e alimenta esse “genocídio”, comprando esculturas ou outros objetos de marfim.

Save the Elephants é uma organização não governamental que faz de tudo para os proteger e ajudar, contudo, no ano de 2012, contabilizou a morte de mais trinta mil elefantes através de crimes horrendos de pessoas gananciosas e pouco conscientes, contribuindo para a contínua extinção das espécies ainda existentes.

Quando um elefante assiste à morte de um companheiro de manada, ele nunca esquece. Fica com traumas para toda a vida. Uma memória notável que lembra as relações com centenas de outros elefantes, alguns dos quais podem ter visto apenas numa ocasião, uma memória impressionante para lugares onde podem beber e encontrar comida. Quando um elefante morre, todos os membros da sua manada param junto desse animal e começam a tocar-lhe com a tromba, como se prestassem uma última homenagem. O parente mais próximo do elefante que morreu segue com o grupo, mas afastado, em solidão e por alguns dias, numa espécie de manifestação pública do seu luto.

A morte é para eles uma despedida saudosa e difícil. Os pequenos elefantes que presenciam a morte da mãe, por exemplo, muitas vezes acordam gritando. A sua compaixão é notória, mesmo por membros de outras manadas ou até outros animais.

Quando os elefantes percebem que um companheiro ou outro animal foi ferido, tentam fazê-lo erguer-se de diversas formas.

Há diversos vídeos on-line que mostram os elefantes acariciando suavemente o corpo de um congênere sem vida, numa clara

manifestação de luto, com os seus olhos repletos de dor e tristeza...

Segundo o budismo, Buda escolheu a forma de um elefante branco numa das suas muitas reencarnações, o que faz com que a rara aparição dessa espécie seja ainda o prenúncio da manifestação de uma divindade.

O próprio deus hindu Ganesh, que tem corpo de homem e cabeça de elefante, simboliza a prosperidade, pois ajuda na remoção de obstáculos e barreiras que atrapalhem o nosso desenvolvimento espiritual e emocional.

Se você tem uma empatia e interesse invulgar por este animal, traga o seu simbolismo para a sua vida. Ele simboliza a força, a realeza, a conexão com a nossa sabedoria ancestral ou geracional, a consolidação da confiança, da paciência e gentileza. Ensina-nos que nas relações devemos confiar e comunicar.

Toca-me especialmente o fato de serem animais profundamente comprometidos com todas as criaturas com as quais têm relações e serem tão afetuosos.

Os seus dentes de marfim apontam para trás e os elefantes usam-nos como armas e para escavar raízes comestíveis. Do ponto de vista espiritual, isso revela a capacidade de desenterrar memórias escondidas e trazê-las à superfície para analisá-las, curá-las e deixá-las partir.

Como apaixonada e defensora dos elefantes, os meus amigos dizem-me que tenho uma memória de elefante como nunca viram. Respondo-lhes, sorrindo:

“Mantenham a tua memória de elefante para que vocês nunca se esqueçam de quem realmente são.”

OS GOLFINHOS

O golfinho é um animal muito querido pela maioria das pessoas, que se admiram com a sua inteligência e afetividade. São animais especiais e o seu reconhecimento vem desde a Grécia Antiga, mas há quem defenda que eles já teriam pertencido à mítica Atlântida.

Na Grécia Antiga, o golfinho foi consagrado ao deus Apolo. Assim, quando ele tomasse a sua forma no mundo real, conseguiria enfeitiçar todas as mulheres com suas qualidades. Mais tarde, na França, os jovens candidatos ao trono eram chamados de delfins, exatamente pelas qualidades que supostamente teriam, e para as quais eram preparados.

Quantas vezes não ouvimos histórias de golfinhos que salvam vítimas de naufrágio, orientam barcos ou alertam para perigos? Eles são de fato seres profundamente sensíveis, inteligentes e brincalhões.

Estes mamíferos marinhos estão no planeta com um propósito sagrado de equilíbrio, e em especial fazem a limpeza energética das suas águas profundas. As águas profundas simbolizam as emoções profundas da humanidade.

Pelo fato de serem mamíferos que respiram por pulmões e vêm à superfície para isso, eles são o grande símbolo da respiração sagrada da vida. Eles têm um ritmo singular ao nadar, emergindo em intervalos regulares para respirar, expelindo o ar vigorosamente. Ensinam-nos assim sobre uma técnica para libertar tensões e conseguir relaxar. Aprender a ouvir os nossos sons interiores e a compreendê-los, libertando as emoções por meio da respiração.

Descubra em você a magia deste animal que simboliza a purificação, a iluminação, a comunicação, a capacidade telepática, a alegria, a sabedoria e o espírito grupal de entreajuda.

Se você é um amante de golfinhos, que o seu som inconfundível, uma bela melodia semelhante ao riso das crianças, o alegre todos os dias.

AS BORBOLETAS

As borboletas teriam de ser aqui incluídas, já que elas são um dos meus símbolos e seria impensável escrever este livro sem mencioná-las.

Elas me acompanham desde tenra idade no meu percurso de uma alma em transformação. Desde pequenina que me recordo de ver sempre borboletas à minha volta, bastava estar perto da natureza. Sou tão apaixonada por elas, ao ponto de ficar horas sem fim a olhá-las, embebida nas cores e na magia das suas asas, que naturalmente pousam nas minhas mãos ou cabeça. Esqueço-me do tempo e apenas fico ali, em contemplação.

Foi o que aconteceu quando visitei dois grande borboletários, um no parque Xcaret no México e outro em Viena, na Schmetterling Haus. Contemplei e comuniquei.

Vou partilhar na íntegra o que “escutei”, pois pouco consigo acrescentar perante a grandiosidade das “minhas” borboletas:

“A nossa missão é harmonizar. Mas para conseguirmos fazer isso, tivemos de passar pela transformação da lagarta à borboleta, pois só equilibramos na beleza... Primeiro o ovo, em seguida a lagarta e o casulo, e no fim somos borboletas adultas que vão se reproduzir.

Nascemos, crescemos, tornamo-nos bonitas para a nossa missão e partimos. Para nos tornarmos bonitas e capazes de fazer a nossa missão, temos de nos transformar... com dor. Porque nos dói quando crescemos.

Mas todas as grandes mudanças trazem grandes bênçãos. Duramos pouco, mas é o tempo necessário para fazermos a nossa missão e depois temos de dar espaço a outros. Assim é o mundo para nós.

O que pensamos das pessoas? As pessoas para nós são muito grandes, não têm liberdade e poluem tanto o ambiente com os seus pensamentos... Nós voamos, equilibrando essa poluição, de forma sutil, mas valiosa.”

Estava deslumbrada e comovida por aquele ensinamento quando questionei:

“Estou chorando... Vocês choram?”

“Não é a nossa expressão. A expressão do nosso sentir é abrir e fechar as asas.”

“E o que pensam de mim?”, perguntei.

“Que um dia você será como nós. A tua beleza já não precisará ser apreciada pelos humanos. É bela porque faz parte de um plano superior que harmoniza a Terra e isso basta para ser e viver plena...”

Depois de ouvir isso, ainda me tornei mais fã destes lindos seres.

As borboletas ensinam-me que onde há finais, há começos. As mudanças devem ser celebradas, agradecendo todas as lições que aprendemos e por termos a oportunidade de nos libertar do que já é obsoleto para a nossa evolução. Acreditar que qualquer mudança é para o melhor e viver a excitação de uma nova surpresa que está reservada.

Porque afinal as “borboletas (...) gostam de muita luz!”, cantou Vinicius de Moraes para as crianças.

VOLTAR A SER CRIANÇA

“A minha música é mais bem compreendida por crianças e animais.”

IGOR STRAVINSKY

Os animais têm a capacidade de nos proporcionar sentimentos profundos e reveladores.

Quando começamos uma jornada com um amigo de quatro patas, começamos uma jornada interior. Começamos a vislumbrar a criança que ainda existe dentro de nós.

O que talvez você ainda não tenha percebido é que adquirir um animal lhe permitiu, só por si, uma transformação pelo fato de que isso lhe faz se contatar com a sua criança interior de uma forma mais permanente. Quando brincamos com um animal, corremos, saltamos, o nosso ser expande-se e a nossa criança interior é cuidada. Há animais que substituem a ausência de crianças num lar e dessa forma curam inúmeras feridas humanas.

A necessidade de encontrar e trabalhar a criança interior, aquela menina ou menino que permanece bem dentro de você, faz parte do caminho do autoconhecimento e da criação de um sentimento de totalidade do ser humano.

Poucas pessoas sentem que tiveram uma infância perfeita, pois a grande maioria acha que não recebeu atenção e amor suficiente enquanto criança, por isso o resgate da criança interior torna-se uma prioridade para um maior equilíbrio do ser adulto.

Quando estive na Índia, uma professora me disse que nós, os ocidentais, educamos as crianças enfatizando os seus defeitos, ou seja, quando encontramos alguma dificuldade, gritamos ou castigamos em vez de criar uma situação para superar a dificuldade da criança. No meu trabalho voluntário na Índia, compreendi que a única forma de educar é mesmo dando o exemplo, pois todo o resto são meras estratégias sem resultado.

Quando crianças, nós apreendemos o mundo físico através dos cinco sentidos e tudo se percebe de forma mais simples. É exatamente na infância que se estrutura muita da nossa psique.

Para uma criança, o padrão repetido de “não” por desaprovação parental vai criar-lhe um sentido de autoestima diminuto comparativamente a uma criança que vivencia um crescimento por meio do método tentativa-erro. Os passos deste método incluem escolher uma operação plausível, executar essa operação e verificar se a meta foi alcançada. Caso não tenha sido alcançada, a criança deve repetir o processo até que atinja a meta ou se evidencie a insolubilidade do problema.

Ao gritarmos crônica e sistematicamente ao nosso filho “Não faça isso!”, o fazemos conscientemente porque queremos protegê-lo e a nível mais inconsciente porque nele projetamos os nossos próprios medos. Não entendemos ainda que assim impedimos que ele cresça verdadeiramente e faça aquilo que veio fazer à terra, que é aprender vivendo.

A grande maioria dos adultos tem uma criança interior abandonada, triste, medrosa, submissa, ou então irada e revoltada, que só se manifesta aos gritos.

Num *workshop* que ministrei há uns anos, sugeri ao grupo um exercício para alcançar à sua criança interior. A história que vou contar a seguir revela de forma bem visível o poder dos animais. Uma das participantes, de nome Laura, não conseguia ter acesso à imagem da sua criança interior.

“Nem sequer consigo me ver quando era menina...”, dizia Laura muito triste, mas tentou justificar aquela dificuldade por não se recordar muito da infância. Sugeri que olhasse para uma fotografia de quando era pequena e tentasse o exercício mais vezes a seguir.

Pouco depois do *workshop*, Laura sentiu subitamente a necessidade de adotar uma cadela. *Lassie*, uma cadela grande e castanha, de pelo curto, com seis meses, muito irrequieta, mas completamente adorável, entrou assim na vida de Laura. Num dos momentos de brincadeira entre elas, *Lassie* encostou-se ao peito de Laura e ela sentiu algo muito forte e inexplicável, começando a chorar compulsivamente, mas ao mesmo tempo sentindo um profundo bem-estar... Nessa mesma noite, Laura sentiu um grande apelo para ir buscar um boneco de pelúcia dos seus filhos e dormiu agarrada a esse boneco. Esse momento sensibilizou-a e fizemos uma comunicação com *Lassie*. No meio de muitas outras informações, deu-se esta declaração deliciosa:

“Minha dona... Sempre houve um excesso de responsabilidade para a sua idade, você cresceu rápido demais e não brincou. Mas ainda dá tempo. Eu ajudo você, mas você ainda tem de brincar muito mais. Eu te aconselho a andar no carrossel e rolar na terra!”

Laura, uma empresária de sucesso na casa dos 50 anos, ficou alarmada com a ideia de ir rolar na terra e ser reconhecida por alguém, mas veio a comprovar a cura minuciosa da sua cadela, que se revelou muito mais visionária do que esperava.

No caso de ter crianças na família, sugiro que adote um animal. Os animais ajudam as crianças com importantes lições de afeto, responsabilidade e paciência.

Aprendem a valorizar a natureza e as suas diferentes espécies, compreendendo que o animal não deve ser visto como um brinquedo, com o qual se pode fazer tudo o que se quer, mas como algo que deve ser respeitado. O que se aprende na relação com os animais extravasa outras esferas da vida, por isso mesmo a criança só tem a ganhar com isso. São lições práticas para a vida, que todos sabemos que têm resultados muito melhores do que as teóricas.

Não espere mais e vá brincar com o seu animal ou então adote um animal que preencha a sua vida para reviver a criança que há em você.

COMUNICAR-SE COM UM ANIMAL

“No semblante de um animal que não fala, há todo um discurso que só um espírito sábio é capaz de entender.”

PROVÉRBIO INDIANO

Tenho compartilhado várias comunicações que fui tendo com os animais ao longo deste livro, mas chegou o momento de lhe explicar melhor como se desenrola todo esse processo.

Comunicar-se telepaticamente com um animal ainda nos parece ficção científica e estou aqui para desmistificar o que faço no meu dia a dia.

Ao longo de vários anos ligada ao mundo dos animais, primeiro enquanto médica e cirurgiã e depois enquanto comunicadora, já ouvi milhares de pessoas dizerem: “O meu animal é tão inteligente que só falta falar!”

Mas quantas vezes sentimos que as palavras não traduzem a essência daquilo que queremos transmitir, nem são verdadeiramente fiéis perante os nossos sentimentos?

A comunicação verbal é uma das muitas formas de comunicação e limitar-se a ela acaba por ser isso mesmo uma limitação.

Ainda é uma necessidade humana ouvir o outro dizer, explicar ou discriminar algo; o silêncio ainda nos cria insegurança, pois não é fácil a um humano apenas... sentir.

O animal sente. E ao sentir, age em consonância. Para que as palavras?

Acredito que, para uma missão tão altruísta, as palavras só iriam atrapalhar e até impedir o fluxo natural do serviço dos animais. Imagine o seu cão dizendo pra você:

“Meu querido dono, estou doente porque você está com problemas no trabalho e está sofrendo porque não consegue resolvê-los.”

A sua reação seria provavelmente defensiva, cheia de vitimização para gerir a sensação de culpa que podia advir daí:

“Eu não fiz nada, os meus colegas é que fazem intrigas.”

Percebi assim o poder do silêncio, compreendendo por que é que os animais não se comunicam pelas mesmas palavras que nós. Essa sua comunicação sem palavras pode entrar em nós como sementes, que precisam da nossa nutrição para crescer e traduzir-se em algo positivo.

A sabedoria indígena ensina que tudo na Terra está sempre falando, só que devemos primeiro aprender a ficar em silêncio para ouvir. Como posso ouvir, se ainda não parei de falar? Como posso ouvir se as minhas palavras atropelam tudo e todos?

Quando ainda nos julgamos uma espécie superior torna-se difícil fazer uma verdadeira comunhão com a natureza. É preciso efetivamente parar, escutar, sentir – o que nos dias de hoje é cada vez mais raro.

Joanne Lauck é educadora ambiental e autora do livro *The Voice of the Infinite in the Small: Revisioning the Insect-Human Connection*, livro no qual diz que as pessoas persistem em acreditar que a separação entre as formigas e os humanos é demasiado grande e que a forma como as formigas vivem as suas vidas não tem qualquer correspondência com a nossa vida humana. Esquecemo-nos de que todas as espécies têm alguma lição importante a compartilhar e que o tamanho e a aparência não são critérios válidos para designar sequer um estatuto. Os indígenas sabem que até uma formiga pode nos oferecer uma revelação – tudo pode nos ensinar algo, mas nem todos aprendemos ou estamos predispostos a aprender.

O que eu aprendi é que somente seres muito especiais não precisam das palavras para dizer que nos amam, pois sabem demonstrá-lo a cada dia.

COMO SURTIU?

O xamanismo, que tem milhares de anos de tradição, fomenta a ligação intuitiva e honrosa entre o homem e os animais. A comunicação telepática interespecies só começou a ter visibilidade a partir dos anos 1970, nos EUA, onde é desde então considerada profissão.

A especialista e pioneira em comunicação telepática no mundo foi Penelope Smith, norte-americana que descobriu, em 1971, que os animais poderiam ser tratados de traumas emocionais e outros problemas através das mesmas técnicas de aconselhamento que ajudavam os seres humanos. O seu sucesso teve a contribuição da sua formação académica – mestrado em Ciências Sociais – e vários anos de formação e experiência em aconselhamento humano na área de Nutrição e Holística do Corpo assim como pesquisas em Nutrição, Anatomia e Comportamento Animal. É autora de diversos livros, dentre os quais destaco *Animal Talk*, *When Animals Speak* e *Animals in Spirit*. O seu trabalho visionário tem sido destacado em jornais, revistas, rádio e televisão, tanto nos Estados Unidos como noutros países, pois ainda ocupa um lugar central nesta crescente comunidade de comunicadores com animais em todo o mundo.

Penelope sente que a ligação sagrada que estabelecemos por meio da comunicação telepática com outras espécies é essencial para a integridade humana e acredita que todos nós nascemos com o poder de nos comunicarmos com outras espécies e que, embora a maioria das pessoas tenha perdido essa capacidade há muito tempo, ela pode ser recuperada para o benefício de todos os seres na Terra.

Confesso que, tal como a maioria das pessoas, não fazia ideia de que isso fosse possível. Até o dia em que, logo após o meu regresso da Índia, me comuniquéi com um cão que estava consultando. Depois dessa experiência, a qual já me referi anteriormente, comecei a pesquisar e a seguir o trabalho de outros comunicadores com animais, em especial o trabalho de Daniela Camino, que é comunicadora no México.

Daniela Camino é mestre em Antropologia e terapeuta. Desde 2003 estuda e pratica comunicação interespecies em vários países

do mundo e forma novos profissionais de comunicação na América Latina, ministrando diversos cursos.

Já existe mais de uma centena de comunicadores interespécies por todo o mundo, em especial no continente americano, estando em expansão na Europa.

Neste serviço à humanidade, reconheço um elevado potencial de cura, pois começamos a ter uma visão sagrada da natureza e a restabelecer a integridade das relações dos coabitantes da Terra. Por outro lado, quando nos conectamos com um animal, conectamo-nos também com a nossa essência. E esse contato com uma parte interior ainda adormecida conduz-nos naturalmente a uma cura e expansão do nosso ser.

COMO SE FAZ?

“Em que idioma os animais se comunicam?”, várias pessoas me perguntam.

A comunicação telepática é uma comunicação universal, ultrapassa os idiomas e as limitações linguísticas humanas.

A comunicação manifesta-se sob a forma de sentimentos ou imagens intuitivas e pode evoluir, com o tempo e prática, para uma “conversação” a nível mental.

O que os comunicadores telepáticos têm é o que eu chamo de “código de descriptação” – têm a capacidade de decodificar, para uma linguagem perceptível aos outros humanos, aquilo que recebem no seu cérebro. Volto a reforçar que nada ouço com os meus ouvidos físicos, não escuto quaisquer vozes. O processo desenrola-se por meio de sentimentos, frases-pensamentos e imagens no meu cérebro.

Quando fecho os meus olhos para me comunicar com um animal, entro num espaço de pureza interior. Estou em amor, no presente, em intenção pura, compaixão e respeito e assim consigo “ouvir” no silêncio quando me sintonizo à essência daquele ser.

Inicialmente, emitia a intenção de me ligar ao coração daquele animal com quem pretendia me comunicar, mas com tempo e prática basta a simples conexão com o seu nome. A presença física do animal não é necessária, pois trata-se de uma conexão à essência mais pura, e as comunicações fazem-se com a mesma facilidade com um animal que esteja na África do Sul, ou um animal que esteja à minha frente em Portugal. A grande maioria dos comunicadores com animais trabalha à distância, pois é a forma de ajudar todos, já que os limites físicos não são impeditivos.

Os animais estão sempre disponíveis para a comunicação, a qualquer hora, e não ficam intrigados sobre quem eu sou ou onde estou fisicamente. Se me disponibilizo para escutá-los, eles me revelam o que sentem. Eu apenas o traduzo ao dono, sejam as suas necessidades, sejam os seus problemas ou problemas dos seus donos.

Em momentos significativos da vida da pessoa, os animais podem ser uma preciosa ajuda e têm geralmente muito para nos comunicar. Por serem parte da família e terem uma profunda sabedoria espiritual, apresentam uma visão mais ampla das circunstâncias atuais aos seus donos. Como também sou terapeuta psíquica humana, ofereço frequentemente sugestões e conselhos referentes àquilo que o animal enunciou para ajudar o seu dono.

Normalmente, as pessoas procuram-me quando há uma doença ou lesão, mudanças no comportamento dos animais, mas também problemas de convivência, mudanças na casa ou aumento da família. Outras me pedem para ajudá-las a escolher o nome do animal, ou abordam-me para assuntos mais difíceis como a opção de eutanásia, ou para contactar com a alma de um animal já falecido.

Nas comunicações, os animais revelam que o seu comportamento não é mais do que um espelho dos seus donos com quem estão comprometidos. Mesmo que os donos não reconheçam ainda essa parte que ele está a espelhar, o que os animais fazem é ajudar-nos nisso.

A presença de um animal no nosso lar alerta-nos assim para a necessidade de prestar atenção nos espelhos que existem na nossa vida: aquilo que vemos no outro é o espelho de nós mesmos.

Os animais são assim o nosso espelho, nas nossas qualidades e defeitos. O que vemos é o nosso próprio reflexo.

Quando algo nos incomoda, é geralmente porque temos em nós essa mesma característica, embora possamos não reconhecê-la. Magoa-nos sem sabermos porquê. Só persiste e incomoda, pois muitas vezes não reconhecemos, aceitamos ou até proibimos aquela característica em nós. Esta é a base da filosofia do espelho que está presente em qualquer relação.

Quando digo a alguém que aquele animal está comprometido com ele, isso significa que há entre eles um pacto especial de união e auxílio.

Saliento também que o compromisso de um animal de estimação em ajudar um determinado elemento da família pode sofrer alterações. Por exemplo, o seu gato pode estar comprometido em ajudar energeticamente o seu marido, mas, dependendo do seu grau de necessidade e debilidade energética num preciso momento da sua vida, esse gato pode começar a procurar mais a sua presença para ajudá-lo. É por isso que ouço muitas pessoas dizerem que “o meu gato começou a querer ir dormir agora com o meu filho, antes só queria vir para o meu colo”.

Numa comunicação, o animal revela muitas vezes os seus alimentos preferidos, os hábitos relevantes, os acontecimentos importantes que o marcaram como os acontecimentos que marcaram os seus donos e acabaram, consequentemente, por “marcá-lo” também.

Lembro-me de uma cadela yorkshire de nome *Mel* que se apresentou da seguinte maneira:

“Oi, Marta! Eu sou a almofadinha da dona.”

A sua dona riu, pois reconheceu que, quase todas as noites, adormecia com a sua cabeça encostada à sua cadela.

De forma clara e objetiva, colocam-se também perguntas específicas ao animal. No final, agradeço sempre ao animal a sua disponibilidade e compromisso para com os processos humanos. Os animais de estimação sentem-se extremamente felizes e gratos por poderem expressar claramente as suas necessidades e sentimentos.

Como os pedidos de comunicação ocorrem, na sua grande maioria, na sequência de doenças ou situações de sofrimento para o animal, muitos donos me questionam se quando me comunico com eles, os curo.

Hoje sei que o milagre acontece e os animais começam a melhorar quando os ouvimos e trazemos à consciência do seu dono todo o processo que ele está somatizando.

O caso de *Mi*, uma gata preta com oito anos que apresentava febre de origem desconhecida há mais de dois meses sem melhorias, demonstra isso.

Na comunicação, ela revelou que a febre se devia ao recente “atrito” entre a dona e o seu irmão, resultante de um grande conflito prévio, que tinha acontecido há dez anos, e que a dona só poderia ultrapassar se perdoasse esse irmão.

Ao ouvir as minhas palavras, a dona de *Mi* disse-me que ainda não conseguia perdoar o irmão, dado que o que ele lhe tinha feito era extremamente doloroso e quase imperdoável. Expliquei-lhe que perdoar iria libertá-la e também libertar a ele, mas que também devia respeitar o tempo necessário para sentir um genuíno desejo de libertação pelo perdão. Não estava pedindo a ela que esquecesse o que ele lhe fez, pois o esquecimento faria perder uma importante lição e nova ferida podia acontecer. Sugeri a essa senhora exercícios de visualização para fazer o perdão ao irmão, assim que se sentisse capaz.

Dois dias depois, a veterinária de *Mi* ligou-me para dizer que a febre tinha, miraculosamente, desaparecido. A tomada de consciência do processo causador da febre originou, por si só, uma melhoria nesse animal.

A CURA POR MEIO DOS ANIMAIS

AS LIÇÕES ESPIRITUAIS DOS ANIMAIS

“Um dia (...) voltaremos a viver livres como os animais.”

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDERSEN

O seu animal é um mestre espiritual e, para aprender verdadeiramente as suas lições, você deve olhar primeiro para dentro de si para se autoconhecer.

Nem sempre é fácil, mas tudo irá se transformar enquanto você caminha em direção ao seu ser interior e se compromete a crescer e a melhorar. O seu propósito interior é descobrir quem realmente você é, despertar e construir a sua consciência e assumir a responsabilidade na criação da sua história.

Deepak Chopra, médico endocrinologista e professor que se tornou um dos mais brilhantes escritores de livros de autoajuda no mundo, explicou que “todos temos um propósito na vida, algo único para dar aos outros. Quando se mistura esse talento com o serviço aos outros, experimenta-se o êxtase do nosso próprio espírito, o que é o objetivo último. Primeiro, devemos descobrir o nosso verdadeiro eu, depois expressar os nossos talentos especiais e, finalmente, usar esse nosso dom para servir a humanidade.”

Se você tem ao seu lado um ser completamente dotado no sentido de serviço ao próximo, aproveite essa dádiva e observe o modo como o seu animal age para conseguir identificar uma infinidade de lições extraordinárias para o seu próprio caminho.

Caso você seja, por exemplo, um apaixonado por águias, um significado disso é certamente aprender a ver “de cima”, “elevar-se” para ver a totalidade daquilo que acontece na sua vida.

Por isso deixo aqui o desafio de se sentar e observar o seu animal de estimação. Faça isso durante uns dias e anote aquilo que lhe chamou a atenção. Com calma, constate a profundidade dos seus ensinamentos.

Eu também o fiz e eles proporcionaram-me irrefutáveis lições sobre o que é a verdadeira espiritualidade na Terra!

Ensinam-nos a sentir

Os animais ensinam-nos especialmente sobre compromisso e entrega emocional.

Muitos de nós sentimos desconfiança em relação a outras pessoas, mas facilmente sentimos confiança em relação aos animais, especialmente em relação ao cão.

O nosso coração reconhece a pureza de um animal e é por isso que tantos de nós sentem conexão e vínculo profundo com os seus animais.

O grande autor espiritual Eckhart Tolle referiu-se aos animais como “os guardiões do Ser”, pois quando olhamos para os olhos de um animal há algo dentro de nós que responde à sua presença e faz nos conectarmos de forma pura àquele ser.

Eu sinto que o nosso coração reconhece facilmente a unidade com o coração de um animal.

Numa sociedade predominantemente analítica e racional, onde sentir só é confortável se estivermos em total controle, as relações humanas apresentam uma base excessivamente mental e é de fato na mente que se encontram todas as nossas crenças, conceitos, dualidades e ambivalências, projeções e medo de vulnerabilização. A mente conceitual funciona como um muro nas relações interpessoais que não nos permite sentir a pureza do outro.

A nossa vinculação aos animais não advém de eles serem seres irracionais ou inconscientes, mas sim da quase ausente ligação mental nesse relacionamento – um animal consegue quebrar a nossa barreira conceitual.

Quando passeamos com um animal, especialmente se este tiver uma aparência simpática, várias pessoas vão nos interpelar para conhecê-lo e fazer carinho nele. Se o animal não estivesse presente, era improvável que essas pessoas interagissem e se comunicassem conosco.

Um animal que desperte empatia cria um verdadeiro milagre para que a pessoa deixe fluir e manifeste toda a sua afeição, sentindo simplesmente.

Ensinam-nos sobre a alegria de viver no aqui e agora

É tão bom chegar em casa e ser recebido pelo nosso cão que saltita em euforia. Os animais vivem intensamente a alegria e contagiam-nos com ela. Eles alegram-se com aquilo que para nós são meras simplicidades como uma caminhada ou um reencontro e, quando o fazem, fazem-no em absoluta devoção. Isso é viver no aqui e no agora.

Tal como quando observamos as crianças brincando, elas estão apenas ali. Não estão na hora do jantar ou na hora de ir para a cama... Por isso as crianças e os animais estão em contato permanente com a sua essência, com o seu ser.

Quando estamos presentes com a aceitação total do momento, fazendo o que for de forma sagrada, encontramos o nosso ser. A cada dia surge uma nova oportunidade e por isso lhe chamamos presente – a essência da espiritualidade.

Aprenda a focar na intenção de viver cada momento tão desperto quanto possível, traga a sua atenção de volta ao momento atual. Evidencie a sua disponibilidade e a sua satisfação, sem máscaras e sem medo de represálias, como os animais.

Ensinam-nos sobre objetividade e verdade

Os animais, se não estão interessados em algo, não arranjam desculpas ou subterfúgios. Assumem a sua verdade e a comunicam com diversas expressões. Nunca pretendem ser algo que não são. Nós é que tendencialmente os forçamos a aceitar as nossas verdades como quando os obrigamos a comer certas coisas ou os arrastamos para certos lugares.

A noção de verdade é algo relativo e proporcional ao desenvolvimento e consciência de cada pessoa. De uma forma simplista, poderíamos dizer que a verdade significa pensar, dizer e fazer a mesma coisa e por isso se diz que é o que fazemos que nos define.

Nos animais não há mentira; a verdade é o elemento estrutural do seu caminho.

A mentira existe no homem porque ele tem necessidade de agradar aos outros. Não percebeu ainda que, ao ter essa necessidade, continua a não ser livre e a não saber quem é... Quando sabemos quem somos, a mentira desaparece por si só.

Os animais nos ensinam a ser, simplesmente. Nós temos coisas, fazemos coisas, mas se eu lhe perguntar quem você é, quanto tempo vai demorar para me responder? É no ser que reside toda e qualquer segurança, não no ter ou fazer. O ser é o núcleo, não dispersa, não duvida.

Os animais são objetivos, não são vagos nem usam estratégias. Já nós recorremos, com frequência, a estratégias negativas e contrárias (amuamos, choramos, gritamos) quando afinal apenas queremos que alguém nos dê afeto ou atenção. Não somos suficientemente verdadeiros e diretos para pedir o que queremos.

De fato, quando éramos bebês, quanto mais alto chorávamos, mais depressa vinham nos confortar, mas agora somos adultos e a responsabilidade pelo reconhecimento das nossas necessidades só diz respeito a nós.

Os humanos são seres de costumes e rotinas e, muitas vezes, nem sabem se estes reproduzem verdadeiramente o que são ou o que querem...

Atente às suas necessidades pessoais, atente à linguagem do corpo e não ao que se “diz” e tudo mudará. Na verdade, o termo “errado” e o termo “mau” são originados no medo e são meros conceitos mentais.

Ao longo do meu caminho, tal como no caminho de tantas pessoas que tenho atendido, acabamos por perceber que tudo o que consideramos mal ou errado acaba por pertencer ao todo e é permitido e até louvado aqui na Terra para ajudar o homem a evoluir. Não me recordo também de algum animal me dizer que tinha feito um erro ou que o dono tinha errado. Eles constatarem os fatos e somente alertam para o nosso sofrimento.

Ao catalogarmos os acontecimentos da vida em bom e mau, não nos permitimos ser flexíveis, e a rigidez toma conta da nossa vida. O resultado são dores nos ossos, problemas nos joelhos, além de perdermos situações que nos fariam felizes.

Francisco Xavier, um dos mais famosos médiuns de psicografia do mundo, escreveu sobre a noção de mal: “O mal é simplesmente o amor fora da lei”, referindo-se à lei espiritual.

Ensinam-nos sobre respeito

Os animais sabem respeitar o próximo, pois sempre que há necessidade praticam a obediência e sabem respeitar-se a si mesmos.

Você com certeza já viu as reações do seu animal (ou outro) quando ele sente a invasão do seu território e dos seus limites. O que eles dizem nessa altura não é mais do que “Eu me respeito!”.

Ao sermos nós próprios e não sermos aquilo que os outros esperam de nós, respeitamo-nos verdadeiramente e isso acontece quando demonstramos aos outros o que sentimos. Escrevi a palavra *demonstrar*, não escrevi *exigir*. Respeitar verdadeiramente é permitir que o outro também seja livre.

Dar liberdade a um animal é, por exemplo, respeitar o seu espaço, esperar que seja ele a aproximar-se de nós, em vez do contrário. Se nos impusermos, se tentarmos forçá-los, estaremos construindo uma relação pouco saudável. Quem gosta de se sentir manipulado ou controlado? Para a relação ser verdadeira e íntegra, tem de haver respeito, entrega, verdade, sem pressões e sem medos.

Ensinam-nos sobre a procura do bem-estar

Os animais ouvem o seu corpo, respeitam e honram os seus ciclos, níveis de energia e emoções. Já reparou que os animais sempre que podem descansam o corpo e espreguiçam-se depois de se levantar? Já reparou que os animais respiram de modo relaxado e profundo usando principalmente o abdômen?

Ao respeitar o nosso corpo, apreciamos a totalidade que está dentro de nós.

Tudo é cíclico, mas o ser humano ainda parece entediado e surpreendido por isso... Esses ciclos, internos e externos, devem ser respeitados. Devemos senti-los, acatá-los, ou vivê-los de forma intensa, sintonizados com eles.

Não há necessidade em forçar ou apressar situações, pois tudo ocorre no seu tempo exato e perfeito. Ao acelerar um processo, a beleza pode-se perder... Vejamos uma rosa. Até abrir e florescer, todos os estágios são profundamente belos e necessários.

Ao aprender a priorizar o que é realmente importante para nós, celebramos esses ritmos e ciclos de vida de bem-estar, tal como os animais.

Ensinam-nos a balancear a energia feminina e masculina interior

Tenho escrito, ao longo deste livro, sobre a energia masculina e feminina de uma forma mais ou menos simplificada.

A humanidade, neste momento, ainda prevalece com mais energia masculina que feminina. No desejo de se igualarem aos homens, as mulheres reivindicaram em excesso a sua energia masculina para assumir papéis de liderança, em que situação for. Talvez por isso nasçam mais mulheres que homens hoje em dia, para que a dinâmica energética se equilibre e se feminize mais a sociedade.

Como mulher que sou, tive de aprender que para viver verdadeiramente a minha energia feminina é necessário receber e, para

saber receber, deve-se aprender a delegar, fazer pedidos, a aceitar a ajuda que me era concedida. Querer ser uma supermulher e tentar fazer tudo só me conduzia a um estado de cansaço, esgotamento e até ressentimento, por carregar pesos bem maiores que aqueles que conseguia suportar.

O meu conselho é que o primeiro passo seja libertar-se da vergonha e/ou culpa sobre pedir, libertar-se da crença de que pedir ajuda é sinal de fraqueza.

É preciso aprender a confiar na sua intuição e sabedoria interior, o que implica parar de procrastinar as ideias recorrentes e ter confiança e otimismo. Implica parar de dar o poder aos outros, vitimizandose a cada momento, e finalmente amar-se o suficiente para dizer não quando se sente cansada ou ressentida com algo.

Recebemos quando temos a capacidade de acolher todas as bênçãos diárias que vêm ao nosso encontro, desde o calor de um raio de sol a um abraço amigo, e assim sentimo-nos emocionalmente acolhidos pelo mundo.

Os animais vivem inseridos numa matilha, uma matilha que pode ser animal ou humana. Não vivem em autossuficiência plena. O seu cão começa a dar sinais se quer ir à rua passear, o seu gato dá sinais se quer que lhe dê comida. Eles sabem pedir.

O segredo da verdadeira produtividade advém de equilibrar o tempo de descanso e contemplação, em que se privilegia a nossa energia feminina, com o tempo de proatividade, em que se manifesta a nossa energia masculina.

A minha gata *Luz* teve também esse grande propósito na minha vida e ensinou-me a entender o seu carácter um pouco rebelde:

“A independência e liberdade são os alicerces da tua força e sucesso e por isso estou agora na tua vida.”

Ela mostra-me que a independência não é incompatível com a necessidade de afeto nem com a necessidade de companhia. Tudo é complementar. Ela mostra-me, a cada dia, como balancear a minha necessidade de interação social com o meu natural desejo de estar mais só. Mostra-me a necessidade de tomar decisões por mim sem precisar tanto da aprovação alheia para decidir a minha vida.

E começou a ensinar-me isto mal nos cruzamos pela primeira vez. Quando me viu, dirigiu-se a mim, cheirou os meus pés, fitou-me nos olhos e ali permaneceu cerca de um minuto, o que, para um gato, é uma verdadeira eternidade.

“É você... a *Luz*!”, disse eu num misto de espanto e excitação por ter encontrado finalmente a gata que tinha visto num sonho seis meses atrás. Nesse sonho, recebi a mensagem de que uma gata viria até mim para me ajudar a trabalhar mais profundamente a minha *Luz*, e assim surgiu o seu nome.

Com este sonho, exerci o poder da intenção focada: ser firme significa focarmo-nos numa decisão e não permitir que outras forças nos desviem dela. Tal como os animais na caça focam previamente o seu alvo.

Foram-me sugeridas muitas gatas brancas e até algumas pessoas me julgaram por parecer que estava discriminando animais quando pretendia simplesmente adquirir um gato... Não discriminei, apenas confiei na mensagem recebida. Ela viria até mim no momento certo, teria de aguardar.

Os meus pais e amigos me dizem muitas vezes que sou corajosa. Sim, corro riscos para realizar os meus sonhos. Os meus sonhos merecem tanto respeito como aqueles que incentivo às pessoas que ajudo. Arrisco com o meu lado masculino e depois encho o coração de gratidão para receber as bênçãos que inundam a minha vida, com todo o meu lado feminino.

Ensinam-nos sobre companheirismo e devoção

Os animais ficam sempre próximos de quem amam, ainda mais quando essa pessoa está sofrendo ou está doente. São verdadeiros companheiros.

Quando se encontram severamente doentes e pretendem falecer isolados, podem afastar-se da sua tribo, numa tentativa de poupar a dor de quem cuida deles ou até para evitar contagiar alguém com a sua doença.

Quando penso no seu grau de compromisso e devoção, recordo-me das frases na cerimônia de um casamento, que para mim refletem a verdade mais profunda desse compromisso:

“É de livre vontade e de todo o coração que pretendeis fazê-lo?”

O animal: “É, sim.”

“Estão decididos a se amarem e respeitarem ao longo de toda a vossa vida?”

O animal: “Estou sim!”

“Eu, (nome do animal), recebo-te por meu dono e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.”

Nesse casamento entre humano e animal não há ilusões.

Para mim, uma grande parte dos divórcios deve-se à ilusão humana de como um relacionamento deveria ser. Essa ilusão choca com a realidade dessa relação e começam os conflitos. As histórias “e viveram felizes para sempre” tiveram o seu propósito, mas é exatamente quando renunciamos a essas histórias fantasiadas que percebemos a felicidade no mundo real. Um animal, quando se compromete, aceita o dono como ele é, não o fantasia.

Ao longo do meu trabalho, observo que a grande maioria das uniões conjugais se baseia em constantes lutas de ego. Na união animal-homem não há tais lutas, e eis aí o motivo de elas serem sempre tão bem-sucedidas.

Os animais, e tantas pessoas, ensinaram-me que na despedida, tudo o que importa realmente é o amor, e o nosso itinerário aqui deve incluir aprender a amar com devoção.

Ensinam-nos sobre inocência, perdão e tolerância

Certa vez li num artigo do psicólogo português Eduardo Sá que a inocência não é somente um olhar angélico. Ser inocente é deixar que a beleza nos atrepele a razão e nunca deixar de escutar primeiro o que se sente. É estar aberto mesmo que isso ponha em dúvida tudo aquilo que supúnhamos saber.

Não existe melhor definição para um animal a meu ver.

Quando nós chegamos em casa ao fim de um dia de trabalho ou nos ausentamos mais horas do que era suposto e nos esquecemos do nosso animal, ele não nos espera zangado. Na realidade, está sempre tudo bem.

Por quê? Não há orgulho nos animais. Podem aparentar estar amuados, o que na realidade é expressão de tristeza, mas quanto tempo demora para eles se esquecerem daquele incidente? Eles sabem perdoar totalmente, não são vingativos. Eles também me

ensinaram que a vingança tem a ver com justiça humana inferior para satisfazer o nosso ego, e a grande aprendizagem passa por ver além da própria dor.

A incondicional tolerância dos animais revela-se porque recomeçam a cada momento e não contabilizam o número nem a data de conflitos ou acusações injustas. Mesmo não assumindo uma responsabilidade que não lhes pertence, os animais conseguem perdoar verdadeiramente porque sabem amar incondicionalmente.

Ensinam-nos sobre viver sem expectativas, em abnegação e desapego

Os animais procuram poucas coisas no mundo exterior para o seu equilíbrio interior e é desta forma que nos ensinam sobre o ego, nas mais diversas e profundas formas.

Já pensou por que razão é que uma grande maioria das pessoas quer ser famosa? Simplesmente para sentirem que são amadas. Procuramos ser aceites, ter reconhecimento, ter muito dinheiro, encontrar alguém que nos complemente – procuramos nos sentir confiantes com base no exterior.

Um animal não busca ser superior a nenhum outro ser e por isso nunca experienciou a inveja. Apesar de Oscar Wilde ter dito que o número dos que nos invejam confirma as nossas capacidades e de saber que muitos de nós fomos ensinados a não demonstrar que a vida nos corre bem, não vá alguém invejoso amaldiçoar o momento, lamento que este sentimento ainda consuma tanta energia à humanidade... Não acharia ridículo se a abelha tivesse inveja da águia, só porque esta última tem asas maiores e voa mais alto?

Os animais sabem que existe um propósito para cada um deles, nas suas diferentes formas e dimensões, têm a sua missão e só dependem o seu tempo e energia a fazer o que realmente vieram aqui fazer.

O equilíbrio é a sua grande procura, e muitos de nós, humanos, não sabemos como se procura tal coisa, nem sequer imaginamos como é possível alcançá-lo. Ao estarmos tão centrados no nosso ego, procuramos reconhecimento exterior, dinheiro, *status* para sentirmos que somos felizes e aí o desequilíbrio emerge.

A questão “Você quer ter razão ou ser feliz?” vai muito além das relações humanas.

Nas clínicas onde trabalhei, sempre observei os donos gritando ou dando ordens autoritárias aos seus cães. Estes, mais ou menos resignados, lá aceitavam a represália e as ordens do seu dono. Naquelas situações, o dono acha-se também dono da razão de forma irrefutável e não consegue compreender que ambos, dono e animal, defendem pontos de vista igualmente verdadeiros.

O cão não respondeu no mesmo tom, a sua necessidade de ter razão não foi manifestada, independentemente de falar por palavras ou não.

Quando superamos a necessidade de ter razão e o desejo de aprovação deixa de nos mover, começamos a amar verdadeiramente.

Quando uma luta de egos supera uma união de amor, advém a frustração e a dor. Só o ego sente necessidade de espalhar aos quatro ventos o quão fabuloso é. Esqueçamos que, se não dissermos nada e vibrarmos em felicidade e paz interior, o exterior o sente. A necessidade de divulgação desaparece, para aprendermos a humildade – reconhecendo a nossa grandiosidade sem nos sentirmos o centro do universo ou superiores a alguém.

Com a sua missão, os animais relembram-nos que a verdadeira grandiosidade é incógnita. Como alguém me disse um dia, o lavrador tem a enxada, mas se ele for preguiçoso de nada ela lhe vale. Isto evidencia que não é o instrumento que nos distingue, mas sim aquilo que fazemos dele.

Numa comunicação, um cão da raça Basset Hound de cinco anos chamado *Toddy* contou-me que a dona era de tal forma obstinada por objetos excêntricos que mandou fazer um clone dele, com o mesmo tamanho, em ouro. Para *Toddy* isso não estava errado, já que a dona tinha capacidade monetária para isso e era uma alegria para ela. O problema é que desde então a senhora dava mais festas e atenção ao cão de ouro do que a ele próprio. Os objetos servem para embelezar a nossa vida, mas não deviam servir para controlá-la.

Será saudável acumular ar dentro de um saco para o caso de um dia este vir a desaparecer?

Assim devemos olhar para a energia do dinheiro.

Ele existe para ser trocado, para circular. Quanto mais movimentado for, no bom sentido, mais se poderá multiplicar. O dinheiro é simplesmente a materialização de uma energia e a sua troca poderá ter um objetivo mais ou menos notável. Na vida, tomar uma decisão amorosa e genuína é o mais importante e o dinheiro virá depois. Colocar o dinheiro como único ponto de partida para uma ação é um princípio que só vai causar sofrimento, mais cedo ou mais tarde.

Servir em amor, como comentei antes, é trabalhar em algo no qual aprendemos a amar, a nós e aos outros, e só aí estamos no caminho da nossa missão e encontramos a nossa luz.

Trabalhar para obter somente um salário ou ter algum tipo de poder não vai permitir qualquer evolução espiritual – um serviço sem amor não nos faz ascender.

Ao mudarmos a nossa atitude em relação a dar e receber, a relação com o dinheiro irá mudar, pois o dinheiro, por si só, deixa de nos mover, deixa de ser central nas nossas vidas.

Se retiver o dinheiro, se for ganancioso, se sentir que é superior aos outros por ter mais posses, se não ajudar quem lhe pede (dentro de limites sensatos e respeitosos, é claro), muito dificilmente ele retornará ao seu bolso com rapidez.

“O dinheiro traz felicidade” é uma máxima que persisto em aplicar caso uma pessoa ou animal não tenha o que comer, não tenha o mínimo de condições habitacionais, entre muitas outras situações.

Mas quem vive em desapego com o dinheiro, nunca fica sem ele.

A questão central não está no dinheiro que recebemos, mas sim no que fazemos com o dinheiro que recebemos. Como usa o dinheiro que recebe? De que forma? É generoso consigo e nas suas causas ou vive com medo que o dinheiro lhe falte? Para mim aqui está a chave da prosperidade.

Por exemplo, a minha aprendizagem pessoal sobre o desapego surgiu por meio do meu trabalho terapêutico com pessoas e com animais. No início do meu percurso enquanto terapeuta, o meu conceito de ajudar era resolver o problema do outro. Até que comecei a perceber que mesmo quem se disponibiliza para procurar ajuda, nem sempre tem força, coragem e dedicação para se transformar.

O compromisso é essencial, pois há uma diferença entre ir a uma consulta ouvir a opinião do terapeuta e estar empenhado no processo de consciência e transformação.

Se evitar fazer obras no telhado da sua casa, quando vier chuva é muito provável que sofra uma inundação... É possível levar um cavalo à água, mas não é possível obrigá-lo a beber, já dizia a minha avó.

Não basta saber o porquê do problema, temos de nos dedicar à transformação do padrão que o causou para que se cure a partir da

“raiz” pois, caso contrário, poderá reincidir.

Tive de aprender a gerir a frustração que daí resultava, pois é da liberdade de cada um escolher ou não responsabilizar-se e dedicar-se à resolução das suas dores.

Assisti a processos, aparentemente simples de resolver para mim, em que as pessoas se sabotavam a si próprias, vitimizando-se, fugindo... Mais tarde acontecia algum tipo de fatalidade, apesar de as ter avisado previamente, mas preferiram sempre ignorar.

Observei como os animais, verdadeiros terapeutas, nos ajudavam – por meio da compaixão e de um infinito amor silencioso. Afinal, era mesmo o meu ego que queria que todos os seres que me consultavam ficassem para sempre felizes e resolvidos. Tive de aprender que qualquer terapeuta é só parte interveniente do processo de ajuda.

Por isso mesmo, e como todos nós em algum momento das nossas vidas somos terapeutas, vou dar-lhe algumas dicas para que você não se magoe quando está simplesmente tentando ajudar alguém.

Só conseguimos ajudar verdadeiramente quando damos consciência e apaziguamos o medo de quem precisa de nós. A decisão terá de vir da própria pessoa porque só depois é que ela consegue encontrar-se e definir a sua verdade. Tente deixar o outro livre até ele conseguir fazer o seu salto de fé, pois só assim consegue expandir-se, sem medos. Não tente impor a sua ideia ao outro, controlar ou manipular os acontecimentos ou as pessoas. É necessário que essa pessoa perceba por si o seu verdadeiro poder.

Os animais ensinaram-me que ajudar os outros não implica provar alguma coisa a alguém, inclusive a nós próprios. Devemos fazer apenas o melhor que podemos.

Ensinam-nos sobre perfeccionismo, julgamento e culpa

Estas três palavras estão intimamente ligadas, pois quando uma se verifica, as outras duas estão latentes e vão se revelar em pouco tempo – se sinto culpa é porque exigi ser perfeita e como não o consegui, julguei-me.

Foi a história da minha vida durante muitos anos... Tenho ascendente astrológico no signo virgem, logo sou muito perfeccionista e exigente, e sempre considerei isso o meu tendão de Aquiles. É por essa razão que me sinto pessoalmente tão grata por esta aprendizagem que os animais me proporcionaram.

Antigamente, nunca estava satisfeita. Na faculdade, um 18 não era tão perfeito como um 19 ou 20. Só quando percebi que estava sendo tão perfeita quanto conseguia a cada momento de acordo com o meu conhecimento e consciência, a culpa se desfez.

Costumo dizer com frequência que um dos maiores inimigos da nossa evolução é o sentimento de culpa. Esse sentimento surge também com frequência quando as pessoas têm contato com a verdadeira missão dos animais e por isso sinto oportuno partilhar a comunicação do gato *Theo* à sua dona, um siamês profundamente sábio aos seus 17 anos:

“Não sinto culpa de nada... Sou como sou. Arranhei o sofá azul da sala para me aliviar do estresse, nunca para te magoar... Não faço nada para magoar propositadamente, por isso não sei o que é a culpa. O amor que tenho por você, se o sentir profundamente, pode te ajudar a ultrapassar toda a culpa...”

Durante toda a minha vida, ouvi a frase “Os humanos são mais evoluídos que os animais”, e isso me incomodava demais...

Posteriormente, no meu caminho de aprendizagem sobre espiritualidade, comecei a ouvir pessoas dizendo que eram mais evoluídas do que outras.

Ainda hoje ouço com alguma frequência em consultas “Sou uma alma velha e muito evoluída, que já não reencarna mais, e quando morrer irei me tornar um anjo”.

No início ouvia essas frases e tinha de me controlar para não julgar a pessoa logo em seguida:

“Mas por que você pensa que já é perfeito(a)? Somos ainda todos tão imperfeitos, tão egoístas... Só a fonte da criação sabe se voltamos cá de novo ou não”, era o que me apetecia dizer.

Só que se eu respondesse dessa forma, não sairia de uma roda eterna de julgamentos... Então olhei para dentro de mim e percebi que fazer esses julgamentos era algo que me afastava do caminho da minha luz.

Nunca ouvi um animal comunicar algo semelhante. Os animais de estimação conhecem-nos bem e não nos julgam.

Os animais podem dizer que outro animal ou humano os incomoda, mas é simplesmente a percepção de um fato, não um julgamento.

Uma vez perguntei a um casal de cães da raça shar-pei por que razão eles tinham agora tantos conflitos:

“Alguém se julga mais forte do que o outro?”, perguntei-lhes.

“Nada disso. Somos iguais. A *Francis* é que come a minha comida às escondidas”, respondeu prontamente o macho.

É a mente que julga e ainda não entende que a pureza da alma é perfeita em cada um e que apenas o seu modo de expressão se tornou diferente. Como ainda dificilmente conseguimos ver a totalidade e a finalidade das situações que nos acontecem, persistimos em julgar tudo e todos.

Teve a intenção de prejudicar ou não fez as coisas bem propositadamente? Se a resposta é negativa, livre-se do sentimento de culpa o mais rápido possível.

Um dia perguntei-me o que haveria além da perfeição, se o que é perfeito já está finalizado. Se a perfeição é a exclusão das imperfeições, ser perfeito quase parece o oposto de ser humano... Só se eu tentar não ser humana. Mas eu agora quero ser Deus? Não! Como não me ferir nessa busca obsessiva para superar os meus limites até à exaustão?

Percebi que ser perfeccionista conduz ao controle, à frustração, à autoflagelação e até, em última instância, à autodestruição.

Madre Teresa dizia que a vida é um jogo. Mas esse jogo não é sobre perfeição, mas sim sobre o amor. O perfeccionismo acaba também por ser um conceito, e conceito é coisa de humano. Ao conseguirem transpor tudo isso, os animais ensinam-nos assim sobre a verdadeira aceitação.

Ensinam-nos sobre o amor incondicional

Todos os ensinamentos de que falei anteriormente compõem o amor incondicional, tal como as notas numa partitura para uma bela e única melodia.

Quando falo sobre amor incondicional, gosto de partilhar a história que segue. Certa vez, numa consulta com uma linda mulher de

nome Maria Madalena, ela me pediu desesperada:

“Marta, por favor, ensine-me a amar incondicionalmente... Não sei e quero mesmo aprender a fazê-lo.”

Apaziguei-a explicando que estamos todos percorrendo esse caminho de aprendizagem e que a missão dos animais podia inspirá-la. E continuei, com os olhos bem abertos pensando noutro simbolismo:

“Repare no seu nome. A história bíblica de Maria Madalena também sintetiza o amor incondicional, em que falsos julgamentos se tornam possibilidades de perdão incondicional para a ressurreição da energia de amor e de doçura.”

E como uma bela melodia, foi composto este texto sobre a verdadeira expressão deste amor:

“Amar incondicionalmente é respeitar e aceitar, é dar e guiar sem nada esperar em troca. Amar não é apegar ou depender, por isso não é esperar que o outro nos faça feliz, pois isso já está dentro do nosso ser. Amar incondicionalmente é ser flexível, dar espaço e liberdade, pois só assim não limitamos as oportunidades que a vida nos dá de presente. Amor incondicional é perdão e tolerância, o que envolve aceitar as diferenças, ser compassivo com os erros, mas não ser cúmplice daquilo que não é a nossa verdade. Amor incondicional por nós mesmos é amar a nossa sombra para a preenchermos de luz, pois só honrando todas as nossas partes podemos ser realmente inteiros.”

Jamais o amor sente pressa!

A CURA ENERGÉTICA DOS ANIMAIS

Os animais nos ajudam no processo de cura emocional, energético e consequentemente físico. Mas para compreender o que é a ajuda energética que os animais nos proporcionam, temos de compreender primeiro o mecanismo de desenvolvimento de qualquer doença ou disfunção. Isso implica compreender estes três pontos:

1. A base da vida é a energia. Se o fluxo de energia no corpo físico for perturbado em qualquer zona, o equilíbrio da saúde é interrompido e surgem distúrbios e doenças.
2. Segundo a medicina quântica, o universo é uma extensão do nosso corpo.
3. A terceira lei de Newton ou o Princípio da Ação e Reação é uma lei universal da Vida: toda a ação provoca inexoravelmente uma reação, independente do tempo para a sua manifestação.

“A cada um, segundo as suas próprias obras” revela o perfeito mecanismo de justiça e igualdade absoluta para todos, ou seja, colhemos sempre o que semeamos.

TUDO É ENERGIA

Nós somos energia, tudo é energia. Cada forma-pensamento é energia.

Hoje em dia, a medicina convencional já reconhece que cerca de 80% das doenças são psicossomáticas. Pela decomposição da palavra, psicossomático remete para a somatização, isto é, manifestação física do psíquico, ou ainda que a raiz de qualquer sintoma físico está num padrão emocional ou mental inadequado ou que está em conflito.

Cada pensamento e emoção originam uma reação fisiológica no nosso organismo. Por exemplo, sentimentos como raiva, tristeza, injustiça, irritação e impaciência levam à libertação de químicos internos como cortisol e catecolaminas (como a adrenalina, entre outras) que, em excesso, terão uma repercussão negativa sobre o nosso estado de saúde. Cada experiência que temos cria um registro de memória nas células, no nosso campo energético.

Fica gravado na nossa aura. A aura é o campo energético que envolve o corpo físico e quando se fala em leitura da aura não é mais do que a leitura psicoemocional de um ser.

E como se cria a negatividade no nosso campo áurico ou energético?

Por meio do medo, por exemplo, que é um dos maiores focos de criação de negatividade. O medo é a força antagônica ao amor, que, por sua vez, irradia energia positiva.

O medo é a emoção-base, pois é dele que surgem a raiva, a revolta, o ressentimento, o julgamento, a crítica, o egoísmo, a preocupação, a mentira... Ao tomarmos esta consciência, podemos, a cada experiência, escolher vibrar em medo ou em amor e assim cocriar o nosso campo energético.

A medicina energética é uma filosofia holística que se baseia na premissa de que todos os distúrbios do campo energético resultam em doença. Estudos da medicina energética verificaram que a doença surge primeiramente no campo energético e só posteriormente no corpo físico.

Seria impensável não fazer referência ao “pai da medicina holística”, Edgar Cayce, também chamado o “profeta adormecido”. Cayce nasceu em 1877 e foi o médium mais documentado do século XX. Ao longo de mais de 40 anos de trabalho, Cayce fez “leituras psíquicas” de milhares de pessoas, diagnosticando as suas doenças e fornecendo outras informações pertinentes.

A importância da medicina intuitiva encontra-se aí, pois, na maioria dos casos, antes da manifestação física, o médico intuitivo consegue detectar o problema e dirige-o para a sua comprovação clínica.

Sempre que faço um *scanner* intuitivo de uma pessoa ou animal, leio o campo energético de cada zona do corpo e, se encontro alguma anomalia específica, peço de imediato que recorra a um médico para fazer um Raio-X, Ecografia ou TAC. A aptidão intuitiva complementa a medicina, podendo ajudar inclusive a medicina a direcionar-se perante casos mais complexos, solucionar situações que estão sem visível resolução clínica e entender as patologias idiopáticas, isto é, de causa desconhecida.

Hoje em dia, na América, há centenas de médicos intuitivos trabalhando em parceria com a medicina convencional.

Pontuei anteriormente Carolyn Myss, uma das médicas intuitivas mais reconhecidas no mundo e autora de diversos livros. A sua carreira pautou-se por uma extensa colaboração com o Dr. Norman Shealy, neurocirurgião que se especializou na abordagem da dor e fundou a American Holistic Medical Association.

Todos os tratamentos, desde o médico convencional, ao energético ou outros ditos alternativos, se complementam.

Se uma pessoa ou animal estiver com uma pancreatite aguda, não pode esperar que uma terapia energética o cure no imediato. Muitas pessoas ao iniciar o caminho de descoberta da espiritualidade começam por revelar um fanatismo e discriminação de tudo

aquilo que não é considerado espiritual. São esses mesmos julgamentos que as afastam do verdadeiro caminho do amor e da espiritualidade.

A matéria é espiritual. Por isso, um comprimido anti-inflamatório, se usado num processo de dor e inflamação, não é “antiespiritual”, como uma vez ouvi alguém dizer. Não podemos rejeitar o convencionalismo médico só porque não se coaduna com o nosso novo ser mais consciente. O convencionalismo também é espiritualidade, mesmo que por vezes seja limitado por certas crenças e ceticismo. Tudo é espiritualidade e o caminho do meio é o caminho da iluminação, como Buda ensinou.

A visão holística da saúde também permite desconstruir a crença do fardo em cada doença.

Quando olhamos para um copo com água até meio, cada um de nós pode vê-lo como meio cheio ou meio vazio. Nós escolhemos o nosso ângulo de visão.

O mesmo se passa quando surge a doença. Surge também uma oportunidade para o nosso autoconhecimento e evolução desde que consigamos transcender a ideia de que somos vítimas perante aquela casualidade inexplicável e injusta.

Na verdadeira e profunda cura de uma doença está abrangida a cura tanto a nível físico como emocional, psicológico e espiritual. Só uma cura completa é sinónimo de saúde e felicidade.

“A medicina está cheia de milagres” disse-me um médico especialista em Medicina Interna em final de carreira. Ao perguntar-lhe por quê, ele citou as sábias palavras de Jesus: “Tudo o que pedirdes em oração, crendo, o recebereis.” (Mateus 21: 22) Um pedido em profunda consciência e devoção traz sempre consigo a luz da cura.

OS CHACRAS NA LIGAÇÃO HUMANA-ANIMAL

Como mencionei anteriormente, todos os seres possuem um campo energético ou áurico, e os centros de confluência energética, por onde flui a energia vital, chamam-se chacras.



O termo chakra significa roda ou círculo em movimento. Cada chakra corresponde a uma dada área, órgãos ou glândulas do corpo físico. No ser humano, sete chacras principais no seu campo energético estão documentados e a cada um está associada uma das sete cores do arco-íris:

1. Chakra Raiz ou Básico
2. Chakra Sacral
3. Chakra do Plexo solar
4. Chakra Cardíaco
5. Chakra da Garganta
6. Chakra Frontal ou da Intuição
7. Chakra da Coroa ou Coronário

O conhecimento das funções de cada chakra dá-nos informações sobre o nosso padrão psíquico, emocional e espiritual. Há numerosas interpretações diferentes do sistema de chacras, mas aqui coloco um quadro referente à forma como vejo, genericamente, a anatomia energética do ser humano:

Chacras	Área/ Órgão/Glândula	Conceito psico-emocional e espiritual associado
1	Pernas, Pés Ossos, Base da coluna Reto Sistema imunológico	Tribo/Grupo/Família Individualidade e Social Sobrevivência
2	Órgãos sexuais Bexiga Intestino Grosso Quadril, Pélvis	Sexualidade Poder/Controle Criatividade
	Estômago	Poder pessoal:

3	Intestino delgado Fígado, Vesícula biliar Pâncreas, Baço Rim, Glândulas suprarrenais	Autoestima Autoconfiança Respeito
4	Coração Aparelho circulatório Pulmões Ombros, Braços Seios Timo	Amor Compaixão Perdão
5	Garganta Tireoide Vértebras cervicais Boca, Dentes	Comunicação Verdade pessoal Decisão Julgamento
6	Sistema nervoso Olhos, Ouvidos, Nariz Glândula Pituitária	Sabedoria Intuição Inteligência emocional
7	Sistema Muscular Pele Glândula Pineal	Fé Espiritualidade Devoção

Esta anatomia energética humana está intrinsicamente ligada aos animais. Os animais também têm um campo energético em volta do seu corpo físico que, em comparação com o dos humanos, é proporcionalmente mais amplo.

Um estudo norte-americano concluiu que 70% dos animais de estimação, sempre que lhes é possível, vivem literalmente encostados aos seus donos. Será só para receber afeto?

Se você tem animais, já experienciou que, quando está doente ou com alguma dor, o seu cão costuma estar sempre por perto e o seu gato coloca-se precisamente em cima da zona que lhe dói.

É o contato do campo energético do animal com o campo energético do seu dono que permite a absorção das energias humanas pelo animal.

Num *workshop* que ministrei sobre essa temática, uma senhora de meia-idade com uma evidente fragilidade quer a nível físico quer emocional, ao ouvir o número de chakras nos humanos me disse:

“Que engraçado, tenho sete gatos. Será que cada gato cuida de cada um dos meus chakras?”

Que mulher inspiradora, pensei, pois consegue questionar-se para compreender mais além.

Expliquei ao grupo que o sistema energético dos animais é semelhante ao de um bebê humano. A sensibilidade flui plenamente sem a interferência de uma mente impregnada de crenças, bloqueios e neuroses.

Os animais também veem o que é imperceptível aos olhos físicos de um humano adulto. Também o fazem os bebês, e esse é o motivo pelo qual os cães rosnam ou ladram, os gatos assanham-se, e os bebês choram com certas pessoas e outras não.

Eles sentem e veem uma realidade que é desconhecida para 99% da humanidade.

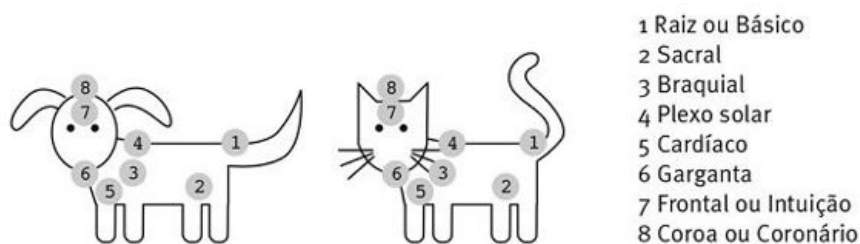
Os animais são hipersensíveis a vibrações sutis e a modificações atmosféricas como é observável nos períodos que antecedem as tempestades ou terremotos, mostrando-se muito agitados. Essa hipersensibilidade é fundamentada pelo maior número de chakras que possuem comparativamente à espécie humana.

Os chakras são autênticos sensores sensitivos.

Os chakras do cão e do gato

O cão possui oito chakras principais – os mesmos sete chakras presentes nos humanos e, adicionalmente, o chacra braquial ou chave. O chacra braquial ou chave é considerado um poderoso centro de energia e apresenta um importante simbolismo na relação humano-animal. Localiza-se em cada lado do pescoço, abaixo do ombro e permite o acesso a todo o campo energético do animal. Poderá ser um local de preferência num tratamento energético no caso de um animal muito nervoso e/ou sensível que não tolera ser tocado noutro lado.

OS CHAKRAS COMUNS NO CÃO E GATO



No cão, há também chakras em botão nas almofadas plantares de cada membro e, apesar de serem pequenos em tamanho, são extremamente importantes no contato com a energia telúrica. O contato com a energia da terra vai permitir que a energia negativa seja drenada através dos chakras em botão e também se absorva energia positiva. É por isso que um cão precisa passear e ter contato com a terra.

Sou muito compassiva com as causas ambientais e para mim não há motivo maior que dar e receber da Mãe Terra, pois ela é força

e síntese de toda a vida material.

O gato já consegue prestar o seu serviço num ambiente mais caseiro. É um ser energeticamente especial, pois possui doze chakras principais – inclui também o chacra braquial – e tem a capacidade de “aspirar” e transmutar energias mais densas. A presença de um gato permite um efeito de reciclagem da energia negativa da nossa casa.

Certa vez, uma paciente minha me disse que lhe dava inveja ver o gato dela dormir tanto sem a ajuda de comprimidos. O que ela não sabia é que um gato precisa de muitas horas de sono por dia, cerca de doze a dezoito horas, exatamente para repor e refazer as energias perdidas nesse seu árduo trabalho. Por vezes, o gato não consegue reciclar tudo e acaba extenuado. Pela minha experiência, quando um gato adoece, a densidade energética do ambiente e dos seus donos já ultrapassou todos os limites razoáveis.

Já o cão tem um limiar mais baixo, pois absorve as energias negativas e mais rapidamente adoece. É uma autêntica esponja!

Eckhart Tolle disse em uma entrevista que notava que a entrada de um animal num espaço permitia a alteração da energia desse local. Acrescento que a presença de um animal permite o equilíbrio dessa energia e, naturalmente, sempre que a energia da casa e dos donos é melhorada, os animais de estimação acompanham essa melhoria.

Friso também que não é pelo fato de os nossos animais estarem aparentemente bem que somos ou estamos profundamente equilibrados.

O grande orador e escritor filosófico e espiritualista Jiddu Krishnamurti preveniu que “não é sinal de saúde estar bem adaptado a uma sociedade doente”.

Certos casos em que os animais estavam saudáveis e um dos seus donos, muito doente, me intrigavam. Verifiquei que esses casos são percentualmente mais raros, mas mostram que são os próprios humanos a apresentarem um problema físico em vez do animal que têm em casa. Questionei então onde estaria a incondicionalidade do amor que os animais têm por nós, e as respostas foram unânimes: essa era a única forma para o humano aprender, pois estava tão afastado da sua missão e da sua luz que amar era permitir que a dor de uma doença o fizesse crescer e mudar o seu trajeto.

Na grande maioria desses casos, já tinham morrido animais anteriormente sem causa aparente e o presente animal até já tinha manifestado alterações ou patologias no passado, mas a correlação dessas situações com o dono foi sempre desconhecida, e o padrão humano causador permanecia intato ou, pior ainda, exacerbado.

Tornava-se urgente, para uma aprendizagem profunda, responsável e consciente daquele humano, que a doença se manifestasse em si e não no animal.

Conheci um homem com 60 anos que tinha dois papagaios, e me pediu para comunicar com um deles que estava muito doente. Alertei-o que o papagaio iria falecer brevemente e era urgente mudar o padrão humano que tinha causado essa situação, pois também senti a integridade física do dono em risco. Esse senhor não conseguia perdoar ao seu pai por um desentendimento entre eles há mais de 20 anos e desde aí nunca mais falou com ele. Vivía com uma mágoa crônica e profunda e continuamente me dizia que aquilo era uma “injustiça que jamais teria perdão”. Quase dois meses depois conheci o desfecho dessa história: o papagaio doente morreu uma semana depois da comunicação e o outro papagaio fugiu três dias depois da morte do seu companheiro. O dono dos papagaios acabou também por falecer com um enfarte do miocárdio um mês depois da comunicação.

Ao termos consciência, já não é necessária tanta dor para compreendermos o que há a modificar.

Nem todos os casos têm um final feliz, na nossa ótica terrena, mas todos os casos têm o final necessário e justo para a aprendizagem e evolução de cada um.

CASOS REAIS

“Todos os seres que interagem conosco ajudam-nos a escrever a nossa própria história”

A sua relação com o seu animal de estimação é especial e única. No entanto, vou partilhar com você alguns casos concretos que ajudam a demonstrar não só isso mesmo, mas também de que forma a comunicação telepática com os animais nos dá profundas revelações que até então desconhecíamos.

Como diversos pacientes meus dizem, uma comunicação é uma oportunidade de cura para vários seres – para os animais e para os seus donos. Essa oportunidade pode ter um impacto e uma importância variada, dependendo da integração que o dono fizer na sua vida com aquilo que o animal lhe comunicou e lhe pretende ensinar.

As histórias são felizmente muitas, um só livro não chegaria para contar todas, por isso escolhi alguns casos que evidenciam as disfunções mais frequentes.

No meu coração, guardo sempre todas as outras com um enorme carinho, pois cada caso foi e é único, mereceu toda a minha dedicação, empenho e gratidão. Sei que todas estas revelações mágicas permanecem ainda bem vivas no coração das famílias com quem cruzei.

Nos casos que mostro a seguir, modifiquei alguns nomes para outros fictícios por respeito à privacidade dos intervenientes. Em alguns casos, por existirem várias localizações corporais relacionadas a determinado problema, o que poderia remeter também para um chacra adicional, optei por colocar nos capítulos correspondentes ao chacra primordial daquela doença para que se torne tudo mais simples de entender.

Neste capítulo, não vou focar em revelar as preferências de cada animal porque, apesar de ser algo útil para os seus donos saberem ou relembrares, esses pormenores servem especialmente para comprovar a veracidade daquela comunicação.

Dizer-lhe que o brinquedo preferido do seu cãozinho de três meses é a bola azul saltitante com guizo, que o seu gato prefere dormir no tapete cinza ao fundo da sua cama, que o seu gato o segue quando você vai tomar banho ou por que o seu cão gane ultimamente sempre que você se senta no sofá são ajudas preciosas para entender melhor o seu companheiro, mas no meu trabalho parece-me redutor constatar somente fatos, logo exploro ainda os porquês, pesquiso e revelo a raiz mais profunda da ligação entre o ser humano e o animal.

O que me interessa realmente com este livro é mostrar-lhe como estamos todos tão intimamente ligados.

O CHACRA RAIZ OU BÁSICO

Como o próprio nome indica, este chacra é a raiz de ancoramento à vida terrena. A estrutura e estabilidade que buscamos na criação de alicerces equilibrados na vida. Ele envolve as questões de sobrevivência física e as questões de segurança na vida material. Está profundamente relacionado com o conceito de tribo, que nos tempos modernos diz respeito ao nosso grupo, ou seja, não só à nossa família e amigos, mas também ao nosso espaço individual e identidade dentro dessa tribo. A unidade familiar e o medo da solidão e abandono são desafios referentes a este chacra.

Barney, o queixoso labrador que coxeava

Barney é um labrador retriever de cor bege com 12 anos, dolorido de artroses nos seus cotovelos e no seu joelho direito. Os seus movimentos estavam se tornando cada vez mais difíceis e pioravam com o ambiente frio e úmido. O seu coxear intermitente já preocupava o seu dono, o Sr. Andrade, um homem de idade que se apresentou com um discurso de grande formalidade e distanciamento no pedido da comunicação, apesar da preocupação com as dores do seu amigo.

“Um casal amigo já realizou uma consulta contigo por causa do cão deles e gostou muito, por isso estou pedindo que ajude o meu fiel companheiro que tanto sofre... A doutora autoriza o meu pedido?”

Sorri e disse-lhe que a minha permissão era total.

Ao conectar-me a *Barney*, ele começou a se comunicar de uma forma ressentida:

“Ninguém tem o direito de fazer o que gosta nem o que quer...”

Percebi de imediato o tipo de compromisso que unia o Sr. Andrade a *Barney*, mas questionei-o se era o dono que ele estava ajudando, ao que ele respondeu de imediato:

“Quem mais poderia ser? Somos unha com carne. Nós não queremos pedir nada a ninguém... Mas a minha dona é sempre tão exigente”, continuou.

Transmiti ao Sr. Andrade esta partilha e perguntei-lhe:

“Sr. Andrade, o que se passa com a sua esposa? Sente que ela não reconhece o seu esforço, é isso?”

Ele encolheu os ombros e disse-me com um ar melancólico:

“Sei lá... Eu sei lá o que ando fazendo aqui. Estou cansado de trabalhar, de lhe tentar agradar e ela nunca quer saber de mim, é sempre tão agressiva... Mas só tenho a ela, não tivemos filhos.”

Conectei-me de novo a *Barney* e ele referiu-se ao ano de 2009. Questionei o seu dono sobre o que teria acontecido nessa altura do seu casamento e ele explicou-me que nesse ano não foi capaz de tomar certas decisões e resistiu firmemente à necessidade de mudar a sua postura. Não quis me explicar claramente o que tinha se passado mas foi visível a sua grande amargura. Para ele, este casamento resultava numa grande carência, em que não se conseguia sentir querido nem amado pela esposa e isso desencadeava o seu sentido de julgamento crítico.

Esclareci que a nível psicoemocional, as articulações simbolizam a gratidão nos relacionamentos humanos como a facilidade para compreender as mudanças da vida. O medo de “ficar de joelhos” perante a esposa predispôs ao aparecimento da artrose no joelho de *Barney*, enquanto as artroses nos cotovelos estavam relacionadas com a dificuldade em mudar de caminho em relação ao que fazia.

A nível terapêutico, recebi durante a consulta a informação que devia fazer compressas mornas de gengibre para ajudar nas articulações de *Barney* juntamente com a tomada de consciência do padrão somatizado.

Era imprescindível que o Sr. Andrade entendesse que aceitar opiniões diferentes não significava ficar submisso a elas, ou seja, ficar de joelhos. Por isso não havia motivos para ser rígido, pois essa rigidez manifestava-se nas articulações do seu animal. Era também urgente redefinir a palavra egoísmo.

“Sr. Andrade, quando fizer algo, faça-o com prazer e alegria e quando não lhe apetecer fazê-lo, aprenda a dizer não.”

Cerca de um mês e meio após a nossa conversa, o Sr. Andrade me enviou o seguinte e-mail:

“Caríssima Dra. Marta, as compressas são verdadeiros milagres, mas nunca ninguém tinha ouvido falar daquilo. Sabe, mais vale tarde do que nunca. Na pior das hipóteses, a minha mulher agora me vê como um velho que ficou senil e revoltado, mas cada vez que olho para *Barney*, lembro-me do que a doutora me disse. Ou melhor, do que ele me disse. Já expliquei tudo o que sentia à minha mulher, ela chorou muito e pediu-me muitas desculpas, disse que viveu trinta anos num casamento sem saber demonstrar o amor que sentia por mim. Abraçamo-nos e acho que vamos agora para a nossa segunda lua-de-mel. Entretanto, decidi também que vou abrir o negócio com que sonhei toda a vida, mas nunca tive coragem.

Como não acredito em Deus como a doutora acredita, olho para o meu Barney e peço-lhe para ser ele a cuidar de mim, da minha família e dos meus sonhos, mesmo quando partir. Obrigada por nos fazer acreditar, doutora!”

Joana, a cadela “salsisha” com hérnia de disco

Pesquisas revelaram que 80% dos seres humanos adultos, no mundo inteiro, sofrem algum tipo de dor relacionada com a coluna vertebral, e os motivos que nos levam a ter problemas de coluna são diversos.

Como os animais são quadrúpedes, isto é, têm quatro patas, a sua grande vantagem é que a coluna não tem a mesma pressão vertical resultante de uma posição bípede como os humanos, além de que está suportada por mais dois apoios, o que distribuiu melhor a carga sobre ela. Mas mesmo tendo essa formação, os animais não estão imunes a ter problemas graves na coluna.

A nível emocional, tenho estudado as causas das patologias da coluna nos humanos – a coluna simboliza a existência ou ausência de harmonia familiar ao longo das gerações, mas representa também a forma como suportamos os dilemas e as decisões da vida. O que aprendi, de forma simplista, é que a coluna nos suporta, mas não deve suportar o mundo.

Se você tem problemas de coluna, tente ser vigilante no volume de pensamentos, emoções e responsabilidades que carrega. Quando temos dificuldade em tomar decisões firmes e assumimos tanto a nossa responsabilidade como a dos outros, criam-se as condições energéticas para surgirem diversos problemas na coluna.

A descoberta desse padrão foi um despertar doloroso para perceber a hérnia de disco que surgiu quando eu era adolescente – a minha hérnia de disco desenvolveu-se num período de profunda indecisão quanto à minha vida, um momento no qual me sentia totalmente desamparada e sem suporte. Sentia muito medo de tomar uma decisão importante, pois temia perder ou magoar alguém. Sentia-me excessivamente responsável por todas as consequências de uma decisão que partisse de mim e por isso remetia-me ao

silêncio e à inércia.

Cada zona da coluna – cervical, torácica, lombar – está relacionada com um padrão ainda mais específico.

A zona cervical, que corresponde ao pescoço, está muito associada à capacidade de comunicar a nossa verdade pessoal, a uma sobrecarga mental ou a um desequilíbrio entre o que a mente quer e o que o coração sente, já que, anatomicamente, o pescoço está entre os dois.

Por exemplo, os cães da raça Teckel, conhecidos como “salsichas”, são uma raça predisposta a hérnias discais.

A cadela *Joana* mostrou-me o motivo de atração entre as pessoas e os animais que têm predisposição a certas doenças. Ou seja, a escolha de uma raça que tem predisposição para uma determinada doença ocorre naqueles donos que já têm em si um padrão ou energia compatível para o desenvolvimento dessa doença.

Se a dona de *Joana* escolheu essa raça é porque tinha uma personalidade que coincidia com as causas emocionais da doença, mesmo sem ter essa consciência. O desenvolvimento ou não da doença vai depender de como a dona de *Joana* vai agir no seu caminho, por isso nem todos os cães de raça Teckel têm hérnia de disco.

No caso de *Joana*, em particular, ela tinha uma hérnia de disco localizada na coluna lombar, o que veio demonstrar à sua dona Cristina que se comunicar com um animal é muito mais do que dizer-lhe que ela gosta de festas e de estar no seu colo.

Depois de “escutar” *Joana*, perguntei à sua dona o que se passava com o seu novo namorado e ela questionou-me como eu sabia que ela tinha um novo namorado:

“A *Joana* comunicou que a sua dona tem uma enorme necessidade de liberdade que se torna incompatível com o amor que quer e sente por essa pessoa. Suponho que isto lhe cria uma dualidade enorme quanto à posição que deve tomar no seu relacionamento amoroso e dúvidas quanto aos seus sentimentos...”, transmiti-lhe pausadamente.

“Que mais? Que mais? Como é que a *Joana* quer que eu faça?”, perguntava a Cristina expectante.

“Aceita o que diz o teu coração, não fuja com o medo de viver a entrega. Faça como faz comigo, amando-me simplesmente, confiando que eu não te mordo...”, respondeu-lhe *Joana* em forma de conselho.

Tentei em seguida saber quais os tratamentos mais indicados para a hérnia e ela comunicou que, apesar de a sua fisioterapeuta ser uma pessoa muito meiga, a água não era o lugar mais confortável para estar e esse era o motivo para as terapias aquáticas não estarem surtindo grande efeito.

Pedi para fazer “agulhinhas”, pois uma vez já tinha feito, referindo-se assim à acupuntura. E de fato foi com as “agulhinhas” que acabou por melhorar das suas dores e recuperar verdadeiramente a sua locomoção.

***Jacob*, o pug que morde a cauda**

“A razão de os cães terem tantos amigos é porque movem as suas caudas mais do que suas línguas.” Para mim esta frase é genial.

A cauda é uma extensão da coluna vertebral, é formada por várias vértebras pequenas e, como apresenta inúmeras terminações nervosas, é uma parte muito sensível do animal.

Já pensou por que é que os cães abanam a cauda sempre que estão felizes? Uma vez coloquei essa questão a um grupo de crianças e obtive respostas deliciosas.

Uma delas disse: “Porque só dançamos quando estamos bem.”

Outra corrigiu: “Oh, o meu cão não tem cauda. Deve ser tão infeliz...”.

Cada animal usa a sua cauda de uma forma específica – os peixes usam-na para nadar, os bovinos para afastar as moscas ou outros insetos, os macacos para se deslocarem de galho em galho, as raposas para se aquecerem...

Os gatos e cães usam-na como equilíbrio na locomoção, como forma de comunicar e expressar as suas intenções e para proteger os órgãos sexuais.

A expressão “o rabo entre as pernas” mostra como o medo ou a apreensão se revela no corpo físico de um animal e nós o transportamos para a nossa conduta humana.

Quando a amputação da cauda era uma prática corrente, os humanos estavam, na prática, impedindo uma forma de expressão da felicidade num animal, mesmo que inconscientemente. Um dia questionei-me se esses humanos saberiam viver a expressão dos seus afetos, já que levemente mandavam cortar as caudas dos seus animais. Será que sabiam exprimir o seu amor em liberdade ou simplesmente cumpriam as regras sociais sem as questionar?

Não se trata somente de um corte de cauda. Trata-se sim de fazermos algo só porque os outros também o fazem ou porque está instituído que todos os animais daquela linhagem têm aquela aparência.

Amputei caudas de cachorros bebês na clínica, numa altura em que isso era permitido. À noite sonhava com os gritos daqueles pequeninos com dois ou três dias durante o cruel ato de amputar caudas a sangue-frio.

Hoje olho para trás e fico com um buraco no peito. Perdoo-me porque não sabia o que sei hoje nem o fazia para magoá-los, apesar de magoá-los na realidade. Não soube dizer “Não faça!” perante as pressões dos donos ou dos patrões que se guiavam por convencionalismos estéticos ou por interesses monetários.

Felizmente hoje o corte de cauda só é realizado quando há problemas reais nessa zona, mas há situações que desesperam os donos, especialmente quando o cão morde a cauda como se se tratasse do maior inimigo.

Jacob era um cão pug de três anos que mordida a sua cauda quase desde bebê. Na primavera, a situação tornava-se mais intensa, mas ultimamente já nem havia sazonalidade no comportamento, era praticamente durante todo o ano.

Os seus donos, Jerson e Mônica, chegaram até mim completamente desesperados, pois já tinham procurado ajuda de norte a sul do país, consultado um sem número de médicos e tendo feito dezenas de tratamentos, mas até a data nada tinha solucionado o problema.

Quando comecei a comunicação, *Jacob* mostrava-se cansado:

“Esta cauda não faz parte de mim e é por isso que a rejeito e ataco constantemente. Sinto comichão em especial no verão... comichão na pele. Há uma árvore no jardim com flores brancas que piora a comichão”. Expliquei aos donos que essa árvore pode libertar alergênicos e piora essa condição de reatividade cutânea. A nível orgânico, quando o corpo rejeita uma parte de si, a medicina refere-a como doença autoimune ou de autoagressão.

“O meu dono não consegue sentir-se em equilíbrio na sua vida, rejeita expressar e comunicar as suas intenções. Por não o valorizarem no seu trabalho, não se valoriza e já perdeu a fé”, disse-me *Jacob*, revelando assim o seu compromisso e a somatização do problema do dono Jerson.

“A minha dona irrita-se demais quando as coisas ficam descontroladas. Eu estou dando a ela essa aprendizagem. Também eu já não tenho muita calma e irrita-me com tamanha comichão, mas isso ainda piora. Afinal, a cauda é um artefato... Temos de reconhecer as prioridades da vida”, acrescentou *Jacob*.

“Priorizar” tornou-se a palavra-chave para a sua dona e “valorizar-se” para o seu dono. O Jerson é um homem moçambicano que sentia na pele a discriminação pela sua cor e nacionalidade e, como é muito fechado, essa mágoa estava ficando encarcerada e incompreendida no seu coração. Mônica é uma mulher bonita, agora facilmente irritável, que de imediato reconheceu a sua dificuldade em estabelecer prioridades para si e para os seus.

A tomada de consciência desse fenômeno foi muito importante para esse casal, que decidiu trabalhar ativamente sobre as suas características em vez de ir imediatamente amputar a cauda de *Jacob*. Estabelecemos um prazo, seis meses, e se *Jacob* comesse a melhorar, não precisaria ser sujeito a nenhuma cirurgia na cauda. O resultado foi muito feliz.

Passados três meses e meio, recebi a notícia de que *Jacob* já quase nem se coçava, e a famosa árvore de flores brancas também foi removida do jardim.

A procura do equilíbrio é uma constante em todos os seres e por isso mesmo há sempre inúmeros casos relacionados com o tema.

Nós, humanos, também temos uma cauda residual que se chama cóccix, um pequeno osso na parte inferior da coluna vertebral que é constituído por quatro vértebras soldadas entre si.

A dona Ana Maria, uma simpática senhora de 75 anos, partiu o cóccix numa queda em sua casa. Quem o revelou foi *Bobby*, o seu cão, que na comunicação me contou o que desencadeou essa fratura. Já algum tempo antes do acidente, a dona Ana Maria sentia que a base da sua vida estava estremecida e somente lhe restava uma sensação de solidão contínua, pois todos os filhos foram embora e ela ali ficou, na sua pequena e escura casa. Ana Maria queixava-se que nessa casa não entrava quase sol e isso a deprimia. O cóccix também é responsável por filtrar as energias mais densas do ambiente, e num local carregado de energias negativas ou de tensão, é possível que ocorram fraturas ou problemas.

Não podia deixar de falar do meu contato com *Silence*, um gato que tinha sido recentemente amputado quando realizei a comunicação. Se a cauda é imprescindível para o equilíbrio do animal, as pernas são de um valor inestimável.

Silence tinha um grave tumor na perna esquerda, e a amputação foi a última opção. A sua explicação para o sucedido foi que o seu dono era “um humano que nunca encontrava e por vezes sabotava o equilíbrio, tanto no emprego como na sua vida amorosa”.

O dono de *Silence* partilhou-me que essa era a sua busca constante, pois era do signo de Libra, mas de fato nunca havia se sentido equilibrado na sua vida.

Fazendo minhas as palavras de Albert Einstein, viver é como andar de bicicleta, pois é necessário estar em constante movimento para mantermos o equilíbrio.

O CHACRA SACRAL

O segundo chacra é o centro de toda a energia criativa. É o despertar dos desejos, a fonte de nascimento dos impulsos para a concretização da nossa criatividade intrínseca, qualquer que seja a sua forma de expressão.

Em sânscrito, o termo significa “Morada do Prazer”, pois é o responsável pela energização dos órgãos sexuais e órgãos da zona. Permite a expressão do “eu” por meio da energia sexual e/ou criadora e por isso temas como poder, controle, manipulação e culpa estão ligados a esta fonte.

O respeito pelo próximo nas parcerias e a relação com o dinheiro são temas relativos a este chacra. O dinheiro, como fonte de poder e controle, é um tema relacionado com este chacra, contudo a energia do dinheiro como fonte de sobrevivência é um tema mais relacionado com o chacra raiz.

Dado o teor do primeiro caso que vou expor, tenho plena consciência que se podem levantar muitas questões e que alguns leitores podem se sentir desconfortáveis, mas proponho sempre enfrentar e não fugir de qualquer tema que considere delicado, pois sei, por experiência, que aquilo de que fugimos vai nos perseguir sem fim. Estamos aqui para viver, em amor e consciência, cada desafio das nossas vidas, responsabilizando-nos.

O tema da sexualidade é para mim um tema tão natural como outro qualquer e em qualquer uma das minhas consultas, creio ter sempre conseguido criar um ambiente de partilha isento de moralismo ou julgamento para que, em conjunto, se descubra a raiz do problema e se possa encontrar uma solução para uma vida mais feliz de quem me procura.

Afinal, a vida de cada um de nós começou por um encontro sexual entre dois seres. A energia sexual é a energia de vida fluindo em cada ser, a existência da vida em si. Quando usamos o outro, vendo-o como um instrumento para o nosso próprio interesse que será descartado quando já não servir, na ausência de respeito numa possível criação de vida, desvalorizamos e comprometemos a energia sexual.

Cada caso é um caso e quando se trata de patologias e temas do foro sexual, há um mundo a explorar no interior de cada um de nós, por isso vou apenas partilhar uma situação frequente, mas que ainda nos causa tanta vergonha e persiste como motivo de repreensão constante – quando um cão começa com movimentos pélvicos na perna ou no braço de alguém.

Esse comportamento tem sido explicado como a forma de extravasar a ansiedade que um animal sente. Nem mesmo a existência de uma companhia canina feminina inibe esse comportamento no macho. A castração do animal, a aplicação de reforços negativos como borrifar água para o seu focinho ou dar um “não” sonoro têm sido aconselhados clinicamente.

Ao me comunicar com o primeiro de muitos cães que evidenciavam semelhante comportamento, em especial um cão que mantinha esse comportamento mesmo depois de ser castrado, compreendi que a sua origem está na “gestão” da energia sexual do humano com que o animal coabita e está comprometido.

Por mais embaraçante que isto nos possa parecer, se o tema da sexualidade é um tema sensível para nós, é frequente que o animal da casa possa apresentar algum comportamento ou patologia desafiante nesse sentido. A história de *Lord* ilustra isso bem.

Lord, o braco alemão cheio de libido

Lord era um braco alemão com quatro anos. Essa raça é também conhecida como pointer alemão, e *Lord* era considerado “um ótimo caçador, vigoroso e fiel como nenhum” pelo seu dono Rui.

Rui tinha aproximadamente 50 anos, era um homem de negócios sempre atarefado, mas que “acreditava muito nessas coisas das energias” e que não queria castrar *Lord* porque achava que o desempenho na caça ia ficar deficitário. Contudo, acabou por ceder, pois os movimentos pélvicos de *Lord* tornavam-se cada vez mais frequentes e “não havia visita lá em casa que escapasse”, como me disse. A minha surpresa foi a reação de Rui quando o confrontei, sutilmente, com uma verdade oculta revelada na comunicação do seu fiel amigo:

“Como coloca o poder à frente das emoções, o meu dono tem vivido grandes decepções, o que levou a um segundo casamento malsucedido...”

Ao ouvir aquilo, Rui pediu um copo de água e ficou vários minutos calado me ouvindo explicar melhor o que aquilo poderia querer dizer. Disse-lhe que o descontrolado desejo de poder muitas vezes resulta em diversos problemas físicos sexuais.

Depois, respondeu-me pausadamente: “Como pode imaginar, nenhum homem se sente confortável em expor a sua falta de virilidade. Nem sequer assumi este problema ao meu médico, que é meu amigo há mais de 30 anos. Agora o meu cão me vem com esta!”.

Rui assumiu naquela consulta, pela primeira vez, que sofria de impotência sexual. Mas como a sua libido (desejo sexual) permanecia, ela estava sendo canalizada para *Lord*.

Ao ver aquele homem vulnerabilizar-se e expor uma ferida tão desconfortável e que ainda tinha causa desconhecida, debrucei-me numa profunda investigação sobre o tema da impotência. Utilizei a minha mediunidade para acessar a informação espiritual e as explicações começaram a surgir.

Um homem que manifesta impotência sexual já se ligou ou se liga com a sensação de se sentir impotente na criação da sua própria vida. O ser humano sente-se naturalmente potente quando sente que controla e tem poder sobre a sua vida.

Ao primeiro sinal de impotência perante um ou vários desafios da vida, ativa ainda mais o desejo de ter poder e controle para conseguir sentir-se mais confiante.

Qualquer impotência física quer nos fazer constatar que a grande maioria dos acontecimentos da nossa vida não podem ser controlados, pois não temos poder absoluto sobre nada. Nessa constatação, devemos aprender a render-nos, a entregar, a não lutar. Quando queremos algo apenas para fugir da dor ou do desconforto interior, surge a impotência. Primeiro no nosso coração e depois no nosso corpo físico.

“Tudo tem o seu tempo determinado e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.” (Eclesiastes 3: 1-10).

Aceite que aquilo que quer pode não ser realmente importante para a sua evolução e missão ou, pelo menos, para aquele momento.

Kenzo, o siamês cheio de cálculos

Kenzo é um siamês muito tímido com seis anos. A sua dona Telma sentia-se muito frustrada quando nos contatamos, pois, há cerca de meio ano, *Kenzo* teve a bexiga operada pela segunda vez para remover cálculos, vulgarmente conhecidos como “pedras”.

“Ele sempre comeu uma dieta específica para o problema, mas ontem, ao ir ao veterinário habitual, ele disse-me que *Kenzo* já tinha mais pedras na bexiga. Virei-lhe as costas e venho pedir uma opinião diferente. Espero que me diga por que ele produz tantas pedras”, dizia-me, furiosa.

Era notória a rigidez e inflexibilidade de Telma e percebi que o meu discurso, se fosse demasiadamente assertivo, podia potenciar ainda mais a sua revolta e inflexibilidade. Restou-me dizer-lhe a verdade da forma mais conscienciosa e afável que consegui:

“Quando acumulamos cronicamente sentimentos negativos tais como agressividade ou injustiça, estamos criando um ambiente energético favorável ao aparecimento desta patologia de forma recorrente. *Kenzo* diz que Telma tem um grave problema com a autoridade e que isso lhe causa muitos conflitos e... cálculos! Além disso, *Kenzo* comunicou que a razão de também ter tanto mau hálito não se devia só ao tártaro. Ao julgar assim o mundo, não consegue perdoar efetivamente”. Continuei, procurando explicar-lhe melhor que os nossos pensamentos de revolta guardados profundamente podem causar halitose.

A reação de Telma foi inesquecível:

“Olhe, a Marta acertou em tudo: na comida preferida, nos hábitos dele. Até no mau cheiro da boca... e tudo isso sem vê-lo. Mas de uma coisa tenho certeza: eu não sou inflexível. Só não admito que mandem em mim. Se pudesse, eu exterminava a minha patroa.”

Sorri e, para apaziguá-la, expliquei-lhe calmamente:

“Ao reivindicar a sua própria autoridade, sem agressividade, conseguirá libertar-se. O medo de represálias e de se confrontar com a autoridade faz com que pense uma coisa e depois faça outra, o que lhe cria uma sensação de frustração constante. É necessário que você veja a realidade como ela se apresenta e veja também a sua responsabilidade nela em vez de se autoiludir.”

Admito que fiquei com pouca esperança que esta comunicação fosse de fato útil para a mudança de Telma mas eis que, passadas várias semanas, ela voltou a contatar-me e disse-me que pensou todos os dias no que lhe tinha dito e que acabou por compreender:

“Vou-lhe dar um presente para agradecer porque por meio de *Kenzo* acho que consegui parar de me julgar e julgar a minha chefe.”

Mais tarde, chegou até mim um mini *Kenzo* de pelúcia. Sempre que olho para ele, lembro-me da história que conta que só o amor e a tolerância destroem qualquer dureza.

O CHACRA DO PLEXO SOLAR

Este chacra é conhecido como o centro do poder pessoal.

O relacionamento com nós mesmos – respeito, estima, disciplina, confiança, responsabilidade, compreensão e aceitação – é um ponto fundamental para a formação do ego.

Ao renunciar à ambição e aos desejos de posse do ego, aprendemos a dar sem pedir igual moeda de troca, esforçamo-nos por fazer os outros felizes porque partilhar nos dá, só por si, felicidade. Mas devemos também aprender a ter limites, a pedir e a comunicar aquilo que realmente precisamos para alcançar o equilíbrio emocional.

A expressão “borboletas no estômago” mostra como o medo e o nervosismo afetam a área do plexo solar, que se conhece como sendo o local da paz no organismo.

É o ponto de fusão das energias da personalidade (chacras inferiores) e das energias da alma (chacras superiores). Se estiver enfraquecido, a proteção contra energias negativas pode estar diminuída.

Ao praticar o desapego, isto é, fazer o melhor quando servimos aos outros sem esperar reconhecimento ou resultados específicos, reconhecendo os nossos limites e a nossa verdade, fortalecemos este chacra.

Patty, a caniche que sofria de diabetes

Patty é uma caniche toy branca de oito anos a quem foi diagnosticado recentemente diabetes. Muito meiga e dependente da sua dona, segue-a para qualquer lado como um bom exemplar desta raça. A sua dona Mafalda, uma jovem de 30 anos, conseguia reconhecer o apego entre elas e não se admirou quando lhe expliquei que o fato de ambas terem esta doença significava que um padrão emocional inadequado está profundamente enraizado.

A *diabetes melitus* é uma doença hormonal do pâncreas, o órgão responsável pela produção de insulina que controla o nível de açúcar no sangue. Mafalda já é insulínica há mais de dois anos e, depois de *Patty* ter começado o tratamento médico convencional e iniciado um tratamento a nível energético (Reiki), a dona pediu-me uma comunicação.

Patty iniciou a comunicação em lamúria constante, queixava-se de ser uma coitadinha, uma vítima. Perguntei à dona o por que deste queixume, se *Patty* já tinha mostrado sentir algum tipo de dor, e Mafalda disse que nunca notou nada.

Questionei então se ela própria estava, de uns anos para cá, reprimindo as suas emoções mais tristes e se se sentia submissa ou controlada por alguém.

Nessa altura, *Patty* se referia insistentemente a um homem mais velho que vivia com elas. Mafalda olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas e disse:

“Sei a quem é que ela se refere. Eu já não aguento mais as ironias do meu padrastrô porque não consigo arranjar emprego. E como não me torno independente, acaba por ser um ciclo vicioso, pois nem consigo me libertar nem enfrentá-lo.”

Esse excesso emocional reprimido juntamente com um excesso de desejos e muitos esquemas mentais para tentar alcançá-los eram as raízes psicológicas da manifestação da diabetes em ambas. Para mudar as suas crenças, Mafalda tinha de aprender a renunciar ao controle que ela própria tinha, padrão que alimentamos quando queremos que as coisas aconteçam daquela forma e naquele momento. Só assim iria conseguir limpar toda a tristeza do seu interior. O desejo de ternura e carinho que não se encontra satisfeito, pois terá de encontrá-lo primeiro em si própria, trabalhando a sua autoestima.

Passou-se um ano, e Mafalda já se encontra num emprego que adora. A sua diabetes, embora não tenha desaparecido, está estabilizada, e *Patty* não precisa de insulina para controlar o seu nível de açúcar no sangue, apenas de comprimidos que baixem esses valores.

A Terra é uma escola de evolução – para passarmos de ano, há constantes provas e testes na aprendizagem da autoestima e autoconfiança verdadeira.

Caio, o pastor-alemão que não se livrava da diarreia

Caio era um pastor-alemão com cinco anos que andava em “digressão nacional para a cura da diarreia” há três meses, segundo seu dono Bruno. A causa continuava a ser desconhecida, mas tudo indicava que o problema fosse uma inflamação crônica no intestino delgado. O emagrecimento, a apatia e a falta de apetite do animal eram cada vez maiores, e o seu dono me contactou.

“Estou tão fraquinho e enjoado...”, queixava-se *Caio*. Ao questionar o porquê daquela situação, ele ficou em profundo silêncio.

Eu, sem entender, pois sei que estão disponíveis para comunicar a qualquer momento, insisti:

“Por respeito ao meu dono, só posso dizer que ele tem de parar de fugir do Rafael”, disse-me *Caio*.

Quando partilhei a frase com o dono, ouvi novamente um profundo silêncio, e Bruno começou a chorar:

“Não consigo falar, Marta. Eu já suspeitava que fosse alguma coisa relacionada com essa situação, mas eu não consigo falar sobre isso.”

Respeitei a sua opção e combinamos de voltar a falar dias mais tarde, dando tempo a Bruno para digerir aquela conversa. A desordem e o sofrimento emocional daquele jovem adulto eram notórios. Ele rejeitava algo que lhe causava medo, em vez de o viver.

Como não uso as minhas aptidões para invadir a vida das pessoas sem elas me pedirem e darem consentimento, não procurei saber a causa dessa fuga. Respeitei o tempo necessário para um próximo contato para poder ajudar *Caio* e Bruno.

A frase que me aparecia constantemente na cabeça quando voltei a falar com Bruno é que ele tinha de aprender a ser e não se focar tanto nas aparências.

“Há três anos que tenho uma namorada que adoro, somos muito amigos e cúmplices. Mas há cerca de um ano, comecei a sentir-me muito atraído por um homem que é o Rafael, como *Caio* disse. Sei que estou apaixonado por ele. Estou sofrendo muito, tenho medo de magoar a minha namorada, de ser apontado, tenho vergonha do que sinto. Não sei o que fazer da minha vida, mas sei que tenho de agir depressa senão perco *Caio* e eu o amo muito”, disse Bruno num misto de vergonha e lágrimas.

Este caso marcou-me muito porque me reavivou a lembrança da dor que advém quando contrariamos o socialmente correto.

Apesar de já termos dado um salto quântico na aceitação da homossexualidade, ainda persiste muita mesquinhez no julgamento de pessoas com outras opções sexuais. Qualquer médium que receba informação espiritual sabe que não há discriminação “superior” de absolutamente nada, pois o que aqui é verdadeiramente avaliado, se é que poderei usar esta palavra, é o amor que damos e temos no coração.

Bruno começou a fazer psicoterapia para aprender a aceitar tudo o que estava acontecendo e a descobrir-se e, após duas sessões, o milagre aconteceu. A doença intestinal de *Caio* começou a melhorar.

O CHACRA DO CORAÇÃO

Este chacra constitui-se como o centro do amor do sistema energético. É o cerne da receptividade e da aceitação – o balanço entre dar e receber amor para viver em equilíbrio no seu contínuo fluxo. O egoísmo e a falta de compaixão corroem a força deste centro. A generosidade, conosco e com os outros, e a energia curativa do perdão revitalizam a energia deste chacra.

Como seria de se esperar, os temas relacionados com este chacra apresentam um maior número de casos em relação aos demais e por isso decidi partilhar mais histórias neste capítulo. Nós estamos aqui para aprender a amar incondicionalmente, e apesar de os

animais já o fazerem de forma inata, são as nossas dificuldades e recuos na experiência do amor que fazem a casuística superior.

E se não tivermos amor por nós mesmos, o que tentamos buscar no outro são projeções e transferências nossas, tentamos preencher a nossa necessidade de segurança, a dependência. Tentamos “pseudo” resolver as nossas carências.

Que estes casos o façam compreender que o seu verdadeiro lar é onde o seu coração estiver, como nos transmitiu Osho.

Pepe, o leão da Rodésia que morreu de desgosto de amor

Pepe era um cão leão da Rodésia de quatro anos, saudável, que cruzou o meu caminho quando eu andava documentando mais profundamente a mensagem da missão dos animais.

Eu tinha uma grande amiga em comum com os seus donos e sempre que nos encontrávamos, Sandra, que era a dona de *Pepe*, apresentava um semblante triste e a sua face estava pálida e magra.

À medida que fomos nos conhecendo, ela me disse que passava por um mau bocado com uma depressão:

“Aquilo que tanto idealizei na vida está destruído”, dizia-me com o olhar inundado de tristeza, fitando sempre o chão.

Os donos de *Pepe* estavam iniciando o processo de divórcio, e Sandra sentia-se devastada com aquele final, ainda por cima com dois filhos tão pequenos.

Certa noite, o meu telefone tocou:

“*Pepe* caiu para o lado e não se mexe. O que vamos fazer?”, perguntava-me aflita. Pela gravidade da situação descrita, acabei encaminhando-o imediatamente para um hospital 24 horas, dada a necessidade de cuidado e exames específicos. Horas mais tarde, liguei para o hospital, e as notícias não foram as melhores.

“*Pepe* chegou aqui com arritmias que resultaram numa parada cardíaca. Não conseguimos salvá-lo”, disse-me o colega do hospital que assistiu *Pepe*, do outro lado da linha telefônica.

“Não havendo histórico de doença cardíaca prévia, o caso mostra-se estranho e frustrante, tanto para mim como para outros colegas que também o conheciam”, continuou o médico do hospital que conhecia *Pepe* desde as primeiras vacinas.

Dois dias depois, me encontrei com Sandra, que me pedia palavras de conforto.

“Ele morreu com o meu desgosto. Eu estava nas escadas chorando muito por ver o meu casamento destruído, com a dor da apatia e inércia do meu marido. *Pepe* encostava-se sempre em mim e naquele momento, agarrei-me a ele e chorei tanto... Foi aí que ele caiu para o lado. Ele morreu por mim, eu sei”, dizia Sandra em tom inconsolável.

Eu apenas consegui dizer muito baixinho, sentindo um nó na garganta e dando-lhe um abraço de consolo:

“Tem de ter força para aguentar esta despedida... Sei que em breve ele vai voltar para perto de vocês...”

Como é óbvio, fiquei o resto do dia pensando naquela perda. Tinha pedido provas mais específicas da missão dos animais e este caso, apesar de ter um desfecho infeliz, revelava-o de tal forma que até a sua própria dona teve a percepção de que o cão morreu com o seu desgosto.

No dia seguinte, Sandra me telefonou logo de manhã:

“Eu acho que ele teve um ataque do coração em vez de ser eu a tê-lo. Você não acha isso também?”

“Tenho certeza, Sandra. Tenho certeza!”, disse-lhe muito comovida.

Capitão Roby, o bosque da Noruega com uma misteriosa anemia

Capitão Roby era um gato bosque da Noruega de sete anos, com um ar distante e triste há um ano e meio, que apresentava uma anemia crônica ligeira de causa desconhecida.

Comecei a tratá-lo por *C.R.* na comunicação, dizendo à sua dona Andreia que ele tinha as iniciais do nosso campeão do mundo de futebol e que por isso tinha a obrigação de sair vencedor deste jogo.

Assim que comecei a me comunicar com *C.R.*, percebi que ali estavam refletidos os medos paralisantes da sua dona:

“Andreia, o seu gato me diz que você não tem sentido alegria em viver nos últimos dois anos. Fale-me da sua avó materna, por favor.”

Andreia, uma jovem de 28 anos já independente, começou a chorar quando me ouviu e contou que a morte da sua avó Lúcia a tinha deixado sem chão. Era uma pessoa muito querida para ela; fora a avó quem a criara, pois era órfã de nascença. A ferida permanecia aberta.

Eu estava falando com uma mulher cujas experiências de perda e morte têm sido momentos muito marcantes e fortes no seu caminho de vida e começava a ser necessário enfrentá-las e resolvê-las.

“Talvez seja este o momento de fazê-lo, Andreia, de aceitar. Aceita, Andreia?”, propus-lhe.

Andreia aceitou e entregou-se totalmente a um profundo trabalho de cicatrização dessas grandes feridas que carregava.

Numa sessão, expliquei-lhe sobre os conceitos de *yin* e *yang* para tentar entender melhor essa anemia. *Yin* e *yang* são conceitos orientais que representam duas forças opostas complementares, e uma não pode existir sem a outra, como é representado no símbolo do Taoísmo. O Taiji simboliza o movimento contínuo, a interação e o equilíbrio das forças *yang* e *yin*. Quanto maior for a harmonia desse relacionamento, maior é o equilíbrio na nossa vida.

Os glóbulos vermelhos representam as células de energia *yang* do sangue. A energia *yang* corresponde, de forma simplista, à energia masculina, uma energia de proatividade. A anemia, sendo a diminuição de glóbulos vermelhos, era a demonstração física da falta dessa energia ativa e dinâmica na sua vida.

Quando falamos sobre isso, ela lembrou-se de um gato de nome *Cocas* que tinha falecido há uns anos com leucemia felina. Ao ouvir isto, fechei os olhos e poucos minutos depois lhe disse:

“Foi um reflexo da desarmonia conjugal entre os seus avós. O seu avô era autoritário, e a sua avó revoltava-se muito, mesmo que secretamente, pois ela também era uma pessoa que não admitia ser controlada. Os seus avós viviam em desequilíbrio na energia *yin* e *yang* na sua relação.” Andreia acenou com a cabeça em total confirmação.

Para curar a dor profunda da perda de um ente querido, que o tempo teima em não resolver, para mim só há um “atalho”: comunicar-se com o espírito da avó e comprovar a Andreia que ela continua viva, pois a vida de uma alma é eterna.

Por se ter conseguido tudo isto, hoje a anemia de *C.R.* faz parte do passado, e Andreia tornou-se uma terapeuta da alma.

***Adele*, a persa asmática**

Adele é uma gata persa branca com asma há quase três anos. O pedido de comunicação com *Adele* veio de uma médica veterinária que, desanimada com as suas crises cada vez mais constantes, resolveu pedir ajuda sem dizer à dona da gata, que parecia ser uma pessoa muito pouco receptiva a este tipo de experiências.

Na comunicação, *Adele* começou logo por exprimir o seu descontentamento, pois se sentia farta de medicações, bombas e injeções.

Pedi-lhe para me descrever a sua dona para melhor entender o que *Adele* somatizava:

“A minha dona está muito triste, o namorado arranjou outra mulher há três anos e ela até se mostra mais forte do que realmente é na verdade, mas ela se sente arrasada.”

A asma, de uma forma simplista, demonstra a dificuldade de expirar, de libertar o ar. A dona de *Adele* revelava-se uma pessoa possessiva, que queria agarrar em demasia, que queria reter o “ar”.

Adele disse também que a sua principal alergia era ao mofo. Este padrão alérgico revelava emocionalmente a energia de hipersensibilidade e intolerância que existia à volta de *Adele*, pois a sua dona ainda sentia uma grande dualidade interior, pois, por um lado gostava muito do ex-companheiro, mas por outro sentia-se profundamente agredida pela rejeição dele.

Do outro lado da linha, a veterinária quase gritava:

“Está tudo muito bem, mas como é que eu digo isso à dona? Se eu disser isto à mulher, ela pega a gata e nunca mais põe os pés aqui.”

Aconselhei também terapêutica para as crises asmáticas, algumas sugestões mais naturais de fitoterapia (plantas), contudo a raiz do problema teria de ser comunicada e trazida à consciência com o próprio humano.

“Vou ver se a dona da gata me conta qualquer coisa desse desgosto e depois logo a encaminhando para um psicólogo”, dizia a veterinária de *Adele* sem grande fê.

Ao longo destes anos percebi que é imprescindível que o dono do animal se responsabilize e se comprometa no pedido de uma comunicação pois, sem isso, pouco se consegue ajudar.

***Surviver*, a gata que homenageia o feminino**

“O câncer de mama não é uma fitinha cor-de-rosa!”

Esta é a frase da fotografia do “Scar Project”, em português “Projeto Cicatriz”. O caso de *Surviver* é o meu tributo a todas as mulheres que viveram e conviveram com essa doença.

O câncer de mama é uma doença que continua a ser a principal causa de morte das mulheres entre os 35 e os 55 anos. As sobreviventes dessa doença aprendem um novo conceito de beleza, inscrito numa maior verdade pessoal e autenticidade. Empreendem uma jornada heroica, enquanto protagonistas, na qual tropeçam nas suas próprias limitações, vulnerabilidades e incertezas, mas crescem e descobrem um sentido mais profundo, tornando-se sábias anciãs.

O câncer de mama ocorre tanto em mulheres como em outras espécies animais. É uma doença relativamente comum em clínica, surgindo com muita frequência gatas e cadelas com tumores de mama. Conheci várias senhoras que tiveram câncer de mama, e todas as gatas que passaram pela sua vida apresentavam sempre essa doença também.

Há uns anos, estava passeando numa rua de Lisboa e reparei num carro em alta velocidade lançando uma gata por um dos vidros de trás. Não quis acreditar no que via. Parecia um filme, mas de terror.

Aproximei-me e a gata estava confusa e assustada com aqueles trambolhões que tinha dado. Reparei imediatamente que estava com diversos tumores de mama.

Num ímpeto, gritei bem alto:

“Não entendem que jogaram fora um ser que os livrou de ter câncer de mama?”

Peguei a gata e dei-lhe o nome de *Surviver*. Decidi operá-la, suportando os riscos e custos inerentes. Na época, ainda não reconhecia a minha capacidade de comunicadora com outras espécies, mas tive a nítida sensação, no meio da cirurgia, de que ela não ia sobreviver apesar de tudo estar correndo dentro da normalidade. Ela acordou da anestesia e passadas umas horas desenvolveu um edema pulmonar, uma complicação pós-cirúrgica, e acabou por falecer no dia seguinte.

Nas gatas, cerca de 95% dos tumores de mama são malignos, e a quimioterapia ainda não é conclusiva para tratamento resolutivo do problema.

Surviver estava em muito mau estado, os tumores deviam existir há anos, e talvez por isso consegui aceitar esse desfecho. Estava em paz, apesar de triste, pois fiz o melhor que pude.

Nessa altura estava também rodeada de mulheres amigas lutando contra essa doença e atendia, com uma frequência acima do normal, animais com esse problema.

Eu própria, em 2006, detectei nódulos no meu peito que têm sido motivo de muitas emoções ambíguas, bem como de descobertas profundas sobre a raiz da sua presença.

Criei um nome para o padrão emocional que se repetia em todas as mulheres com esse problema: “mamã à força”. A “mamã à força” é um estereótipo daquelas mulheres que abdicam constantemente de si em função de quem amam, que protegem e cuidam de tudo e todos, mas sentem sempre que não o conseguem na totalidade e nesse caminho exigem e controlam a si e aos outros.

São mulheres que têm de aprender a aceitar os seus limites e a dizer não, a verbalizar as suas necessidades e angústias, a não esconder no seu peito a mágoa profunda de quem as magoou ou as traiu. São mulheres que têm de aprender que a compaixão tem de começar em si, que o perdão começa por si própria. São mulheres amorosas que devem aprender que não erraram só porque não são suficientemente perfeitas segundo os seus ideais.

Para se libertarem, devem aprender a autoafirmação, a reivindicarem uma autoridade própria, tomando decisões que revelem o seu próprio poder.

Tenho aprendido muito com essas mulheres, com o seu percurso, mas sobretudo com a sua evolução interior derivada desse

percurso, pois os nossos sentimentos e as nossas reações são muito mais importantes que os contratempos por que passamos.

Os seios, o espelho da nutrição interior e exterior, devem ser honrados a cada instante da nossa caminhada enquanto seres plenamente femininos. Refletem o equilíbrio entre dar e receber, a mensuração da verdadeira liberdade emocional. Colhemos tudo o que semeamos, e só recebemos se dermos.

Mas quando damos, ainda controlamos o que damos. E quando recebemos, vulnerabilizamos-nos e no caminho enchemos-nos de expectativas que criam apego e dependência a um resultado específico.

O resultado é que poucos humanos sabem receber verdadeiramente. Há outros que só sabem receber e não sabem dar.

Com tanto desequilíbrio na manifestação e no fluxo do amor, é natural que tenhamos uma sociedade dependente de ansiolíticos e antidepressivos, bem como todo um conjunto de doenças cardiovasculares.

“O caminho faz-se caminhando”, já dizia o poeta Antônio Machado, até à união dos opostos para alcançar a identidade plena de ser mulher, que é ser... tudo!

O CHACRA DA GARGANTA

A comunicação verbal tem uma importância extrema na nossa sociedade, mas quando ela se torna compulsiva, irrefletida, imatura ou, pelo contrário, reprimida, começam a surgir distúrbios no próprio corpo físico.

Acumula-se uma grande densidade energética na área correspondente à comunicação, a área que rodeia o pescoço e que corresponde ao quinto chacra. Este chacra abrange a zona da garganta (esôfago, traqueia, laringe, tireoide) e expande-se à parte posterior da cabeça e ao sistema auditivo.

O seu equilíbrio depende quer do contato com o silêncio – possibilitando a escuta interior – quer da capacidade de tomar decisões e comunicá-las para manifestar as nossas necessidades.

Ao escutarmos as nossas necessidades, honramos o nosso ser e isso permite abrimo-nos à abundância, ao que existe disponível para nós num universo de infinitas possibilidades.

Por que você pensa que não tem o direito de fazer o que quer? No caminho da vida, cada um tem sempre liberdade e o poder da sua vontade. A não ser que esteja numa cadeia, a pessoa tem sempre liberdade de escolhas e opções, mas tem também a responsabilidade sobre essas escolhas. E é por isso que muitas pessoas têm tanta dificuldade em fazer escolhas e queixam-se de que alguém as impede de fazê-lo, pois não conseguem responsabilizar-se por ter escolhido aquela opção.

O medo de assumir a responsabilidade das próprias decisões coincide com o padrão de vítima social. Ainda é confortável dizermos que a culpa é dos políticos, do vizinho, do irmão ou da ex-namorada. Quando nos queixamos da falta de transparência lá fora, devíamos perguntar-nos antes onde é que nós não somos transparentes, conosco próprios ou com os outros. Este é o chacra da verdade pessoal e da firmeza.

Groovy, o gatinho albino surdo

Um gatinho albino de quatro meses chamado *Groovy* preocupava a sua dona Alexandra devido a uma possível surdez e dificuldade visual. Ao fazer o diagnóstico intuitivo, compreendi que ele era surdo de fato e a sua acuidade visual era ligeiramente superior a 50%, e por isso os movimentos muito rápidos podiam confundir-lo e até assustá-lo.

A surdez de *Groovy* trazia uma mensagem tanto especial quanto delicada para a sua dona:

“Aprende a falar menos e um pouco mais baixo, pois assim ouve melhor o seu interior. Só dessa forma você alcança a sua luz plena. Foi por isso que escolhi a cor branca, a cor da luz... Esta é a minha missão contigo.”

Felizmente quando Alexandra ouviu esta mensagem, começou a rir:

“Isso é tão verdade. É algo que tenho tentado mudar em mim – tenho necessidade de me fazer ouvir! Mas sei que estou melhorando.”

Afinal, temos dois ouvidos e uma boca, para ouvir mais e falar menos.

Alexandra me disse que ficou verdadeiramente grata a este pequenino de quatro patas por ajudá-la no caminho para uma maior serenidade e paz interior.

No final dessa comunicação, recordei-me de uma bebê de nome Alicia, de 22 meses, que me partilhou telepaticamente, numa consulta de outro projeto que tenho semelhante mensagem:

“Os meus pais falam tão alto e gritam tanto um com o outro que estou prestes a ficar surda... Ou eles mudam ou daqui a pouco tempo deixo de ouvi-los e começam os problemas de audição.”

Quando os pais da Alicia foram confrontados com isto, tornaram-se absolutamente mudos na consulta.

Uns dias depois, a mãe da Alicia ligou-me contando que comprou uns auscultadores de pelúcia cor-de-rosa para a sua bebê e queria que eu perguntasse à filha se ela gostava deles. Os adultos são mesmo engraçados, pensei.

Há uma frase de Albert Einstein que revela a importância de aprendermos a nos silenciar.

“Penso noventa e nove vezes e nada descubro... Deixo de pensar, mergulho em profundo silêncio – e eis que a verdade se revela a mim.”

A nossa necessidade de preencher o silêncio acaba por nos afastar do encontro com a nossa essência mais pura.

“As mais lindas palavras de amor são ditas no silêncio de um olhar”, disse Leonardo Da Vinci, revelando o mais sublime sentir que o silêncio pode nos proporcionar.

Dalila, a boxer com problemas na tireoide

Dalila é uma boxer tigrada com dois anos e meio, muito ativa e brincalhona.

Ela está em permanente alegria e faz as delícias dos seus donos, que a adoram e mimam infinitamente. Nos últimos meses, sentiram-na estranha, mais apática, parecia estar “inchando”, e ninguém chegava a um diagnóstico conclusivo sobre o que se passava com ela.

Primeiramente, obtive indicações de que talvez se tratasse de um problema na tireoide, por isso era importante descartar a hipótese

de uma doença chamada hipotireoidismo. O hipotireoidismo ocorre quando a tireoide, uma glândula situada na zona da garganta, não produz a quantidade necessária de hormônios. A glândula da tireoide possui uma série de funções, sendo mais conhecida devido à sua capacidade de regulação do metabolismo. Sugeri dosear esses hormônios a nível sanguíneo, que juntamente com os sintomas poderiam ajudar no diagnóstico.

Durante a comunicação, *Dalila* só se referia a Bernardo. Percebi depois que Bernardo era o filho de 11 anos deste casal e havia uma preocupação de *Dalila* em não se afastar, pois ele precisava da sua ajuda incondicional.

“Bernardo é o único que me dá bolacha Maria e eu adoro, é muito melhor do que a comida das latas”, dizia *Dalila*, já ansiosa por nova bolacha.

Perguntei ao casal de que forma eles sentiam que *Dalila* ajudava Bernardo, e eles disseram que sem *Dalila* os medos do Bernardo seriam muito maiores e que foi por isso que ela veio para a família. Perguntei então se tinham adquirido *Dalila* a pedido de Bernardo, e a mãe respondeu quase gaguejando:

“Foi para ajudá-lo, sim. Mas ele não a pediu... Mas a adora!”

Quando me liguei a Bernardo, senti que se tratava de um menino inteligente, mas que aparentava um aspecto imóvel, sem expressão e uma comunicação muito deficitária. Emanava também um desejo excessivo de aceitação, mas era muito exigente. Perguntei a *Dalila* qual era o medo de Bernardo:

“Ele tem medo de perguntar, tem medo do que quer.”

Os pais de Bernardo contaram de imediato que pairava sobre esta criança um possível diagnóstico de Síndrome de Asperger, um transtorno do espectro autista, que ainda não foi confirmado nem era de todo aceito pela família.

Expliquei-lhes que, caso se confirmasse o hipotireoidismo de *Dalila*, depois das análises efetuadas, isso devia-se à somatização do processo do Bernardo.

Pedi aos pais para me deixarem falar com Bernardo, pois queria dizer-lhe, de uma forma simplista e perceptível a um menino de 11 anos que vive no seu mundo, que para ajudar *Dalila*, ele devia passar mais à ação e desbloquear os seus medos.

Ao longo do meu caminho profissional e dos projetos que venho desenvolvendo, acabei por delinear, em traços gerais, as características emocionais e espirituais de muitas crianças com diagnóstico de autismo ou Síndrome de Asperger. Cada criança é única na sua aprendizagem e desafios, mas todas elas se revelam como seres que amam a vida, mas que não gostam de rotinas, restrições nem arrumações e por vezes precisam de disciplina para não se perderem no caos. Apresentam assim excessiva dispersão e muita criatividade, querem fazer várias coisas ao mesmo tempo e por isso sentem que estão melhores sozinhas. Em especial no seu mundo, onde tudo é possível e não há limitações. Como sentem que os desafios dos relacionamentos que têm são muito difíceis, mais se fecham e preferem ficar na solidão. As suas missões são complexas e variadas, mas têm um propósito muito específico em relação a cada membro da sua família próxima. Vêm, nesta vida, aprender a controlar o desejo de viver variadas experiências – sendo que muitas delas nem existem no seu plano físico e assim conseguem se exprimir, usando o seu potencial criativo.

No meu ponto de vista, e dada a rejeição familiar a este diagnóstico para Bernardo, o caminho era diagnosticar o que se passava verdadeiramente com *Dalila* e medicá-la para o seu equilíbrio.

Os pais são normalmente os grandes desafios relacionais das crianças com diagnóstico de autismo ou Síndrome de Asperger, e era necessário esta família começar a dialogar e a incentivar Bernardo a se exprimir, com espaço, sem pressa, sem julgamento e em amor.

Passados uns dias, recebi a confirmação do diagnóstico de hipotireoidismo de *Dalila* por um hospital veterinário e a medicação hormonal começou a ser administrada para tratar essa doença.

Bernardo foi inserido num ATL próximo (centro de atividades de tempos livres), uma sugestão minha para que os pais superassem também o medo de enfrentar os medos de Bernardo.

Três meses mais tarde, estas foram as palavras da sua mãe:

“Os progressos veem-se a cada dia naquele sorriso enorme de um menino que começa a saber o que quer e a manifestá-lo.”

Os distúrbios na tireoide estão presentes em muitos humanos adultos, tal como em animais, apesar de muitas vezes serem subdiagnosticados nestes últimos.

A nível humano, a doença tem muito mais incidência nas mulheres, pois prevalece um padrão psicológico feminino de incapacidade na tomada de decisões segundo a própria vontade, como uma necessidade de agir ou fazer certas coisas só para se ser aceita e amada pelos outros. Estando este comportamento desequilibrado para a missão da pessoa na Terra, a doença ou disfunção aparece mais cedo ou mais tarde. Em nós ou nos nossos animais, se eles existirem na nossa casa.

Historicamente, parece que nascemos desde sempre “programados” para pertencermos a uma comunidade para nossa sobrevivência. Daí surge a nossa necessidade de agradarmos aos outros, que quando levada ao extremo nos faz sacrificar até o nosso poder pessoal para receber atenção ou afeto em troca.

Jesus Cristo disse “Amai o próximo como a ti mesmo”.

Não disse “Ama mais o outro que a ti mesmo ou ama-te somente a ti próprio”.

Se fazemos algo que não está alinhado com a nossa verdade pessoal, essa ação fica impregnada de energia negativa e afeta os resultados inequivocamente.

Resumindo, ao tornar-se consciente das suas necessidades emocionais, não as sabotando e aprendendo a comunicá-las a quem está na sua vida, você caminha em verdade e integridade, muito mais feliz.

O CHACRA FRONTAL OU DA INTUIÇÃO

Aprender a ouvir a intuição e colocá-la em prática é um dos maiores compromissos espirituais que trazemos e assim começamos a caminhar na direção certa e a inspirar os outros que estão ao nosso redor. A intuição está também relacionada com o discernimento, a diferença entre a verdade e a ilusão.

Este chacra está situado na zona entre as sobrancelhas e abrange a zona dos olhos e nariz. Quando desenvolvido, é responsável por todos os fenômenos intuitivos ou mediúnicos. É por onde recebemos orientações mais ou menos sutis vindas do mundo espiritual, que são recursos valiosos para superar os nossos obstáculos aqui.

Um médium tem este chacra hiperativo e o seu caminho encontra-se na aceitação das suas faculdades psíquicas e na responsabilidade que daí advém, aceitando, mas não se deixando influenciar pelos acontecimentos exteriores.

As respostas estão sempre dentro de nós.

***Jolie*, o gato preto que chora**

Os animais também têm emoções próprias que, apesar de parecerem da sua inteira responsabilidade, de alguma forma refletem partes humanas que estão escondidas e mal resolvidas.

Jolie era um gato europeu de cor preta com uma cauda branca farfalhada e dez anos de idade. Tinha uns olhos verdes penetrantes, mas o seu olho esquerdo permanecia muito vermelho, apresentava um corrimento aquoso constante há muitos anos e nenhum colírio conseguia resolver.

Sua dona Inês estava muito ansiosa com a comunicação e talvez por causa disso *Jolie* tenha começado logo a reportar-se ao ano de 2005:

“Aconteceu algo na nossa vida que me faz chorar até hoje, nunca mais este lar foi igual.”

Perguntei a Inês se nesse ano houve algum conflito ou acontecimento que incluía mais algum interveniente, em particular do sexo masculino, pois a localização do problema indicava-me isso.

“Comigo não houve qualquer conflito, muito pelo contrário. Nesse ano casei-me e aqui em casa, em vez de ser eu e *Jolie*, passamos a ser três com o meu marido.”

“Você é um grande ciumento, *Jolie!*”, dissemos as duas quando percebemos o verdadeiro motivo daquele choro.

Mas como resolver o ciúme crônico deste amigo que é incondicional, mas não consegue condicionar-se à mudança familiar?

Se fizéssemos uma correspondência para a idade humana, *Jolie* teria sensivelmente 60 anos e nós sabemos que não é tão fácil recondicionar os animais com essa idade, muito menos os gatos.

A dona estava disponível para tentar utilizar estratégias para mudar o foco da sua atenção ciumenta, trabalhando o reforço positivo para o bom comportamento.

Por outro lado, tive de conversar com Inês para ela trazer à sua consciência se uma parte de si também se perdeu ou se iludiu com o casamento.

“Apesar de ter sido eu a decidir casar, algo dentro de mim dizia-me para não dar esse passo tão cedo. Nunca “chorei” a perda de individualidade que senti com o meu casamento e, talvez por isso, meu *Jolie* chore por mim. Mas tenho lhe abraçado, olho-o nos olhos e digo-lhe que o amo, pois ele já existia na minha vida antes do meu marido e é e será sempre insubstituível. Ele baixa a cabeça e encosta-a ao meu peito, certamente compreendendo as minhas palavras.”

***Kiara*, a fox terrier elétrica que tinha convulsões**

Conheci *Kiara* em 2007, numa clínica onde trabalhei no norte do país. Seus donos, Manuel e Irene, quando souberam que alguém se comunicava com animais, perguntaram-me muito fascinados e perplexos por que não lhes contei que o fazia quando fui veterinária de *Kiara*.

“Se o fazia, não tinha percepção disso, pois era muito descrente de todas estas matérias”, respondi-lhes rindo.

Eles ficaram ainda mais espantados.

Kiara era uma cadelinha fox terrier de pelo cerdoso, com as características cores branca e castanha, sete anos de idade, muito simpática e alerta. Parecia elétrica e destemida, mas mostrava-se medrosa perante qualquer movimento mais brusco.

Agora se deparava com um diagnóstico de epilepsia. A epilepsia é uma doença de origem nervosa em que ocorrem crises de convulsões mais ou menos frequentes.

“Eu ajudo incondicionalmente o meu dono. Ele está muito confuso, sente-se assustado com o desenrolar dos últimos meses. Aquele filho era tudo para ele”, comunicou *Kiara* desde logo.

Nesse mesmo instante visualizei uma imagem de Irene, dona da *Kiara*, chorando compulsivamente, e Manuel, seu dono, sofrendo, rangendo os dentes, sem lágrimas, numa atitude totalmente inconformada. Perguntei a Irene o que se passava desde há cerca de seis meses.

“Nessa altura, o nosso filho Afonso teve um grande acidente de trânsito e ainda está em coma no hospital. Este tem sido um momento muito duro para toda a família, mas o meu marido não se conforma por ter dado a moto a Afonso e ter acontecido esta tragédia...”

Pedi para falar com o marido, dada a missão e o serviço de *Kiara* ter um compromisso específico com ele:

“Sr. Manuel, sinto profundamente a sua dor e tenho por ela extrema compaixão. Só um pai sabe a dor que é sofrer por um filho. Mas a violência interior que tem contra si próprio e o constante esforço para manter uma imagem contida têm de ser geridos e não acumulados. Respeite os seus limites, perceba que não há culpa, trabalhe o perdão a si próprio. É preciso aceitar que o controle é uma mera fantasia humana, que apenas temos que confiar que tudo acontece por algum motivo, por mais incompreensível ou injusto que seja. Tudo é para a nossa evolução, mesmo este acidente foi algo que a alma do seu filho teve de experienciar. Há coisas na Terra que temos simplesmente de aceitar, pois são as provas que cada um aqui tem.”

Quando terminei a minha conversa com aqueles pais, orei muito pela salvação física de Afonso. Tenho uma compaixão profunda pela dor dilacerante de um pai ou mãe que pode perder ou perdeu um filho.

Milagre ou não, Afonso saiu do coma alguns dias depois e Irene me telefonou chorando de alegria. Eu também chorei de alegria com os milagres que acontecem quando pedimos pelo bem dos outros.

Três semanas depois, Manuel e Irene decidiram passar para uma nova consulta e trouxeram *Kiara* para eu matar a saudade.

Nesse encontro, *Kiara* vinha toda satisfeita abanando o rabo, Manuel tinha os seus olhos sempre no chão e Irene, ao me ver, levantou-me no ar com um abraço. Não é difícil fazê-lo, dado que sou pequenina e levezinha, mas não me esqueci da sua energia e alegria devido à recuperação do seu filho Afonso.

A consulta foi direcionada para Manuel, dado a *Kiara* se dizer comprometida com ele. Foi uma consulta quase em versão monólogo, de mim para ele. Cheguei ao ponto de brincar com Manuel e dizer-lhe, a sorrir:

“Mas eu não sou um padre rezando a missa, preciso que me diga também o que sente e como sente estas minhas palavras.”

Ele voltou a colocar os olhos no chão e concluiu que tudo isto o espantava muito, não imaginava que um problema da cadela o faria sentar e falar sobre ele, que anda digerindo tudo isto, mas que só quer que todos fiquem bem.

“É difícil aceitar porque havia algo que me dizia para não lhe dar a moto e mesmo assim lhe dei”, disse Manuel resignado.

“Isso era a sua intuição...”, expliquei-lhe.

Irene, com a sua natural prontidão, respondeu ao marido:

“Ó Manel, você tem mesmo uma descrença crônica. Mas será que não vê que Marta foi um anjinho que Deus enviou para nos ajudar? Até fisicamente parece uma fada, repara lá bem.”

“É isso mesmo. As minhas asas estão é bem disfarçadas com o suéter para que ninguém tenha medo de mim”, ri efusivamente, o que permitiu que Manuel começasse a rir também, descontraísse e contasse mais um pouco de si.

Gosto muito de ajudar os outros e já aprendi a receber o carinho e os elogios de quem ajudo. Com eles nutro o meu coração para continuar forte no meu caminho, mas lembrei a todos que o mérito é todo deles, não meu e o único anjo encarnado ali era... a linda *Kiara*.

O CHACRA CORONÁRIO

Há uma mensagem oculta e simbólica na coroa dos reis e rainhas e na mitra usada pelo papa, cardeais e bispos.

O sétimo chacra conecta-nos à Fonte da Criação, liga-nos à Luz do Universo, é o ponto de entrada da energia vital.

É o centro da espiritualidade e da fé, independente da prática religiosa que tenhamos ou acreditemos. Liga-nos ao aspecto não físico da nossa existência para que percebamos que há um sentido para a vida neste plano físico.

É sobre consciência espiritual superior, devoção e pensamentos proféticos, por isso se revela em líderes fortes e inspiradores, visionariamente iluminados e humanitários como Gandhi e Nelson Mandela.

Quando há bloqueios relacionados com este chacra, podem ocorrer perturbações mentais, crises espirituais e perda de fé ou confiança. Este chacra também influencia a energia de dois grandes sistemas corporais – pele e sistema muscular.

Rip, o schnauzer alérgico

Rip é um schnauzer miniatura cinzento, ativo, sempre pronto para a ação e com uma personalidade forte, como disse a sua dona Estela.

Com seis anos não parava de se coçar e Estela dizia já se sentir também cheia de comichões. *Rip* ainda estava com quedas de pelos e vermelhidão, e os diagnósticos clínicos prévios apontavam para uma doença designada por dermatite atópica. As doenças atópicas são doenças em que há uma predisposição alérgica e aí estão incluídas a asma, a rinite alérgica e a dermatite atópica. *Rip* andava também espirrando há uns dias, mas sem grande intensidade em comparação às suas manifestações cutâneas.

Estela sentia-se apavorada com o que eu poderia lhe transmitir nesta comunicação, mas a sua ânsia de saber mais a fazia debater-se entre uma curiosidade ansiosa e uma angústia pelo desconhecido.

“Que aflição. Deem-me de novo aquela injeção. Dói muito, mas sempre me alivia...”, começou *Rip* a manifestar-se, referindo-se à injeção de cortisona que recebia no seu músculo da perna de três em três semanas. E continuou, desta vez falando da dona:

“Por que não vê o quanto te amo e te acho bonita? Por que você insiste em valorizar mais o que as suas amigas te dizem? Você está tão irritada por não ser tão magra quanto gostaria que não vive, sobrevive. A vida não é só a estética.”

Ao me ouvir dizendo isso, Estela reagiu e respondeu imediatamente:

“Mas eu estou tão gorda, antes pesava metade do que peso agora, acho que nem o meu cão gosta de mim. Você não gosta de mim assim gorda, não é, *Rip*?”

Nessa altura, reparei em Estela e vi uma mulher lindíssima, com cerca de 1,70 cm e 60-65 kg no máximo. Logo pensei que aquelas amigas ou não eram amigas de verdade ou sofriam algum distúrbio anoréxico. Ou seria a própria Estela que tinha esse distúrbio alimentar, apesar de não parecer sofrer de anorexia.

Quando saí destes meus pensamentos, Estela tinha começado a conversar com *Rip* como se ele fosse um ventríloquo e eu, a sua voz. Esta comunicação foi inesquecível, pois Estela iniciou uma conversa de olhos nos olhos com o seu cão e nem olhava para mim, apenas aguardava ouvir uma resposta de algum lado, sempre com os olhos colocados em *Rip*.

No final da comunicação, tive de obrigar Estela a se concentrar de novo em mim, pois pretendia que ela saísse do consultório com a noção clara do padrão que estava sendo refletivo por *Rip*.

A sua autoestima e autoconfiança estavam muito comprometidas, era uma pessoa negativa, com muitos medos, que se forçava a ser algo que não era. Vestia uma capa, uma outra personalidade. Sentia-se completamente desprovida de um sentido para a sua vida, centrava-se no desejo de uma aparência magra para buscar uma direção e um objetivo por que lutar.

Rip disse várias vezes a palavra “Mãe” durante a comunicação. Perguntei à Estela como era a sua relação com a mãe e ela disse que era maravilhosa. Pedi-lhe então para descrever a sua mãe e ela respondeu-me impulsivamente:

“É perfeita. Eu é que não.”

Emocionalmente, a anorexia reflete um profundo medo de rejeição. E, como uma bola de neve, quem sofre de anorexia rejeita a sua nutrição, a comida. Ao rejeitar a sua nutrição está rejeitando a sua parte feminina. Quem é o primeiro e maior espelho do feminino? A mãe.

Estela sentia que tinha decepcionado a sua mãe, que a mãe a rejeitava por ela não ser como deveria. Fiz com que ela compreendesse que ao perdoar e aceitar a sua mãe, aceitaria a sua própria parte feminina e começaria a valorizar-se mais. As quedas de pelo de *Rip* estavam relacionadas também com a desproteção que Estela sentia.

Estela tem de trabalhar as suas próprias limitações para que o padrão se modifique e deixe de afetar *Rip*.

Para ele, uma mistura de óleo de camomila, pepino e algas, um unguento caseiro para se colocar tópica e diariamente, bastaria para acalmar o problema de pele.

Quinze dias depois, já não havia vermelhidão e quase nenhuma comichão, apenas as quedas. A dona começou a trabalhar ao mesmo tempo o reconhecimento da sua missão, no seu processo de autoestima, relacionamento com a sua mãe e com o seu lado feminino.

Quando lhe pedi autorização para escrever o seu caso neste livro, ela me enviou a seguinte mensagem:

“Claro que sim. Mas sabe... Acho que já abri de novo uma brecha no meu amor-próprio. *Rip* ontem começou a coçar-se um pouco. Coloquei as minhas mãos no peito em oração, pedi que o meu anjo da guarda me desse força, voltei a repetir dez vezes por dia que me amo e me aceito como sou, pois quando faço tudo isto, além de dar beijinhos em mim e no espelho que me reflete, *Rip*

melhora logo pouco tempo depois”.

O nosso corpo é um precioso veículo para praticar o amor e a magia aqui na Terra, daí ser tão importante honrarmos e amarmos nosso templo.

Lady, a buldogue francês que vislumbrava a morte

“Preciso de ajuda para mim e para a minha cadela, pois nós duas queremos nos suicidar.”

Foi assim que começou o meu contacto com *Lady* e sua dona Lara.

Ao ouvir aquilo, mil questões me surgiram tal como estão surgindo para você, mas tentei controlá-las para que Lara me expusesse o que se passava com ambas.

“Tenho 38 anos e a minha vida não faz qualquer sentido. Há um ano que os médicos dizem que tenho uma depressão e eu acho que aquilo que estou vivendo e sentindo é bem mais do que uma depressão. É uma perda tão grande e profunda do meu ser, não vejo luz em nada.”

Depois de ouvir Lara, pedi para me explicar de que forma é que *Lady* queria se suicidar, pois esse tipo de comportamento não costuma ocorrer nos animais.

“Tenho a certeza que também quer terminar com a sua vida. Ela começou a ficar com um olhar distante, a uivar sem causa aparente e está sempre me levando para um poço quando passeamos numa floresta perto de minha casa. Eu sei que é um convite a um suicídio duplo.”

Eu estava me deparando com um dos casos mais estranhos e complexos que já vi.

“Sabe o que é a noite escura da alma, Lara?” perguntei-lhe.

“Conheço de cor os textos de São João da Cruz. Eu me sinto nessa jornada, o caminho da alma desde a sua morada carnal até à união com Deus. Estou mergulhada numa escuridão de dificuldades para me desapegar do mundo e atingir finalmente a luz da união com o Criador.”

Surpreendeu-me que Lara estivesse informada com a experiência mística descrita por São João da Cruz ainda no século XVI, mas o que me preocupava realmente é que a Lara era uma pessoa inteligente, estudiosa e que distorcia as leis a seu favor.

“Há três sintomas-chave que você deve sentir – perda de sentido de vida, perda do reconhecimento da sua identidade e necessidade de devoção a algo superior a si própria. Descrevo a noite escura da alma como o caminho da fênix, a ave que morre e renasce das cinzas com toda a sua glória. Constitui-se como um paradoxo porque essa experiência oferece iluminação à consciência, mas anteriormente escurece-a e acarreta muito sofrimento... Daqui surgirá uma consciência que vai iluminar um novo caminho. Lara tem 38 anos. Até os seus 44 anos, sensivelmente, irá viver experiências ou desafios mais ou menos dolorosos para suportar o seu crescimento espiritual e se realinhar à sua missão. Começou com estes sinais aos 37, que coincide sensivelmente com o início desta crise. Entre os 27 e os 30 anos, recorda-se também de ter sentido semelhante sensação? Sentir solidão, abandono, perda da conexão com o universo, sentir que ninguém conseguia compreendê-la, medo da vida, incertezas, conflitos, preocupações? Nestes períodos, balizados pelas idades dos 27 aos 30 anos e dos 37 aos 44 anos, a grande maioria das pessoas sente-se assim, pelo menos uma vez, de uma forma mais ou menos intensa. Será tão mais intensa quanto mais profunda for a busca como a necessidade de mudança nesta vida.

A vida muda sempre nesses períodos – mudamos de casa, de emprego, casamos, divorciamo-nos, temos filhos... Passamos por uma reavaliação dos nossos hábitos, costumes e crenças. O propósito é mudar para nos realinharmos com o que viemos fazer aqui. O que você está tentando me transmitir é que quer sair cedo demais da vida.

Então, o que tenho de lhe perguntar é... O que acha que não consegue mudar em si para já pensar em desistir?”

Nesse momento, Lara começou a chorar compulsivamente e a sua cadela começou a uivar. Fechei os olhos e comecei a me comunicar com *Lady*, na esperança de que ela me desse mais alguma pista:

“Me sinto tão triste e desolada.. Quero afastá-la daquele poço, onde o seu tio também se suicidou. Ajude-nos.”

Nesse exato momento, perguntei a Lara o que representava para ela o tio que se tinha suicidado.

“Vivi com ele desde os meus nove anos, pois os meus pais migraram para a Suíça quando eu tinha essa idade.”

Um animal não mente. Fazer Lara entender que ela estava engendrando o suicídio como forma de se unir definitivamente a Deus e, nessa ilusão, ela vitimizava-se dizendo que até a sua cadela sentia o mesmo que ela, o que não era verdade, foi muito desafiante, mas extremamente compensador.

Lara aceitou a minha sugestão de procurar ajuda psicológica permanente durante esta fase e comigo percorrer o caminho da fé e da confiança.

Para atravessar a escuridão, ela precisava se sentir confortável com a oração e a meditação. Era preciso desconstruir a crença de que a oração era somente rezar o terço. Orar é sim ter uma conversa autêntica, sentida e sincera que incluía a exaltação à fonte de criação, a gratidão, a prontidão para servir e ajudar e uma atitude de perdão.

Quase completando 40 anos, Lara é outra mulher. Fala do período que passou como um teste profundo à sua fé e resistência espiritual, essencial para se conectar à sua verdadeira casa. *Lady* parou de uivar e recentemente aumentou a família com três filhotes, aos quais Lara se dedica de corpo e alma.

A DESPEDIDA

“Se perdermos o medo de viver, naturalmente o medo de morrer irá diminuir.”

A morte de um companheiro de quatro patas reveste-se de uma dor profunda para os seus donos. Recordar esse episódio parece reabrir uma ferida que nunca se apagará da memória.

O escritor português José Luís Peixoto compartilhou o seu sentir num artigo semanal, um sentir que é de todos nós:

“... Aperto-a de encontro a mim. Eu protejo-te com a mesma dedicação com que me proteges. Esta companhia que partilhamos é eterna. (...) Talvez por isso, sou agora capaz de compreender que, quando morre um cão, há uma tristeza específica. É fina e espeta-se no pensamento. Aleija só de imaginar. Deriva da pena de não termos sido capazes de estar à altura da pureza, da generosidade absoluta...”

Como se sentirá um animal em relação à sua morte?

Ao contrário de nós, eles não sentem o medo do desconhecido, nem culpa do que não fizeram e podiam ter feito. Eles não se afastaram da sua missão, não perderam a ligação à sua natureza. Aceitam a despedida naturalmente, sem resistência ou apego ao que aqui deixam, pois para eles segurança significa paz interior, uma paz que instintivamente os faz sentir que nada se perde afinal.

Já nós, ao buscarmos o estável e resistirmos às naturais mudanças, contrariamos o fluxo normal da vida que será sempre pautado pela impermanência de tudo.

Talvez por ter crescido com uma avó que sempre disse que “a morte é uma viagem que todos temos de fazer e que nos leva a um novo lugar para conhecer”, morrer e nascer tornaram-se, para mim, somente inícios de estradas diferentes.

A morte é um portal, um encerramento de um ciclo, um de tantos que fechamos numa vida, só que desta vez faz-se com o corpo físico.

No ciclo dia-noite, o dia tem de terminar para a noite se instalar e vice-versa.

Uma vez li que a vida não tem sustento nem significado sem a morte. Faz-me todo o sentido.

Já pensou por que existe um ciclo médio de vida? Por que a esperança média de vida das pessoas se situa nos 80 anos nas sociedades desenvolvidas?

Simplemente porque a uma dada altura, a nossa consciência já não pode evoluir muito mais e por isso é necessário morrer para nascer de novo.

Certamente, o menor tempo de vida dos animais relativamente ao humano deve-se ao fato de eles não virem à Terra, como nós, para evoluir na aprendizagem sobre o amor incondicional.

Eles já o são.

A ALMA

É muito frequente me perguntarem para onde vão os animais depois de morrer. Um dia coloquei essa questão a um grupo de crianças, entre os cinco e os dez anos, e elas me responderam simultaneamente:

“Para o Céu.”

Fiquei emocionada. Sei que se perguntasse a um grupo de adultos, o mais provável seria ouvir “para debaixo da terra”, “não sei” ou “para o céu?”.

Infelizmente, um grande número de pessoas desconhece o que acontece depois da sua morte física, pois ainda não conseguiram provar, com a pseudocientificidade do “ver para crer”, que têm uma alma e ela é imortal.

Compreendo que seja difícil acreditar em algo que não vemos.

Para mim, hoje em dia, é fácil, pois tenho permanente contato com essa realidade e foi dessa forma que o meu ceticismo médico se rendeu. Ninguém estava me dizendo ou forçando a acreditar, o meu trabalho tornou-se a prova viva que tudo isso é real.

Como normalmente o homem é a medida de todas as coisas, torna-se mais difícil fazer certas comparações com outras espécies, mas agora tentemos deixar de lado o nosso narcisismo.

A palavra Animal vem do latim “*Anima*” que significa princípio de vida ou alma.

Pitágoras foi um filósofo e matemático grego que viveu 500 anos antes do nascimento de Cristo e já acreditava que os animais dividiam conosco o privilégio de ter uma alma. Como os humanos, os animais são dotados de um corpo físico e uma alma.

No livro de Eclesiastes (faz parte do Antigo Testamento da Bíblia), no versículo 3:19 podemos ler “Porque o que sucede aos filhos dos homens, sucede aos animais; o mesmo lhes sucede; como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais”.

A Dra. Irvénia Prada, docente de neuroanatomia na Faculdade de Medicina Veterinária de São Paulo há mais de 43 anos, também deu um depoimento muito fundamentado pela literatura espírita de Allan Kardec sobre a vida espiritual dos animais:

“Há neles um princípio independente da matéria, um espírito que sobrevive ao corpo físico.”

Pelo grau de proximidade que tive com *Kennedy*, o cão de grandes amigos meus, “acompanhei-o” no preciso momento da sua morte e o que ele me comunicou foi semelhante ao que muitas pessoas que estiveram à beira da morte já descreveram. Havia muita luz e vários seres de luz com energia angelical que vieram recebê-lo, ajudá-lo a deixar o seu corpo físico e a fazer a viagem de regresso à Casa – um local onde todos os espíritos puros se reúnem e repousam. A sua essência ascendeu para planos de existência mais sutis, não terminou.

É muito raro os animais não aceitarem a sua morte, mas em nós instala-se uma derradeira e dolorosa saudade. O desafio seguinte está em aprendermos a deixar ir quem tanto amamos, a libertá-los em amor.

Quando chamamos, de forma constante, mental ou emocionalmente, uma pessoa ou animal que partiu, pedindo-lhes perdão,

sofrendo as saudades que sentimos, pedindo que regressem, o resultado é que o espírito daquele que partiu sente que tem de permanecer próximo a quem o chama. Como nada podem fazer, sentem-se infelizes por não poderem nos ajudar.

Ao alterar esta atitude, libertando quem amamos, permitimos que esse espírito siga o seu caminho e ascenda a planos mais luminosos e de paz.

Foi exatamente o que aconteceu com o cão *Tomás* e sua dona Janine.

Tomás era um cão caniche médio amarelo que foi subitamente atropelado por um carro que ia em alta velocidade na rua onde ele brincava sem coleira. Nesse dia fazia dois anos de idade e a sua dona, Janine, quando soube da notícia, por estar passando também por um período pessoal de grande instabilidade emocional, reagiu histericamente e ficou em choque.

Quando a conheci, quase um mês depois da morte de *Tomás*, ela continuava chorando inconsolável:

“Era o meu tudo, era tudo o que tinha de melhor na vida. Nada mais tem significado agora...”

Quando comecei, *Tomás* demorou para aparecer para se comunicar e eu apenas via escuridão:

“A dor da minha dona é tão grande, os seus pensamentos e lágrimas tão persistentes que não consigo seguir o meu caminho nem aceitar o que sucedeu...”

Os pensamentos de Janine eram magnetismo puro. Tive de explicar calmamente a ela que os seus pensamentos de dor tinham uma baixa vibração e exerciam um efeito paralisante. Já o perdão, amor e compaixão vibram em elevada frequência e dão “luz” a qualquer ser.

Toda a postura de Janine fazia com que *Tomás* ainda estivesse de alguma forma conectado ao nosso plano material e sofria com as projeções energéticas da dona.

“A minha dona sente demasiada culpa pela sua vida. Isso fez com que se atraísse um acidente. Apenas preferi ser eu em vez dela.”

Desnecessário será dizer que me desdobrei em mil para comunicar esta partilha.

“Não faça do sentimento de culpa uma bola de neve, por favor. O sentimento de culpa tem um efeito magnético sobre a atração de acidentes, dos mais variados tipos... Desde cortes a quedas e atropelamentos. Se nos culpamos, estamos nos atacando e por isso o exterior “ataca-nos” também. Estamos aqui para curar feridas, não para autoinfligir feridas ainda mais profundas!”, argumentei firmemente no final.

Aconselho o leitor a rever os dias que antecederam um acidente na sua vida, descobrindo o sentimento de culpa, mais ou menos intenso, que sentia em relação a algo.

Depois desta comunicação, Janine foi acompanhada psicologicamente durante cerca de sete meses.

Hoje vejo uma mulher feliz e estruturada, e *Tomás II* veio preencher-lhe aquele espaço no fundo da cama que tinha sido deixado pelo primeiro *Tomás*, numa dinâmica mais saudável e de profunda devoção.

VOLTAREMOS A NOS VER?

Há cada vez mais pessoas que me pedem para contactar os seus animais que já faleceram.

Também é extremamente útil para elucidar algumas dúvidas que revestiram o momento da morte do nosso companheiro, como desvendar situações misteriosas que vão surgindo.

Quando comecei a me comunicar com animais e a investigar a sua verdadeira missão na Terra, não tinha propriamente conhecimento do que se passava com eles depois de falecerem. Mas um dia li a comunicação pós-morte da cadela *Lory* no *site* de uma outra comunicadora telepática. *Lory* deixou uma mensagem às suas donas que ainda choravam de dor pela sua despedida violenta:

“O câncer é somente uma forma de saída, é a forma que encontrei para limpar o ambiente que me rodeava e levá-lo comigo foi o meu presente para a minha amada família humana. Mas não quero que sintam culpa. Eu cumpri a minha missão, o meu tempo estava terminado e não me custava nada dar esta última ajuda. Estamos todos interligados. Há muito para limpar aí embaixo, na nossa preciosa Mãe Terra.”

Pouco depois recebi o primeiro pedido de comunicação com um cão após a sua morte física. Tratava-se de uma rotweiller chamada *Alexis*, que tinha morrido há cerca de quatro anos. Comecei a dar algumas informações vagas aos seus donos, pois não a sentia num plano capaz de se comunicar comigo. Estranhei e questionei onde estaria e em seguida recebi a indicação que aquela alma já se encontrava na Terra e tinha reencarnado numa gata de olhos azuis há cinco meses! Sentia-me ainda incrédula e insegura com a informação que tinha ouvido e transmitido, e fiquei tão surpreendida quando os donos disseram, com um grande sorriso cheio de lágrimas:

“Que alegria tão grande que nos dá, a nossa menina continua perto. A nossa gata *Chloe* tem 5 meses”, dizia-me a dona em grande euforia.

“Agora é uma gata. Deve ser o troco por ter massacrado tantos gatos na vida anterior...”, completou o dono.

Foi assim que descobri que os animais também reencarnavam. Muitos dos meus pacientes acham piada o fato de eu ter sempre de comprovar tudo para considerar o acontecimento verdade e o transmitir aos outros, tanto que um pesquisador farmacêutico que é muito meu amigo me chama a “médium mais ver para crer do mundo”.

Mas voltando ao tema da reencarnação, os animais reencarnam sim, contudo, não têm um “carma” como os humanos. Os animais não estão aqui para experienciar lições e provas como os humanos, estão aqui para nos ajudar a evoluir. Eles fazem o possível para nos ajudar a isso. Eles fazem o possível para que os humanos alcancem as suas metas e objetivos evolutivos.

A reencarnação da alma ocorre na mesma espécie ou em outras espécies distintas, de acordo com o propósito de evolução nessa nova vida.

Normalmente, os animais reencarnam nos locais onde já estiveram antes com a finalidade de que os seus donos voltem a encontrá-los, para continuarem sempre juntos de nós nos ajudando.

O período entre reencarnações é muito variável, mas a experiência de vários comunicadores telepáticos espalhados pelo mundo aponta para um mínimo de três meses. Tente não ficar apegado à raça, tamanho ou espécie do animal, pois é comum que cães e gatos façam trocas, só para manter o correto equilíbrio.

Já passou por algum animal que lhe pareceu estranhamente familiar?

Agora é o momento de se questionar se não é de fato a alma dele que está ali à sua frente, num novo reencontro. Dou-lhe uma pista para descobrir mais facilmente se aquele novo animal é a reencarnação do seu antigo: é no olhar que reconhecemos a alma de um

animal nosso que já partiu. Olhe bem nos seus olhos e ele se revelará. Se sentir que não o reencontra, não há nada de errado nisso. A sua missão pode estar agora direcionada para outra pessoa que precise especialmente daquela ajuda única. Se as suas saudades pedem o retorno do seu incondicional amigo, se já passaram pelo menos três meses após a despedida, se o seu processo é frágil para ser feito sozinho sem a companhia dele, feche os olhos e peça essa linda prenda ao universo.

Duvida que todos nos iremos reencontrar de novo? A vida ensinou-me que o caminho espiritual não é uma questão de crença – acreditar ou não acreditar. Espiritualidade ou se sente ou não se sente. Não é da mente, é do coração. E se é do coração, quem mais amamos estará sempre junto de nós.

EUTANÁSIA – SIM OU NÃO?

Quando me comunico telepaticamente com um animal em fase terminal, sinto a dimensão da sua partilha compreendendo até que nível específico ele ainda está ajudando o seu dono. Jamais tento desviar o propósito do animal nesta fase.

Cerca de 85% dos animais com quem me comuniquei sobre uma decisão de eutanásia não concordaram com essa opção. O motivo apontado nunca foi o medo, mas sim por quererem continuar honrando o compromisso que trazem para nos ajudar. Querem estar conosco até ao seu último sopro de vida, cumprindo o seu serviço.

Os outros 15% demarcavam um tempo para a sua recuperação e se não conseguissem e comessem a desenvolver sinais específicos, os donos podiam avançar em paz para a opção de eutanásia.

O termo eutanásia é de origem grega e significa boa morte. As substâncias que hoje se usam para o efeito estão descritas como “rápidas e indolores”. Muitos animais descrevem o momento da eutanásia como uma sensação de frio, um aperto na garganta seguido de um bloqueio cardíaco e respiratório em que tudo se torna escuro subitamente.

Segundo várias visões espiritualistas, a eutanásia é considerada falta de caridade e imprudência, pois, até ao último instante do corpo físico, podem-se aprender lições valiosas e obter recursos que serão de grande proveito após a morte. Mas falando de animais, as lições já não são tão óbvias.

Foi isso que uma médica inglesa me questionou numa comunicação com o seu gato *Bob* que estava muito doente.

Mary lidava diariamente com a morte no seu trabalho nos cuidados paliativos de um hospital inglês. Nunca entendeu por que alguns dos seus doentes em fase terminal se aninhavam nos seus braços quando ela os acariciava e ali faleciam. Era algo que a perturbava profundamente:

“Será o meu amparo ou terei comigo a energia da morte?”, questionou-se vezes sem conta.

Certo dia, procurou uma médium no seu país e ela explicou-lhe que o motivo de tudo aquilo era porque Mary tinha uma sensibilidade especial para encaminhar as almas. Mary aceitou bem essa informação, aprofundou-a e começou a conciliar a medicina e a medunidade no seu caminho diário.

Um dia, seu gato *Bob*, um british shorthair de 13 anos, com um pelo cinzento lustroso e aspecto de realza, adoeceu.

Mary e eu tínhamos uma amiga em comum e foi assim que nos cruzamos.

“Mas Marta... Mandar eutanasiar uma pessoa ou animal é não permitir que esse ser complete o ciclo que lhe resta cumprir nesta vida. Estou desesperada, não sei o que hei de fazer porque a veterinária dele aqui na Inglaterra diz para terminarmos já com a dor dele e com a nossa. Diz que prolongar a vida dele é egoísmo nosso...”

Será o amor que sentimos que nos impele a tomar a decisão da eutanásia ou será o nosso cansaço face ao trabalho que temos tido tratando daquele animal?

Nos anos em que exerci clínica médica, constatei que a opção da eutanásia se tornou quase uma decisão de comodidade. Isso me entristecia profundamente.

Para mim, matar é um ato de controle e domínio sobre aquilo que há de mais sagrado. Pensei infinitas vezes que se é a própria vida que decide quando nascemos, ela também saberá quando vai terminar.

Um médico veterinário que goste realmente de animais e consiga sentir verdadeiramente aquele momento sabe que uma parte dele também morreu com aquela eutanásia. Muitas partes minhas morreram naquele momento da injeção mesmo quando via um animal em estado terminal agonizando de sofrimento.

Os animais morrem por nós sempre que for preciso, para nos ajudar, não precisamos matá-los deliberadamente, e por isso sinto fundamental dar voz a cada animal nesse momento.

Se comunicar com um animal antes da opção de eutanásia permite que todo o processo se torne consciente e se “ouça” a sua real opção nessa decisão, o porquê de o animal ter aquela patologia ou disfunção como as mensagens que quer deixar aos seus donos. Tudo se torna mais claro e o humano minimiza a sua dúvida e os sentimentos de culpa.

Quando a dúvida persiste, mesmo depois de o animal comunicar a sua vontade, tente então obter a sua própria resposta – retire-se para um ambiente calmo e se possível na natureza, feche os olhos, respire profundamente e imagine algo que o faça feliz. Aguarde alguns minutos. Quando sentir uma grande paz interior, pergunte se já chegou o momento de ajudar o seu animal a desvincular-se do seu corpo físico. Aguarde a resposta que surge, ela será uma resposta clara, direta e simples que você deve aceitar e não questionar de novo.

Esta técnica permite aprender a ouvir a sua intuição, que é um dos seus mais valiosos recursos e uma verdadeira amiga que o guia quando tudo à sua volta permanece enevoado.

Muitas pessoas me pedem ajuda pois não conseguiram ainda superar a dor de terem eutanasiado o seu animal ou mesmo porque se arrependem dessa opção. Só há uma forma – foque-se na sua intenção naquele momento, pois a intenção é absolutamente tudo. Se o queria “despachar” para que ele não o incomodasse mais, assim já compreendo o remorso que sente. Como não deve ter sido o caso, liberte-se da culpa para poder prosseguir, pois naquele momento fez aquilo que pôde e que sabia em nome do amor.

Como viemos constatando ao longo deste livro, não há acasos, por isso questione-me: por que será que certas pessoas têm de passar pela experiência da eutanásia do seu animal e outras não?

A decisão de eutanasiar um animal surge em famílias ou pessoas que precisam trabalhar o seu próprio medo da morte ou da dor física.

Uma linda cadela pequinês preta de nome *Lenka*, idosa e com uma imensidão de patologias diagnosticadas, comunicou-me que dificilmente iria morrer de forma silenciosa enquanto dormia, pois a sua dona tinha de passar por uma profunda aprendizagem sobre o conceito de morte e ela também seria um veículo para essa aprendizagem.

Muitas vezes tentamos prolongar a vida dos animais à espera de um milagre, com medo de o perdermos. Outras vezes não queremos vê-los sofrer e pedimos que os libertem da dor o mais depressa possível. A verdade é que somos nós, e não os animais, que temos medo da morte ou da dor.

Quando exercia clínica, vi centenas de pessoas que ao mínimo sinal de dificuldade corriam para fazer eutanásia de urgência porque “não podiam ver o animal sofrendo”.

No momento da despedida, os animais oferecem sempre uma oportunidade única para constatar a diferença entre amor e apego.

Por eu própria ter tido essa aprendizagem nesse momento, irei partilhar com vocês a carta que escrevi ao meu primeiro grande amor de quatro patas, o *Puffy*, que se despediu da Terra enquanto eu escrevia este livro. Durante toda a sua vida, ele carregou consigo uma doença autoimune – lúpus – que resultava da minha incapacidade de assumir a minha totalidade.

A sua missão ficou cumprida quando cheguei aqui, à escrita deste livro.

A forma como ele escolheu se despedir, quando eu estava muito longe fisicamente e a minha mãe parcialmente incapacitada de se mover devido a um acidente que tinha sofrido, deu-nos a última, preciosa e dura lição, quando de manhã ninguém o encontrava em lado algum. Apenas o meu sonho durante aquela noite de agosto e a minha certeza posterior de que iríamos encontrar o seu corpo, para que a minha mãe conseguisse aceitar a sua morte e terminasse com tanto sofrimento pelo seu desaparecimento. O seu corpo apareceu três dias depois, tal como previ.

Escrevi-lhe a carta ao som da música “A Whole New World” do filme *Aladin*, a música que sentia como nossa, pois vi este filme pela primeira vez com o *Puffy* deitado no meu colo e os seus doces olhos sempre postos em mim.

O seu amor e os seus ensinamentos, durante toda a sua vida e no momento da sua morte, vão permanecer comigo pelo menos até ao momento da minha despedida.

CARTA AO PUFFY

O meu coração fala bem alto no silêncio desta despedida... Um adeus que suplica para você voltar rápido para o colo que sempre me pediu. Dói e por isso as minhas lágrimas caem. Pelo que você fez por mim. Pelo que me ensinou. Meu amor-mestre...

Sinto-me tão profundamente grata por esta viagem ao seu lado. Jamais uma palavra consegue traduzir tanto de nós.

Um amor que perdurará e vai curar esta ferida que agora sinto. Tal como a que você transportou em ti, por mim.

Você se despede no momento em que a sua missão já foi cumprida – aprendi a ouvir e a pôr em prática a minha intuição, aprendi a refinar a minha sensibilidade e afetividade quando coloco o meu lado maternal ao serviço de quem procura a minha ajuda, aprendi a ser eu, sem máscaras e na totalidade!

Na noite em que você partiu, acordei repentinamente angustiada ao ver você caminhar por um longo trilho infinito. Olhou para trás, e com o sorriso único que te caracterizava, sorriu e continuou. Gritei para voltar, mas você prosseguiu até desaparecer. Separavam-nos 300 km de distância e era demasiado tarde para ligar à minha mãe que tinha você mais perto.

Deixo pra você um último pedido: que a nossa despedida seja um eterno reencontro.

Te amo, meu pequenino.

AS QUESTÕES MAIS FREQUENTES

Surtem sempre muitas dúvidas ao longo do caminho que você partilha com o seu animal. As decisões a tomar perante um problema de saúde, os tratamentos, a possibilidade de cirurgia, o que ele “pensa” de si, por que se comporta daquela forma, e muitas outras.

Nesta reta final do livro, vou me debruçar sobre questões que acho relevantes e uma ou outra questão que levante mais polêmica. Perguntei-lhes e eles responderam. Quem melhor saberá senão os próprios animais?

Ser ou não ser vegetariano, eis a questão?

A cadeia alimentar é uma realidade, mas questiono-me por diversas vezes por que é que a inteligência humana, que já disponibiliza viagens espaciais de turismo, ainda não inventou uma forma de alimentação que não se baseasse na morte?

Por um lado argumenta-se que não há suficiência vegetal no planeta para alimentar a humanidade se todos fôssemos vegetarianos, além de que é sempre necessário um equilíbrio para a maioria dos sistemas biológicos.

Por outro, contra-argumenta-se que quem detém o monopólio da terra e dos recursos não tem grande interesse na produção de vegetais para alimentar os seres humanos, mas sim para alimentar animais de produção, pois esta constitui-se como uma atividade muito mais lucrativa que a agricultura.

Que pensam disto os animais de produção?

Eles ensinaram-me que há animais que vêm servir a humanidade ao permitir-lhes o sustento e a saúde. O seu propósito é alimentar a humanidade, pois sem eles seria impossível nutrir os sete bilhões de pessoas, das quais muitas não conseguem passar sem o seu “bifinho”.

Na Antiguidade, há descrições de rituais em que se chamava um animal tendencialmente feroz que concordava voluntariamente em entrar nessa comunidade sem oposição, e aí era honrado, morto de forma respeitosa e ingerido na cerimônia. Tratava-se de um acordo entre o animal e o humano, sendo bem compreendido por ambas as partes.

Em relação ao vegetarianismo, os animais comunicaram que não é prova imprescindível do nosso amor e respeito por eles. Os animais serão mortos de qualquer forma, nos matadouros, e o vegetarianismo só deve ser praticado pela nossa saúde e pela nossa verdade.

Se a nossa verdade for não compactuar com os maus tratos, deixamos assim de consumir carne. São os maus tratos e as atrocidades humanas que magoam o coletivo animal.

Durante o meu curso, frequentei vários matadouros. Assisti a mortes traumáticas para os animais. Percebi que não conseguia mudar o mundo para que as mortes fossem limpas e honrosas, por isso a única estratégia que tive foi não ingerir mais aquela crueldade porque se entrava no meu organismo, entrava no meu coração.

Se você está lendo este livro, tenho a certeza de que gosta de animais e não lhes faria qualquer barbaridade de forma consciente. É exatamente às mãos de quem não se vai interessar por ler este livro, que eu gostaria que esta partilha chegasse.

Se você levasse um choque elétrico para morrer sem compreensão prévia, não acha que sentiria um susto e uma dor enorme no momento da sua morte? E esta é uma das mortes menos bárbaras que se praticam.

Tenho a certeza de que, para além da dor e desolação que sentiria, a nível orgânico, iria libertar imensas substâncias relacionadas com o estresse e trauma do momento. É isso que acontece com o animal, que liberta nesse momento essas substâncias traumáticas para a sua carne que depois é consumida por nós.

Tenho explicado ao longo do livro que os animais sentem tudo, que são hipersensíveis. O que sentirá então um animal naquele momento?

Há pouco tempo uma criança perguntou-me se os peixes sentiam dor. Nunca me tinha debruçado profundamente sobre essa questão e fechei os olhos durante três segundos para receber a resposta: “Não tanta como nós”.

De fato, o cérebro dos peixes não tem o mesmo desenvolvimento na área de percepção de dor que os humanos. Parece-me uma adaptação muito sábia da natureza, um animal que serve para o uso e consumo humano sentir menos dor. Não seria justo permitir que eles sofressem ainda mais com a crueldade humana que persiste.

Se os animais para nosso consumo fossem tratados com respeito, estaria tudo certo! Os animais que são criados para serem consumidos deveriam ser tratados com consciência superior e honrados de igual forma ou ainda mais que aqueles que nos fazem companhia.

Eles são sacrificados para a nossa sobrevivência, são o apoio para a nossa vida no planeta e continuam persistentes com o seu propósito apesar de toda a crueldade.

Se conseguirmos consumir carne da forma mais inócua, digna e respeitosa para os animais, podemos ficar em paz.

Nem sempre é fácil sabermos de onde vem e como foram abatidos esses animais, mas se nos tornássemos todos atentos a isso, talvez as mudanças comessem a ocorrer mais rapidamente.

Este tema me faz recordar sempre a postura do Dalai Lama perante a ocupação do Tibete. Se formos fundamentalistas, haverá mais dificuldades em encontrar consensos.

Como o próprio Dalai Lama disse:

“Ter verdadeiramente compaixão implica ter compaixão tanto pelo cão, como pelo homem que lhe bateu.”

Ainda no âmbito do tema da alimentação, agora a alimentação dos animais, creio oportuno partilhar aqui uma comunicação marcante.

Ben era um labrador retriever de cor chocolate com doze anos a quem, a pedido da sua dona, questionei numa comunicação por que ele era muito comilão. Ele, numa sabedoria tranquila envolta em humildade e grandiosidade, comunicou-me:

“Eu e a grande maioria dos animais somos gulosos porque sabemos que não é o que comemos que nos faz verdadeiramente mal. Além disso, não vivemos presos a uma necessidade exterior de reconhecimento estético como os humanos. Espelhos nós já somos, não precisamos nos ver ao espelho. Não é o que nos entra na boca que nos mata...”

A sua dona, ouvindo-me em total êxtase, acrescentou à minha comunicação.

“Não é o que nos entra na boca que nos mata, mas sim o que dela sai...”

Palavras de Jesus, que eu desconhecia até então, mas que a dona reconheceu de imediato por ser uma atenta e dedicada leitora e pregadora da Bíblia.

O meu animal quer ser castrado?

A castração é a cirurgia mais recomendada ao cão e gato de estimação para impedir que eles se reproduzam sem controle, para prevenir doenças como os tumores de mama e ovários nas fêmeas (e testículos e próstata nos machos) e para diminuir o risco de fugas e brigas nos machos.

Apesar de ser uma prática comum em todo o mundo, ainda é um tema envolto em mitos e medos.

Já “ouvi” de tudo quando os questiono se querem ser castrados. Há animais que rejeitam de imediato, outros que vão assimilando a proposta e aceitando. Ainda não me comuniquei com nenhum animal que dissesse prontamente:

“Quero, quero!”

É uma sugestão a digerir dado que eles se adaptam às nossas necessidades.

Na maioria das vezes, peço aos donos para os irem preparando no período que antecede a cirurgia, falando com eles, dizendo que eles estão seguros e tudo irá correr bem. Evidenciar o porquê de tomarem essa decisão e verbalizá-la é fundamental.

O pós-cirúrgico dos animais que foram informados e preparados dessa forma corre de uma forma mais fluida, praticamente sem contratempos comparativamente aos animais não avisados. Esta é a experiência da generalidade dos comunicadores com animais.

Já ocorreram várias situações em que donos de animais me disseram que estavam muito divididos em avançar ou não para qualquer cirurgia, e o seu animal acabou por falecer nessa mesma cirurgia. Nestes casos, o importante é o dono aprender a discernir se essa dúvida provém do seu medo ou se é a sua intuição que o está avisando.

De um ponto de vista espiritual, a castração não é negativa nem uma limitação, como muitos pensam. Vou explicar o porquê.

Certa vez li que tudo se resume ao sexo, e o impulso sexual move-nos para a luz ou para as trevas, assim como demonstra a simbologia do pecado original.

A preocupação excessiva por imagem, poder, dinheiro e por aí sucessivamente mostram como o sexo é de fato a grande força motriz. A indústria do sexo fatura, anualmente, cerca de 13 bilhões de dólares nos Estados Unidos, o que mostra o quanto rentável se tornou essa compulsão sexual da humanidade.

Vejo o sexo como a manifestação do poder criador e um dos instrumentos do amor. Mas sem amor, fica somente o impulso sexual.

Sendo os animais o nosso reflexo, essa dinâmica sexual humana faz com que energeticamente os animais se mantenham e concentrem no centro sacral ou chakra sexual.

A castração fará com que a energia sexual do animal se movimente e ascenda para outros centros energéticos do corpo. Também permite que ocorra a verdadeira individualização do animal e assim aproxima-se mais dos humanos para o seu serviço incondicional.

Qual o treino mais adequado para o meu cão?

É no treino de cães que compreendemos bem a ligação humana e animal.

Por isso Cesar Millan, o famoso encantador de cães, diz que treina as pessoas e reabilita os animais.

Ao assistir a vários programas, observei que a consciência dos donos humanos é o mais relevante na dinâmica do treino.

Como acalmar um cão se não temos calma?

Esta contradição emocional, mesmo que seja só ao nível energético e até exteriorizemos uma postura serena, é altamente perceptível para qualquer animal. Eles sentem tudo! As máscaras humanas são perfeitamente detectadas no mundo animal.

Quando um animal apresenta uma perturbação comportamental, os seus donos reagem de diversas formas – um dono que reage impulsiva ou agressivamente perante esse comportamento, sem qualquer tipo de controle emocional, ainda terá de aprender mais sobre o seu próprio poder pessoal e força interior.

A assertividade é o grande alicerce do poder pessoal. Não é o poder sobre o cão, é o poder de estarmos centrados em nós e no objetivo que pretendemos. Ao senti-lo, o cão respeita e reage em consonância.

Na grande maioria dos casos, os animais que são facilmente treinados pertencem a donos que cumprem ordens com facilidade, e os cães mais rebeldes para o treino pertencem a donos com alguma impaciência com a autoridade.

Lembre-se desta máxima: “o treino não representa nada comparativamente à vontade de agir”.

Cesar Millan explica que um verdadeiro e eficaz treino animal consiste em aprendermos a satisfazer as necessidades instintivas do nosso animal – disciplina, afeto e exercício. Para a disciplina, são necessários confiança, respeito e lealdade. O afeto virá a seguir, pois intensifica a predisposição do momento.

Assim é nas relações humanas – se não houver confiança e prevalecer o medo, o afeto não cria raízes, não resolvendo as situações em que o treino podia se mostrar efetivo.

Ajude-me a encontrar o meu animal!

Os pedidos para encontrar animais desaparecidos são uma constante na vida de um médium comunicador.

Infelizmente, poucos desses casos conseguem ser solucionados e nem todos os comunicadores os aceitam exatamente por isso.

Os animais que fogem não permanecem fixos em determinado lugar e movem-se constantemente por diversos espaços físicos, logo, mesmo que no momento da comunicação surjam indicações claras sobre o que o animal está visualizando à sua volta, a pista acaba por ser vaga.

Um médium não tem propriamente um “localizador” incorporado e é por isso que muitos criminosos no mundo ainda permanecem

com paradeiro desconhecido. Contudo, nos EUA, investigadores criminais e médiuns trabalham lado a lado, e os médiuns mais especializados em investigação ajudam a resolver com sucesso os casos difíceis e misteriosos e até dão palestras no FBI sobre as suas técnicas.

No meu trabalho, posso dizer se, naquele momento, o animal ainda está vivo ou não, e no caso de estar vivo, o que vê à sua volta e outras quantas indicações do gênero.

O que os animais me ensinaram nestes casos é que nós deveríamos focar no motivo da sua fuga e não em tentar descobri-los.

Existe sempre um motivo para os animais desaparecerem, por mais difícil de aceitar e estranho que nos possa parecer.

Os motivos apontados são diversos: porque o seu ciclo conosco chegou ao fim, porque espelham a necessidade de liberdade de alguém que vive na sua casa e são eles que “fogem” em vez do dono ou dona.

Certa vez me comuniquei com uma gata que atribuiu a sua fuga a um misto entre curiosidade de ver o mundo lá fora e uma certa inocência, tal como a sua dona. Enquanto a sua missão for necessária, eles permanecem juntos de nós, mesmo que de vez em quando gostem de dar o seu passeio pelos arredores para fazer novas amizades ou até quem sabe... inimizadas.

Mas há um motivo ainda mais surpreendente e comovente!

Um animal sente que não tem capacidade energética para ajudar aquela família ou aquela pessoa e, confiando que o seu dono adote logo um novo animal que melhor cumpra a missão necessária, desaparece.

Alguém ainda duvida do amor incondicional destes anjos?

O meu animal está sofrendo?

Todos nós reconhecemos intuitivamente algumas expressões que indicam dor no nosso animal, mas dificilmente conseguimos avaliar o nível dessa dor.

Muitos animais começam a ficar prostrados, isolam-se, perdem apetite, apresentam uma respiração ofegante ou comportamentos alterados como lamber em excesso uma zona ou tentar morder quando alguém lhe toca numa determinada área.

Comunicar-se com o seu animal vai permitir clarificar aqueles sinais e faz toda a diferença perceber se eles são realmente resultado da dor que o animal sente e onde lhe dói.

A avaliação da dor é sempre muito subjetiva, até na espécie humana, e no caso dos gatos, parece ser ainda mais difícil de reconhecer tendo como base o seu comportamento.

Os felinos selvagens não podem demonstrar fraqueza ou doença a fim de não se tornarem presas, e é por esse motivo que muitas vezes dizemos que os gatos “escondem” que estão doentes ou com dor.

Ciara era uma gata que estava escondida há várias horas dentro da chaminé da lareira. A dona pediu que eu me comunicasse com ela depois de conseguir retirá-la da chaminé a muito custo. Ciara apresentava uma postura corporal tensa e encurvada e estava muito estática. Rejeitava o alimento e quando os donos se aproximavam, ela começava a bufar e a tentar fugir.

“Será que Ciara tem dor ou está zangada conosco? Se tem dor, onde lhe dói?”, perguntava a sua dona muito preocupada.

“Ciara comunicou-me que sente muita dor na zona da virilha. Essa dor começou depois de ir ao jardim. Provavelmente vocês têm de levá-la a uma clínica para lhe darem um sedativo porque com tanta dor ela não permite sequer que a agarrem”, disse aos donos.

Os donos seguiram essa indicação e foi assim que se descobriu uma ferida pequena mas muito profunda causada por um espinho de uma rosa que penetrou nessa zona da virilha.

Desengane-se quem pensa que os animais de estimação sentem menos dor do que nós. As estruturas anatômicas e os mecanismos neurofisiológicos envolvidos na percepção da dor são semelhantes, logo é sensato assumir que, se um estímulo é doloroso para uma pessoa, será também para um animal.

O que eu própria verifiquei enquanto me dediquei à prática de Medicina e Cirurgia é que os animais são bem mais estoicos e corajosos que nós no processo de recuperação de alguma doença ou cirurgia.

A nossa sensibilidade não é sinónimo de ausência de força, respondem os animais.

Se sou eu a causa do problema, como posso então ajudar o meu animal?

Como tenho explicado ao longo do livro, não deixe espaço no seu coração para se culpar quando tiver contato com o motivo do problema do seu animal. No nosso coração só deve existir gratidão profunda por eles.

Conhecer somente as preferências do seu animal – comida, brinquedo ou local de descanso preferido, entre outros – pode tornar a vida dele mais preenchida, mas não o faz mais feliz e saudável. Por isso, tudo tem de ser partilhado para que o problema que ele demonstra não seja em vão.

Por ser a origem, você não fica impedido de ajudá-lo. É exatamente o contrário – a cura parte verdadeiramente de você.

A Medicina encarrega-se de tratar os sintomas físicos, mas o reconhecimento e a consciência da causa psíquica daquele problema são somente seus.

Tenho sugerido apoio energético aos animais quando estão doentes ou convalescentes. Como são totalmente permeáveis à energia, só podem se beneficiar se utilizarmos a nossa energia de cura através de técnicas como o Reiki, que o faz pela imposição das mãos.

Se você próprio é terapeuta e tem um ou mais animais de estimação, é uma necessidade ajudá-los energeticamente.

Tenho me comunicado com muitos animais pertencentes a terapeutas – psicólogos, acupunturistas, massagistas, terapeutas holísticos – que me explicaram que estão duplamente ao serviço deles. Apesar de todos os animais serem terapeutas, estes animais ajudam direta ou indiretamente o seu dono, ajudando os pacientes do seu dono com quem têm contato.

Comuniquei-me com um gato que vivia numa fazenda onde os seus donos eram terapeutas e faziam retiros espirituais. Ele era um animal muito sociável e amoroso com todas as pessoas que lá iam. O seu compromisso era ajudar as pessoas a reencontrarem-se, primeiro o dono e depois todas as pessoas que iam até ao retiro. O efeito colateral disto foi uma anemia cíclica, que durante muitos anos os médicos não conseguiram explicar e tratar.

Também podemos efetivamente ajudar complementando o tratamento médico com tratamentos energéticos ao animal.

Para quem não tem essa preparação ou formação, a melhor maneira de fazê-la é dar carinho, pois a energia positiva do seu amor passa para o animal.

As pessoas que oram, independentemente da sua crença, devem fazer isso com o seu animal por perto, ou até mesmo segurando-o no colo. Se pedirmos ao Céu para proteger os nossos entes queridos, também podemos orar a favor dos nossos parceiros de jornada. Conheci um monge budista que, antes de começar a sua meditação, trazia os seus quatro cães para perto de si e ali ficavam relaxados e em silêncio durante mais de uma hora.

Se a pessoa com quem o animal está comprometido tomar consciência e integrar a raiz do problema, começando a trabalhar ativamente sobre ela, as melhorias surgem no animal.

As pessoas que realizam uma consulta de comunicação com o seu animal e até concordam com o que foi descrito, mas que na prática ignoram essa informação, continuam repetindo os padrões inadequados sem grande iniciativa para os assumir e enfrentar, não entendem por que não há alterações significativas.

Isso ocorre especialmente em casos de doenças crônicas (problemas renais, articulares, entre outros) em que o animal melhora na altura da comunicação, mas passado um mês ou dois tem uma nova recaída. Quando pergunto aos donos o que já resolveram neles próprios, eles respondem-me que têm estado muito ocupados ultimamente com outras coisas ou que a preocupação e dedicação têm sido dadas aos animais e não a eles. Na verdade, ainda não compreenderam que se trabalharem sobre si próprios, o animal só vai se beneficiar, pois está tudo relacionado.

O Dr. Ryke Geerd Hamer, médico famoso pela criação da Nova Medicina Alemã, afirma que qualquer inflamação surge sempre em consequência da resolução de um conflito – quando um conflito começa a ser resolvido, o organismo ativa a cura e a inflamação aparece. Por isso é que tenho explicado que as doenças surgem após um evento conflituoso e não no preciso momento do evento. Primeiro o alerta é dado ao nosso sistema energético e só posteriormente ao corpo físico.

Costumo dar o exemplo das “férias estragadas”, pois muitas vezes uma pessoa que está infeliz no seu ambiente profissional, quando se liberta desse ambiente para as desejadas férias, inicia as férias e surge-lhe algum problema ou doença. Se uma doença se instala durante mais tempo ou regressa é porque o conflito não foi verdadeiramente superado através do amor e do perdão.

A mudança de padrões inadequados em nós é um trabalho de persistência, tolerância e vigilância que pode durar tempo variável, pois são padrões muitas vezes reincidentes (vida após vida, se acreditar na reencarnação).

Se esse padrão está profundamente enraizado ou tem sido muito prolongado na sua vida, o animal tentou primeiro dissipar essa energia, mas devido à sua densidade, ele começou a absorvê-la e agora pode estar como que “saturado”. O animal sacrifica a sua saúde e até a sua vida para que o dono fique aqui para continuar o seu caminho de evolução. Por mais difícil que isto seja de aceitar. Refiro-me a espíritos puros, uma energia angelical.

Se você olhar para dentro de si, honre tudo o que o seu animal faz por você, pois não ignorou as suas mensagens.

Numa comunicação relativamente recente que fiz com uma gata, ela estava constantemente olhando para a zona do peito da sua dona. A cada partilha, finalizava com essa imagem. Adverti a senhora que devia ir fazer uma ecografia mamária ou mamografia, pois a sua gata estava sendo muito insistente. Ela respondeu que a sua gata estava sempre muito encostada ao seu peito nos últimos meses, e talvez fosse por isso que eu via essa imagem, pois não sentia nada nem tinha nenhum nódulo no peito. Voltei a insistir e ela disse que ia pensar. Três meses depois esta mesma senhora informou-me que lhe tinham acabado de diagnosticar um câncer de mama e se sentia zangada consigo por ter desprezado a informação que tinha recebido na comunicação com a gata, pois “nem sempre estamos à espera do que vamos ouvir ou temos sequer consciência”, disse-me.

Nós podemos ajudá-los se cuidarmos de nós.

Para que você se beneficie verdadeiramente de uma comunicação telepática com o seu animal, primeiro tem de largar qualquer padrão de vitimização – se não conseguirmos assumir os nossos erros, culpando sempre as pessoas à nossa volta do que está acontecendo, dificilmente ocorre uma grande transformação dentro ou fora de nós.

Muitas pessoas têm curiosidade em saber sobre os seus animais, mas não querem enfrentar o que realmente eles têm para dizer sobre as suas vidas.

Hoje questiono sempre as pessoas que pretendem uma comunicação se estão preparadas para se olharem ao espelho de verdade.

Fazer uma comunicação e ignorar o que foi comunicado pelo animal é dizer-lhe que o que ele sente não nos interessa nada. É natural que algum tempo depois surjam novos problemas ou piores os que estão instalados.

A Medicina vai tentando fazer o que pode, mas falta a outra parte – Você!

CONCLUSÃO

Ter contato com o amor incondicional mudou-me profundamente.

O seu caminho é um caminho de profunda compaixão e amor verdadeiro.

Apreendi que os animais são um espelho de nós mesmos numa dádiva profunda, incondicional e real, um espelho ao mais ínfimo pormenor. Ao olhar um animal de perto, vemo-nos refletidos nos seus olhos, com um brilho muito maior que nos olhos de uma pessoa. Brilhamos mais nos olhos dos animais.

Apreendi que o seu trabalho de cura é considerado por eles um lindo privilégio em forma de serviço.

Apreendi que os animais foram enviados para perto de nós para que não estejamos sozinhos na nossa caminhada e assim todos caminhamos em parceria.

Os animais ensinaram-me que são os nossos anjos da guarda encarnados.

E como a verdade vence tudo, deixemos que ela agora inunde o seu coração, começando a reconhecer este amor incondicional na sua vida e que todos somos um!

Sou tão grata a vocês, queridos animais!

AGRADECIMENTOS

Sou tão grata a vocês!

Gratidão é a palavra que me enche o coração a cada manhã e ao fim de cada dia. A gratidão que sinto na missão que escolhi para servir a fonte da criação, Deus.

Grata aos meus guias espirituais que permitem levar tanta Luz e me transmitem uma fonte infindável de conhecimento para ajudar, ensinar e guiar tantos seres que até mim chegam.

Grata aos arquitetos desta minha jornada, Agostinho e Julieta. Vocês, meus pais, compreenderam quando parecia incompreensível e são as grandes raízes da minha árvore. Grata pelo amor e apoio de vocês. Grata, mãezinha, por caminharmos lado a lado na descoberta da mediunidade, da evolução e da cura.

Grata aos avós – José, Maria do Carmo e (pediatra) Carlos Dória – que conseguiram me ensinar como a verdadeira fé, a medicina e a mediunidade podem andar de mãos dadas.

Grata a Daniel, meu marido, que me ensinou que a vida não é um jogo sobre perfeição, mas sobre amor e felicidade. Grata pela paciência de todos os momentos e por aprendermos juntos que o amor não é pensado, mas sim sentido.

Grata à editora Lua de Papel, por ter acolhido de braços abertos a mensagem que este livro veicula, permitindo que a verdade sobre os animais chegue a muitas mais pessoas.

Grata à escritora e amiga Sara Rodi, que surgiu três dias depois de eu ter pedido ao Céu uma fada madrinha que me encaminhasse para publicar este livro. Grata a um dos seus livros publicados em que a minha história de vida também faz parte.

Grata a todos os meus amigos, em especial à Catarina Pinto, que nestes quinze anos de amizade sempre me incentivou a escrever, e ao Helder Leong, por ser um irmão de coração e pelo grande apoio que me ofereceu em 2012.

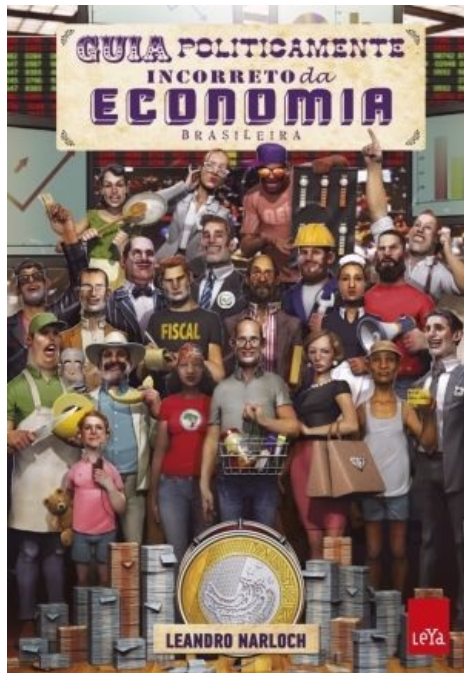
Grata à Maria Cabral Pires, à Sara Pinto Cardoso e à Vanessa Carvalho, médicas veterinárias e amigas que acreditaram nos meus projetos desde o primeiro minuto e os divulgam sem fim. Em especial a você, Maria, que é incansável. Grata também à Sílvia Brites e Ilda Teixeira, que foram grandes raízes de divulgação do projeto Ama-Te. Agradeço a todas o seu altruísmo.

Grata a todas as pessoas, bebês e animais, espalhados por todo o mundo, a quem dei consultas, e que me fizeram compreender, a cada sessão, que a medida do amor é amar sem medida. Grata a tantos mimos em forma de presentinhos, palavras e depoimentos divulgados que constroem a verdadeira publicidade do meu trabalho.

Grata aos animais, por tudo e mais alguma coisa. Grata por me ensinarem, de formas tão profundas, sobre o meu próprio processo. Grata por serem os veículos de uma missão de cura dos humanos e me responsabilizarem como a voz de vocês. É uma honra a qual lhes dedico todos os méritos.

Grata aos meus animais, aqueles que partilharam comigo a sua vida todos os dias. Aos que ainda estão fisicamente comigo: ao *Mel*, por dar gritos de alegre euforia durante meia hora sempre que me reencontra, à *Luz* que ligava o “motor de ronronar” sempre que eu retomava a escrita deste livro. Ao *Puffy*, a quem dedico este livro, pois sem a sua preciosa ajuda creio que seria impossível ser hoje uma voz dos animais.

Grata às centenas de almas com quem cruzei e fazem parte da minha história, pois permitiram, pelas mais diversas experiências, tornar-me a mulher que sou hoje.



Guia politicamente incorreto da economia brasileira

Leandro Narloch

9788544102350

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Se amanhã você acordar com a estranha decisão de prejudicar os trabalhadores brasileiros, espalhar a miséria e a corrupção e aproximar o país do Apocalipse, saiba que assim estará lado a lado com diversas das leis e medidas econômicas que o governo pratica todos os dias e que têm como apoiadores ativistas corretos e políticos bem-intencionados. O bom mocinho é o maior vilão da economia brasileira. Foi com a intenção de desmascará-lo que nasceu este livro um guia contra as vacas sagradas do discurso econômico politicamente correto. Ao revelar os clichês econômicos repetidos diariamente por quem se considera herói contra a opressão, a desigualdade de renda e a insegurança da indústria nacional, Leandro Narloch mostra que é justamente por meio desses argumentos enganosos que perpetuamos o freio do desenvolvimento e do enriquecimento da população. Sobre o autor Leandro Narloch foi repórter da revista Veja e editor de Superinteressante e Aventuras na História. É autor do Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil e coautor do Guia Politicamente Incorreto da América Latina.

[Compre agora e leia](#)



God of War II

Vardeman, Robert E.

9788580447699

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após derrotar Ares e conseguir sua vingança, Kratos ascende ao Olimpo e torna-se o novo Deus da Guerra. Mas seus problemas estão só começando: humilhado e nova mente traído, o Fantasma de Esparta descobre o verdadeiro jogo dos deuses, no qual é apenas uma peça. Agora eles devem pagar. Renascendo dos mortos e abrindo seu caminho para fora do Hades, Kratos parte em busca do impossível: matar Zeus, o Rei do Olimpo. Para isso, o espartano deve encontrar as Moiras, aquelas que detêm o poder sobre o destino de todo o cosmos e que estão acima dos próprios deuses. Em sua jornada, Kratos terá de enfrentar criaturas de poder indizível e alguns dos maiores heróis gregos, como Teseu, Jasão e Perseu. Mas ele não estará sozinho em sua busca: uma força antiga ressurgiu, dando início a uma aliança que fará o Olimpo tremer... Pode um simples mortal mudar seu destino? Encontre a resposta neste segundo volume da saga de Kratos, cujo fim guarda uma surpreendente revelação.

[Compre agora e leia](#)



A menina que não sabia ler

Harding, John

9788544100202

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

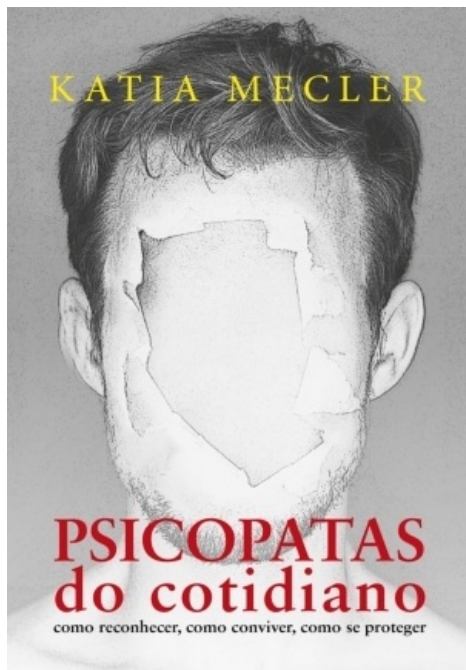
Um acidente de trem. Uma identidade trocada. Os detalhes poderão mudar o rumo dessa história... Depois de viver presa num mundo obscuro, assustador e sem palavras em *A menina que não sabia ler*, a pequena Florence viverá uma nova e misteriosa aventura onde nada é realmente o que aparenta ser e todos podem se tornar inimigos em potencial. Mas onde ela encontrará uma saída? Um aliado? O misterioso médico John Shepherd busca um recomeço para sua vida em um lugar nada promissor — uma ilha que funciona como uma clínica psiquiátrica exclusivamente para mulheres. Nesse antro de segredos e sofrimento, Shepherd tentará esquecer seus pecados devolvendo a humanidade às pacientes. A primeira em quem vai experimentar sua doutrina de cuidados, o "tratamento moral", é uma atraente jovem pálida de cabelos escuros que não se lembra do próprio nome, fala de modo estranho e não consegue saber quando e como chegou àquele lugar. Por que afinal ela desperta tanto a curiosidade do médico? Entre pacientes mais inteligentes que as próprias enfermeiras responsáveis por elas, segredos por todos os lados e figuras assombrosas (e assombradas) percorrendo misteriosamente os corredores da clínica durante a noite, as vidas de Florence e John Shepherd estarão mais ligadas do que podemos imaginar... Arrisque-se e tente achar uma saída no labirinto claustrofóbico criado em *A menina que não sabia ler* vol. 2.

[Compre agora e leia](#)

KATIA MECLER

PSICOPATAS do cotidiano

como reconhecer, como conviver, como se proteger



Psicopatas do cotidiano. Como reconhecer, como conviver, como se proteger

Katia Mecler

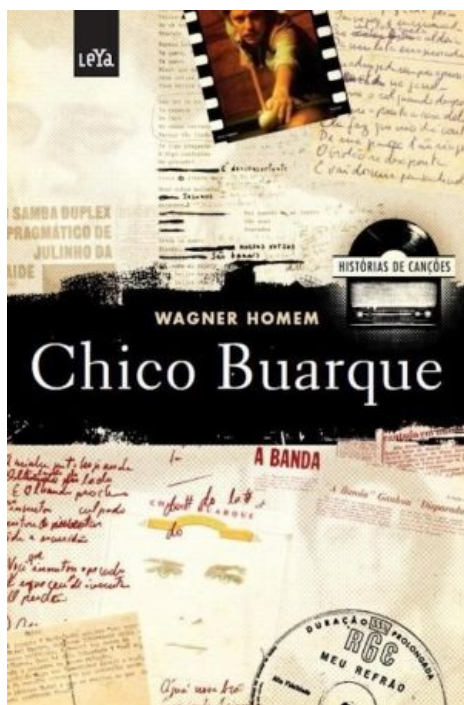
9788577345717

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Diz o ditado que de perto ninguém é normal. E, de fato, basta parar um minuto para observar o seu entorno e você vai identificar aquela pessoa que é instável demais, outra que é inflexível demais, outra ainda que é teatral ou insegura ou arrogante ou submissa... Os desvios são muitos, e estão sempre à nossa volta. Às vezes são apenas características individuais, que não preenchem critérios para diagnóstico psiquiátrico algum, mas outras vezes são comportamentos repetitivos, peculiares e disfuncionais que causam danos físicos e psicológicos às próprias pessoas ou para aquelas que estão ao seu redor. Este livro identifica estes que são os psicopatas do cotidiano e explica em detalhes as características que levam essas pessoas a agirem assim. Para quem tem um deles ao redor, será uma oportunidade única de descobrir mecanismos que ajudem a manter a própria integridade, física ou psicológica, sem abrir mão da convivência. "As pessoas precisam, isto sim, conhecer melhor seus próprios problemas ou os transtornos de gente do seu relacionamento. E o conhecimento é o melhor caminho para que se possa conviver melhor." Folha de São Paulo, 02/05/2015 Sobre a autora: Katia Mecler é psiquiatra e coordenadora do Departamento de Ética e Psiquiatria Legal da Associação Brasileira de Psiquiatria. É professora do Programa de Pós-graduação em Psiquiatria Forense do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ).

[Compre agora e leia](#)



Histórias de canções - Chico Buarque

Homem, Wagner

9788562936968

418 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro conta as histórias por trás das canções de Chico Buarque. Responsável pelo site do cantor e compositor, Wagner Homem se vale do vasto conhecimento da obra de Chico para destrinchar, com minúcias, episódios relacionados a mais de uma centena de canções do artista. Em cada abertura de capítulo, uma apresentação da cena sociopolítica vigente na época, com exceção dos dois últimos um deles sobre a morte de Tom Jobim, em 1994, em Nova York. O livro é riquíssimo em personagens de todos os matizes. Está ali a nata da cultura nacional, gente como Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Edu Lobo, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Toquinho e Zuzu Angel. Estão também histórias deliciosas como a da parceria de Chico e Vinicius na letra de Gente humilde, música de Garoto. Enciumado com as parcerias de Chico e Tom Jobim (na época eram três), Vinicius pediu que Chico desse um jeito na letra. O amigo nada achou de errado numa letra irretocável e só acrescentou uma estrofe. Foi o suficiente para Vinicius alardear a Tom que agora também era parceirinho de Chico.

[Compre agora e leia](#)